



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**Identidade profissional: a perceção do conhecimento  
no processo de construção de identidade dos  
psicólogos clínicos**

**Maria Elisa Elias Brissos**

Orientação: Professora Doutora Sofia Tavares

**Mestrado em Psicologia**

Área de especialização: Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

Évora, 2014





**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Mestrado em Psicologia**  
*Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde*

**Dissertação**

**Título da Dissertação**

Identidade profissional: a perceção do conhecimento no processo de  
construção de identidade dos psicólogos clínicos

Autor

Maria Elisa Elias Brissos

**Orientador:**

Professora Doutora Sofia Tavares

DATA

JANEIRO 2014



## AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho teria sido mais difícil sem a ajuda, apoio e colaboração de algumas pessoas que não posso deixar no anonimato, a todos devo o maior reconhecimento e a mais profunda gratidão. O meu Muito Obrigada!

Dirijo o primeiro agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Sofia Tavares, pelos ensinamentos, pela objetividade, pelo rigor e competência demonstrada, pelas orientações dadas e que fizeram com que superasse todas as dificuldades, pelo apoio e clareza de afeto num momento particularmente difícil da minha vida pessoal, sem tudo isso não teria sido possível prosseguir e concluir esta investigação.

Aos psicólogos clínicos que gentilmente partilharam comigo o seu tempo de vida pessoal e profissional e contribuíram para a concretização deste estudo.

À Florbela companheira de mestrado que me acompanhou nesta etapa difícil e que muitas vezes me ouviu e ajudou a reequilibrar, pelo seu incentivo e pela calorosa amizade que temos vindo a construir.

Às amigas Mané e Vitória pelas palavras de apoio, pela colaboração e sobretudo pela amizade verdadeira que em vários momentos me ajudou a vencer os momentos de maior incerteza.

A perseguição e a conclusão deste estudo, realizado num esforço de conciliação permanente com as atividades profissionais, só foi possível pelo apoio incondicional da minha família, a eles o meu profundo e sincero obrigado.

Ao Dias e ao Ricardo a quem roubei tempo e carinho agradeço a sua compreensão.



## RESUMO

Este estudo pretende explorar a percepção dos psicólogos clínicos sobre o processo de construção de identidade profissional. Para esse efeito, foi conduzida uma investigação com vinte Psicólogos Clínicos com cinco ou mais anos de prática continuada. Desenvolvemos um estudo de natureza qualitativa, de carácter exploratório, com recurso à análise de conteúdo. Dessa análise emergiram três temas: 1) Definição e características de Psicologia Clínica; 2) Motivações para se tornar Psicólogo Clínico; 3) Trajetórias Identitárias do Psicólogo Clínico.

Os resultados obtidos permitiram definir e caracterizar a psicologia clínica como uma profissão de ajuda e de compreensão do ser humano, sendo esse o principal propósito do seu trabalho. Os fatores motivacionais apontados na escolha da sua profissão centram-se fundamentalmente no Outro, como sejam: a descoberta, a relação, o desenvolvimento pessoal, o conhecimento/compreensão do outro. As trajetórias identitárias assentam essencialmente na formação académica, na formação contínua e pós-graduada, nos estágios, na supervisão, no processo de análise pessoal e, sobretudo, na experiência clínica, sendo estas as componentes bases da sua identidade profissional.

Palavras-chave: Identidade, Identidade Profissional, Psicólogo Clínico, Trajetória Identitária





## Professional identity: the perception of knowledge in the process of identity construction of clinical psychologists

### SUMMARY

This study intends to explore the perception of the clinical psychologists about the process of construction of professional identity. For this purpose, an investigation was conducted with twenty Clinical Psychologists with five or more years of continued practice. We developed a study of qualitative nature, of exploratory character, with resource to the analysis of content. From this analysis had emerged three subjects: 1) Definition and features of Clinical Psychology; 2) Motivations to become a Clinical Psychologist; 3) Identity trajectories of the Clinical Psychologist.

The obtained results allowed to define and characterize the clinical psychology as a profession of aid and understanding of the human being, being this the main intention of its work. The pointed motivational factors in the choice of its profession are focused basically in the Other as they are: the discovery, the relation, the personal development, the knowledge/understanding of the other. The identity trajectories are based essentially in the academic formation, continuous formation and postgraduate, **internships**, the supervision, the process of personal analysis and, over all, in the clinical experience, being these the fundamental bases of its professional identity.

Keywords : Identity, Professional Identity, Clinical Psychologist, Identity Trajectory



# ÍNDICE

## INTRODUÇÃO

### CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

<b>1. Identidade pessoal: diferentes perspetivas</b>	<b>3</b>
1.1. Perspetiva positivista/moderna	3
1.2. Perspetiva construcionista/pós-moderna	7
1.3. A teoria do <i>self</i> dialógico como uma teoria pós-moderna da identidade	11
<b>2. Identidade profissional: processos de construção identitária</b>	<b>18</b>
2.1. Perspetivas de identidade profissional	18
2.2. Identidade profissional do psicólogo clínico	21
2.3. Formação: contributos para o desenvolvimento da identidade profissional	24
2.3.1. Processos de escolha profissional	25
2.3.2. Formação profissional do psicólogo	28
2.4. Prática profissional em contexto: importância para a consolidação da identidade profissional	33

### CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

<b>1. Natureza e objetivos do estudo</b>	<b>38</b>
<b>2. Participantes</b>	<b>40</b>
<b>3. Instrumentos</b>	<b>42</b>
3.1. Ficha de identificação demográfica	43
3.2. Declaração de consentimento informado	43
3.3. Entrevista semiestruturada	43
3.4. Procedimentos gerais	43
3.4.1. Procedimentos de recolha de dados	43
3.4.2. Procedimentos de análise dos dados	45

### CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

<b>1. Apresentação de resultados</b>	<b>49</b>
<b>2. Discussão dos resultados</b>	<b>67</b>
2.1. Definição e características da psicologia clínica	67
2.2. Motivações para se tornar psicólogo clínico	69
2.3. Trajetórias identitárias do psicólogo clínico	70



<b>CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>79</b>
<b>ANEXOS</b>	
<b>Anexo I - Ficha de identificação demográfica</b>	<b>87</b>
<b>Anexo II - Declaração de consentimento informado</b>	<b>91</b>
<b>Anexo III - Entrevista semiestruturada</b>	<b>95</b>
<b>Anexo IV - Tabelas por unidades de registo, por temas</b>	<b>99</b>



## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos participantes	41
Quadro 2 - Perspetiva global dos temas, categorias e subcategorias de análise	49
Quadro 3 - Síntese das subcategorias da categoria “Definição de Psicologia Clínica”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	51
Quadro 4 - Síntese das subcategorias da categoria “Significado de Psicologia Clínica”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	52
Quadro 5 - Síntese das subcategorias da categoria “Definição no Contexto da Intervenção”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	54
Quadro 6 - Síntese das subcategorias da categoria “Qualidades do Psicólogo Clínico”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	55
Quadro 7 - Síntese das subcategorias da categoria “Objetivos da Psicologia Clínica”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	56
Quadro 8 - Síntese das subcategorias da categoria “Procedimentos/Instrumentos do Exercício da Atividade Clínica”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	57
Quadro 9 - Síntese das subcategorias da categoria “Motivação Centrada no Outro”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	59
Quadro 10 - Síntese das subcategorias da categoria “Motivação Centrada no Próprio”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	61
Quadro 11 - Síntese das subcategorias da categoria “Dimensão Saber-Saber”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	63
Quadro 12 - Síntese das subcategorias da categoria “Dimensão Saber-Fazer”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	64
Quadro 13 - Síntese das subcategorias da categoria “Dimensão Saber-Ser”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência	65





## INTRODUÇÃO

A noção de identidade apesar de ser recente no “glossário” das disciplinas que compõem as ciências sociais tem vindo a ser abordada como um processo de identificações, num inter-jogo entre o autoconceito do indivíduo e as suas representações sociais, isto é, a perceção que tem de si mesmo inserido numa dada sociedade e aquilo que a sociedade lhe atribui enquanto características (Ciampa, 1999; Luna, 2003, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010). Desta forma, e considerando que o trabalho desempenha um papel estruturante na construção da identidade profissional do sujeito, esta, pode então, ser definida como a representação que o sujeito faz de si próprio, e que os demais lhe atribuem, no que se refere ao trabalho que realiza (Krawulski, 2004).

Por sua vez, Krawulski (2004) define a identidade profissional do psicólogo como “uma construção social, formada a partir do conjunto das experiências do percurso profissional, embora o pontapé inicial tenha sido a formação académica” (Mazer & Melo-Silva, 2010, p.288). E, embora seja reconhecida a importância da formação académica, dos estágios, da supervisão e da própria experiência pessoal como componentes de base da identidade profissional, esta vai sendo construída e consolidada na prática do exercício da profissão. Deste modo, as dimensões, formativa e profissional assumem uma posição central na construção da identidade profissional.

O processo de construção da identidade profissional do psicólogo pode ser compreendido na perspetiva do desenvolvimento e da transformação do profissional. Essa transformação exprime-se no modo como a profissão penetra a vida pessoal dos psicólogos, produzindo modificações na sua perceção de mundo, nos seus valores e na própria postura diante da vida. Este processo acaba por envolver um movimento constante de “construir-desconstruir-reconstruir significados da profissão, que implica reconhecer e assimilar as ‘metamorfozes’ ao longo do percurso profissional” (Krawulski, 2004, p. 9).

De salientar, que as identidades se tornaram no objeto de estudo privilegiado das ciências sociais a partir da década de 80 (Dubar, 1998). Todavia, se em relação a outras profissões, nomeadamente no sector da saúde e do ensino, se dispõe de uma considerável massa crítica de investigação sobre a identidade profissional, o mesmo não acontece no que respeita ao psicólogo clínico, que tem permanecido praticamente inexplorado, sendo diminutos os estudos neste âmbito em Portugal.

Assim, e porque se trata de um campo de pesquisa que necessita de estudo, consideramos pertinente investigar *o processo de construção da identidade*

*profissional dos psicólogos clínicos*. Para tal, foi conduzido um estudo que tem como objetivos: por um lado, explorar a percepção que os psicólogos clínicos têm da psicologia clínica, da sua atividade e papel profissional e, por outro lado, analisar a trajetória sobre o qual se edifica a identidade de psicólogo clínico desde as motivações, ao percurso formativo e às experiências profissionais.

Tendo por base os objetivos supracitados, propusemo-nos desenvolver um estudo de carácter exploratório alicerçado numa metodologia qualitativa. A opção pelo método qualitativo justifica-se a partir das questões de investigação, que remetem para a exploração da identidade profissional, neste caso dos psicólogos clínicos.

O trabalho de investigação que apresentamos está estruturado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos a revisão que fizemos da literatura, dividido em dois pontos: no primeiro ponto, abordamos a Identidade Pessoal nas perspetivas modernistas e pós-modernistas. Num segundo ponto focalizamos a nossa atenção na Identidade Profissional do psicólogo clínico e nos processos de construção identitária, realçando a contribuição da formação para o desenvolvimento da identidade profissional.

No segundo capítulo apresentamos a fundamentação metodológica do estudo realizado. Num primeiro ponto apresenta-se a natureza e os objetivos que nortearam o estudo, remetendo o segundo ponto para os participantes, o terceiro para os instrumentos e o quarto e último ponto para os procedimentos gerais.

O terceiro capítulo compreende a apresentação e discussão dos resultados do estudo.

Finalmente, as conclusões refletem as contribuições específicas que este estudo pode dar à compreensão dos processos de construção identitária dos psicólogos clínicos, bem como as limitações deste trabalho.

## Capítulo I – Revisão da Literatura

Neste capítulo, reunimos e analisamos os contributos teóricos que servem de referencial para a compreensão do estudo empírico. Sem querermos ser exaustivos, a revisão da literatura apresentada teve por fio condutor a incessante busca da melhor compreensão sobre o fenómeno da identidade pessoal e todo o processo de construção da identidade profissional, em particular do psicólogo clínico.

### 1. Identidade pessoal: diferentes perspetivas

A merecer crescente atenção por parte dos investigadores, o conceito de identidade aparece como um conceito complexo, multifacetado e dinâmico, que se tornou objeto de estudo privilegiado das ciências sociais tais como: sociologia, psicologia, pedagogia, economia e antropologia.

A procura da definição da própria identidade tem sido estudada nos mais diversos contextos, como por exemplo: o da socialização (e.g., Dubar, 1997); da formação como contributo para o desenvolvimento profissional e para a (re)construção da(s) identidade(s) dos professores (e.g., Forte, 2005); da construção de representações sobre a profissão na cultura profissional dos psicólogos (e.g., Bettoi, 2003; Soczka, 1988); da construção da identidade profissional do psicólogo (e.g., Mazer & Melo, 2010; Krawulski, 2004) entre muitos outros.

A identidade tem sido abordada de diferentes formas ao longo do tempo e acompanhado os paradigmas vigentes na ciência, particularmente psicológica. De seguida, exploramos a forma como a identidade tem sido concebida no âmbito do movimento modernista e pós-modernista.

#### 1.1. Perspetiva positivista/moderna

Se recuarmos à antiguidade, vista como testemunho inquestionável do carácter visível e necessário do autoconhecimento, verificamos que a noção de pessoa como unidade não existia antes de Platão. De acordo com Baumeister (1986<sup>1</sup>, cit. Giddens, 1994), “nos tempos pré-modernos o nosso atual ênfase na individualidade não existia” (p.67). Por esta altura, o ser humano não era considerado como uma unidade, os atributos relevantes para a identidade (como a linhagem, o género, o *satus* social) eram relativamente fixos e o papel individual assumia relativa passividade

---

<sup>1</sup> Baumeister, R. F. (1986). *Identity, Cultural Change and the Struggle for Self*. Nova Iorque: University Press.

nos processos de transição que eram efetuados ao longo dos vários estádios da vida. (Giddens, 1994; Salgado, 2003). Por esta razão DurKheim (1984<sup>2</sup>, cit. Giddens,1994, p.67), refere ainda que o “indivíduo, num certo sentido, não existia nas culturas tradicionais, e a individualidade não era apreciada”.

É a partir da institucionalização do cristianismo que se assiste à formulação de um “eu interior”, constituindo-se uma noção de eu como interioridade, ainda presente nos nossos dias em muitos dos discursos religiosos cristãos. O vocabulário adstrito a esta interioridade acaba por se alterar de forma significativa, apenas muitos séculos depois, ou seja, nos primórdios da modernidade (Salgado, 2003).

Segundo Gonçalves (2003) o século XIX constitui em diversas vertentes, um marco importante no desenvolvimento do conceito moderno de identidade que, de índole individualista e racionalista, se define como:

- (i) Autónoma (i.e. estável, mesmo quando se desenvolve ao longo do ciclo de vida);
- (ii) Independente (i.e. diferenciada dos outros);
- (iii) Endógena (i.e. interna ao indivíduo).

Esta ocorre em espaços internos e distintos do campo social (e.g., primeiro o espaço interior da família e depois o espaço interno do indivíduo isolado e introspetivo) (Gonçalves, 2003). Outra dimensão relevante do desenvolvimento da identidade moderna foi a sua importância como “locus de tomada de posição moral, depois da erosão da Igreja e do Estado como garantes da moralidade” (Gonçalves, 2003, p.35).

Herdeira do individualismo moderno, a conceção de individualidade implica uma separação e diferenciação dos outros. A perspetiva que Freud (1923/1976<sup>3</sup>, cit. Gonçalves, 2003) tinha do funcionamento dos grupos mostra-nos bem a essência negativa das relações, por exemplo, em contexto de grupo a vontade individual acaba por se dissolver no seio do movimento coletivo, despoletando processos no funcionamento do grupo, constituindo desta forma uma ameaça à autodeterminação individual.

A conceção de identidade monádica aqui representada, também designada por *self* monadal, é dominada por uma metáfora mecanicista da mente. Segundo esta “existem mecanismos psicológicos no interior dos sujeitos que obedecem a padrões

---

<sup>2</sup> DurKheim, E. (1984). *The Division of Labour in Society*. Londres: Macmillan.

<sup>3</sup> Freud, S. O. (1923/1976). *Ego e o Id*. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

universais, independentes da cultura e do contexto, e que podem ser avaliados e modificados” (Gonçalves, 2003 p.36). Segundo o autor, não tem qualquer relevância a forma como estes mecanismos internos possam a ser descritos, já que, o que emerge constantemente é de facto a ideia de que usufruímos de um conjunto de dispositivos no nosso interior que podem (aliás como todos os mecanismos) adquirir um funcionamento inapropriado.

Dentro desta tradição individualista (tradição ocidental), de inspiração cartesiana, que resulta de uma descoberta interior “a partir de uma contemplação racional dos nossos processos internos” (Gonçalves & Norris, 1996, p.45), podemos atribuir à identidade três características centrais (Gonçalves, 1995<sup>4</sup>, M. Gonçalves & O. Gonçalves, 1995<sup>5</sup>, cit. Gonçalves, 2003): (1) privacidade; (2) carácter reificado; (3) unicidade.

**1) Privacidade e alienação das relações:** A identidade é caracterizada por ser individual e privada, situando-se a realidade psicológica no interior dos indivíduos. Esta conceção foi aceite de forma implícita mesmo pelos comportamentalistas que se recusaram a investigar a interioridade, irredutível à metodologia positivista de investigação. Uma das consequências mais interessantes da privacidade é aquilo que Stolorow e Atwood (1992<sup>6</sup>, cit. Gonçalves, 2003) apelidam de alienação interpessoal, sendo o sentimento de isolamento e de diferenciação dos outros percebido, não só como necessário, mas positivo (Gonçalves, 2003; Gonçalves & Norris, 1996). De facto os outros podem ameaçar a nossa individualidade, como é bem evidente na psicologia de grupo de Freud (1923/1976<sup>7</sup>, cit. Gonçalves, 2003) já anteriormente enunciada. Nesta perspetiva as relações interpessoais emergem de forma negativa, sendo “a autonomia e a independência objetivos importantes na educação do *self*”<sup>8</sup> (Gonçalves & Norris, 1996, p.45). Segundo Gonçalves (2003) é a autonomia que acaba por

---

<sup>4</sup> Gonçalves, M. M. (1995). *Autoconhecimento e acesso introspetivo: Do self reificado ao self introspetivo*. Braga: Serviço de Publicações do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

<sup>5</sup> Gonçalves, M. M., & Gonçalves, O.F. (1995). Funções políticas do conceito de identidade: A psicologia, o self e o poder. *Análise Psicológica*, 4, 395-404.

<sup>6</sup> Stolorow, R. D., & Atwood, G. E. (1992). *Contexts of Being: The Intersubjective Foundations of Psychological Life*. New Jersey: Analytic Press.

<sup>7</sup> Freud, S. O. (1923/1976). *Ego e o Id*. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

<sup>8</sup> Neste trabalho, optámos por utilizar de forma equivalente os termos e expressões: *self*, identidade, noção de identidade (pessoal) e sentido de identidade (pessoal). Em português, o termo *self* encontra tradução na expressão “sentido de si” ou “si mesmo”, mas a tradução portuguesa é pouco usada na terminologia psicológica.

assegurar a nossa capacidade moral e decisiva, a nossa individuação, ou melhor, o nosso equilíbrio.

**2) Reificação e alienação da subjetividade:** O conceito de identidade sempre foi assumido como uma realidade de facto, cuja base ontológica varia de acordo com a preferência dos teóricos (e.g., traços, estruturas, esquemas, instintos, aparelho psíquico, eu genuíno) (Gonçalves, 2003; Gonçalves & Norris, 1996). Harré e Gillett (1994<sup>9</sup>, cit. Gonçalves, 2003) dizem que é esta a duplicidade central da psicologia cognitiva, por um lado saber se as suas estruturas são reais (i.e., estruturas do sistema nervoso central) ou, se por outro, são criações metafóricas que nos possibilitam a organização dos processos cognitivos.

Para Gonçalves e Norris (1996) a consequência central da reificação é a atribuição de propriedades físicas a estas estruturas originando, assim, uma alienação da subjetividade. Tal como mencionam Gilligan, Brown e Rogers (1990<sup>10</sup>, cit. Gonçalves, 2003, p.37), tratar “a psique como um objeto conduz à eliminação do corpo, das relações e da cultura”. Segundo o autor, temos desta forma uma “identidade-máquina”, em que o funcionamento deve ser percebido de uma lógica objetiva e mecanicista.

**3) Unicidade e alienação da multiplicidade:** Ainda que a psicologia reconheça de forma ténue a multiplicidade da identidade, o fato é que tem enaltecido a sua unicidade (Gonçalves, 2003). De acordo com o autor, a multiplicidade tem sido “equacionada como falta de integração, como uma incapacidade da pessoa em articular os elementos heterogéneos presentes” (p.37). A unicidade corresponde à ordem, por sua vez, a multiplicidade representa o caos e desordem (Gonçalves, 2003; Gonçalves & Norris, 1996). Sampson (1990<sup>11</sup>, cit. Gonçalves, 2003) diz que esta metáfora da identidade assume que a ordem (pessoal e social) só pode ser preservada se houver uma centralização.

Segundo Gonçalves (2003) esta redução da multiplicidade, está bem patente no modo como as teorias clássicas do desenvolvimento da identidade fazem o contraste entre a adolescência e a idade adulta. Todavia, existem autores (e.g., Wortham,

---

<sup>9</sup> Harré, R., & Gillett, G. (1994). *The discursive mind*. London: Sage.

<sup>10</sup> Gilligan, C., Brown, L., & Rogers, A. (1990). Psyche embedded: A place for body, relationships, and culture in personality psychology. In A. I. Rabin, R. A. Zucker, R. A. Emmons & S. Frank (Eds.), *Studying persons and lives*. New York: Springer.

<sup>11</sup> Sampson, E. E. (1990). Social psychology and social control: In I. Parker & J. Shotter (Eds.) *Deconstructing social psychology*. London: Routledge.

2001<sup>12</sup>, cit. Gonçalves, 2003) que assumem que a identidade além de não ser centralizada é heterógena. Assim, uma diversidade de elementos supra individuais como (os processos de grupo, familiares, linguísticos, culturais) seriam responsáveis pela coerência da identidade.

Na opinião de Gonçalves (2003) a forma de pensar a identidade a partir da perspectiva das três dimensões anteriormente faladas, reflete o senso comum, ou seja, estas características exprimem largamente a forma com as sociedades ocidentais encaram o que significa ser pessoa. Tal como mostra Danziger (1997<sup>13</sup>, cit. Gonçalves, 2003) a linguagem psicológica é antes de tudo linguagem de senso comum, pelo que esta apropriação se torna num importante dispositivo de naturalização da subjetividade tal como é vivida, teorizada e investigada atualmente.

Depois de termos analisado a perspectiva modernista da identidade, iremos de seguida analisar de forma sucinta a emergência de um modelo alternativo de identidade.

## 1.2. Perspetiva construcionista/pós-moderna

Como alternativa ao modelo individualista da identidade (i.e., conceção monadal de *self*) têm surgido contribuições que utilizam como metáfora central da identidade a narrativa (Bruner, 1986<sup>14</sup>; Gergen & Gergen, 1988<sup>15</sup>; Hermans & Kempen, 1993; MacAdams, 1993<sup>16</sup>; O. Gonçalves, 2000<sup>17</sup>; Sarbin, 1986<sup>18</sup>, cit. Gonçalves, 2003). Ao invés das perspetivas tradicionais, que veem a identidade como uma entidade estável, os modelos narrativos veem-na como “uma construção em equilíbrio precário, uma atividade que permite construir significados para si próprio e para o mundo” (Gonçalves, 2003, p.39). Para M. Gonçalves (2003) a compreensão do mundo e o sentimento de identidade pessoal são produto da elaboração de narrativas e não de qualquer atividade de mecanismos da mente.

---

<sup>12</sup> Wortham, S. (2001). *The narratives in action: A strategy for research and analysis*. NewYork: Teachers College Press.

<sup>13</sup> Danziger, K. (1997). *Naming the mind: How psychology found its language*. London: Sage.

<sup>14</sup> Bruner, J. (1986). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

<sup>15</sup> Gergen, K. J. & Gergen, M. M. (1988). Narrative and self as a relationship. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (vol. 21). San Diego: Academic Press.

<sup>16</sup> MacAdams, D. (1993). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. NewYork: William Morrow.

<sup>17</sup> Gonçalves, O. F. (2000). *Viver narrativamente: A psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto Editora.

<sup>18</sup> Sarbin, T. R. (1986). The narrative and the root metaphor for psychology. In T. R. Sarbin (Ed.), *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 3-21). NewYork: Praeger.

Estas narrativas constituem “um dispositivo linguístico capaz de dar sentido à nossa experiência” (Gonçalves, 2003, p.39), sem a sua construção, a vida seria um agrupamento de experiências caóticas às quais seria difícil atribuir significado e ordenar. Nesta perspetiva, e de acordo com Salgado (2003), o sentido de identidade deixa então de ser uma matéria de descoberta para passar a ser de narração construtiva, o eu deixa de ser uma verdade fundamental para ser compreendido como um processo de organização narrativo. Pelo que “escrever um diário, e trabalhar uma autobiografia, são recomendações centrais para a manutenção de um sentido integrado de *self*” (Giddens, 1994, p.68). Ao descrever a nossa existência estaremos sempre no meio daquela que é a nossa história, assim terá sempre um carácter inacabado e imprevisível (Salgado, 2003). Segundo O. Gonçalves (1994<sup>19</sup>, cit. Salgado, 2003) acabamos por ser mais do que sujeitos ou objetos, somos narrativas em construção.

Ao conceptualizar-se o *self* do ponto de vista narrativo estaremos, como realça O. Gonçalves (1994, cit. Gonçalves & Norris, 1996) a defender que os seres humanos, mais do que a verdade, procuram é construir significados. Desta forma, a significação surge em consequência das diferentes posições narrativas do *self* (Hermans & Kempen 1994<sup>20</sup>, cit. Gonçalves & Norris, 1996).

As narrativas participam na construção social do real, concebendo um sentido quer pessoal, quer relacional, pelo que “podem ser encaradas como artefactos comunicacionais, ferramentas que a pessoa utiliza no ato de conferir sentido à sua existência” (Salgado, 2003, p. 232). Estes artefactos são também eles diversificados e a cada momento surgem novas facetas de si e do mundo com novos significados ou até significados contraditórios à narrativa antes elaborada (Gonçalves & Norris, 1996; Salgado, 2003).

Assim, numa perspetiva narrativa a ideologia centralizada no *self* perde sentido, já que pela sua natureza “as histórias admitem a ambiguidade e a multiplicidade” (Gonçalves & Norris, 1996, p. 47). Segundo os autores a aceitação da metáfora narrativa faz emergir a multiplicidade e a complexidade como propriedades centrais da identidade.

---

<sup>19</sup> Gonçalves, O. F. (1994). From epistemological truth to ontological meaning in cognitive narrative psychotherapy. *Journal of Constructivist Psychology*, 7,107-118.

<sup>20</sup> Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. H. (1994). *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego: Academic Press.



A ideia de que o *self* não é uma estrutura unitária, têm aparecido cada vez mais e com maior ênfase em diferentes teorias do *self*, bem como em numerosas linhas de investigação. Linville (1987<sup>21</sup>, cit. Salgado, 2003) por exemplo, analisou a influência da organização estrutural do autoconhecimento no bem-estar psicológico, tendo apurado que os indivíduos com autorrepresentações semanticamente mais distintas, mostravam maior resistência em situações de *stress*. Desta forma, Linville (1987)<sup>22</sup> defendia que “uma maior auto complexidade tornaria o indivíduo mais capaz de manter algumas dimensões da sua vida livres de qualquer interferência” (Salgado, 2003, p.230).

Por sua vez, a multiplicidade identitária, não tem sido apenas explorada pelos autores construcionistas sociais, também as orientações mais disseminadas da psicologia se têm dedicado cada vez mais à exploração do carácter multifacetado do sentido de identidade. McGuire, McGuire e Cheever (1986<sup>23</sup>, cit. Salgado, 2003), concluíram na sua investigação que o “contato com múltiplos contextos origina uma diferenciação nas auto concepções. Mais concretamente, verificaram que as auto descrições realizadas por crianças e adolescentes se alteravam consoante estes pensavam na sua experiência em casa e na escola” (p.228). Também Hazel Markus e seus colaboradores (Markus & Cross, 1990<sup>24</sup>; Markus & Nurius, 1986<sup>25</sup>; Markus & Wurf, 1987<sup>26</sup>; Rovolo & Markus, 1992<sup>27</sup>; Wurf & Markus, 1991<sup>28</sup>, cit. Salgado, 2003) se têm dedicado à produção de investigação no campo da multiplicidade identitária. Para estes, a concepção que o sujeito tem sobre si mesmo acaba por ser uma construção multifacetada e dinâmica. Nos seus trabalhos o autoconceito operativo refere-se ao facto de a cada momento só uma parcela do sistema de autorrepresentação estar ativo. Outro conceito importante desenvolvido por Markus e colaboradores é o de “identidades possíveis” (*possible selves*), ou seja, a projeção no futuro da própria imagem. Nesta linha de orientação, as identidades possíveis acabam por

---

<sup>21</sup> Linville, P. (1987). Self-complexity as a cognitive buffer against stress-related illness and depression. *Journal of Personality and Social psychology*, 52 (4), 663-676.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> McGuire, W.J., McGuire, C.V., & Cheever, J. (1986). The self in society: Effects of social contexts on the sense of self. *British Journal of Social Psychology*, 25, 259-270.

<sup>24</sup> Markus, H., & Cross, S. (1990). The interpersonal self. In L.A. Pervin (Ed.), *Handbook of personality: Theory and research*. N.Y.: Guilford.

<sup>25</sup> Markus, H., & Nurius, P. (1986). Possible selves. *American Psychologist*, 41, 954-969.

<sup>26</sup> Markus, H., & Wurf, E. (1987). The dynamic self-concept: A social psychological perspective. *Annual Review of Psychology*, 38, 299-337.

<sup>27</sup> Rovolo, A.P., & Markus, H.R. (1992). Possible selves and performance: The power of self-relevant imagery. *Social Cognition*, 10, 95, 124.

<sup>28</sup> Wurf, E., & Markus, H. (1991). Possible selves and the psychology of personal growth. *Perspectives in Personality*, 3, 39-62.

desempenhar um papel fundamental na motivação do sujeito, já que o norteia no sentido de afastar as identidades negativas e de realizar as positivas (Salgado, 2003). Desta forma, “a capacidade de projetar diferentes imagens de si e de desempenhar diferentes papéis sociais parece ocupar um papel importante na condução da ação” (Salgado, 2003, p.229).

Voltando de novo à metáfora narrativa, Neimeyer (2000<sup>29</sup>, cit. Gonçalves, 2003) ao referir-se às contribuições narrativas, sugere que as mesmas se têm organizado em duas linhas que apesar de distintas são também complementares: uma delas mais ligada ao construtivismo e outra que recebe a influência do construcionismo social.

A primeira destas linhas busca a compreensão de como é que a narrativa possibilita aos indivíduos terem, uma representação integrada de si mesmos, não obstante o caos existencial. Segundo M. Gonçalves (2003) nos modelos construtivistas, a identidade torna-se uma integração de histórias mais ou menos articuladas entre si.

Por sua vez, os construcionistas enfatizam a linguagem enquanto desempenho (Neimeyer, 2000<sup>30</sup>, cit. Gonçalves, 2003). Segundo o autor, a narração de uma história produz efeitos sociais e a significação emerge, não como uma atividade contemplativa isolada mas, como resultado do esforço das pessoas ao negociarem de forma constante uma posição social. Desta forma, narrar uma dada história é “uma forma de procurar estabelecer uma posição no mundo interpessoal” (Gonçalves, 2003, p.40). Na opinião deste autor o que diferencia os construtivistas dos construcionistas é que, enquanto os primeiros na tradição do cognitivismo enfatizam o produto narrativo, os segundos na tradição do interacionismo destacam a atividade de narrar.

Tal como sugerem Potter e Wetherell (1987<sup>31</sup>, cit. Gonçalves, 2003) as diferentes metáforas que têm sido utilizadas na caracterização da identidade na psicologia são diferentes formas de “fazer a identidade” (p.41). Se, por um lado, as teorias dos traços assumem que existe uma individualidade que é a base da nossa identidade e que garante a estabilidade e a consistência comportamental, por outro, os modelos interacionistas conceptualizam a pessoa como um estratega, que busca, através dos papéis que exerce, maximizar os seus ganhos sociais (Gonçalves, 2003). São de facto as histórias que as pessoas escolhem como significativas que lhes permitem

---

<sup>29</sup> Neimeyer, R. A. (2000). Narrative disruptions in the construction of the self. In R. A. Neimeyer, & J. D. Raskin (Eds.), *Constructions of disorder*. Washington, DC: APA.

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> Potter, J., & Wetherell, M. (1987). *Discourse and Social Psychology: Beyond Attitudes and Behaviour*. London: Sage.

posicionarem-se no mundo social e lhes confere sentido aos diferentes modos de “fazer a identidade” a que nos temos estado a referir.

Em síntese, podemos dizer que o *self* narrativo não é uma estrutura monadal, dada a possibilidade da multiplicidade de narrativas que podemos construir acerca do mesmo acontecimento. Do ponto de vista narrativo o *self* é uma entidade dialógica (Hermans & Kempen, 1994<sup>32</sup>, cit. Gonçalves & Norris, 1996) em que os diferentes diálogos internos são originados pelas diferentes posições discursivas. E que na perspetiva do construcionismo social, o *self* resulta da produção de uma multiplicidade de narrativas que têm a sua origem nos diferentes desempenhos relacionais, resultantes de processos de negociação social e de interpretação das narrativas identitárias produzidas (M. Gonçalves, 1995<sup>33</sup>, cit. Cunha, 2007).

Vejamos, então em seguida, como no âmbito da teoria do *self* dialógico a identidade é conceptualizada.

### **1.3. A Teoria do *self* dialógico como uma teoria pós-moderna de identidade**

Neste ponto iremos de forma resumida focar os pressupostos e características essenciais de uma conceção dialógica da identidade, a partir do trabalho pioneiro de Hubert Hermans e seus colaboradores. Na construção teórica do modelo do *self* dialógico, Hermans recebeu diversas contribuições e sofreu influência de diferentes fontes nomeadamente da psicologia narrativa e do dialogismo bakhtiniano.

A inauguração desta abordagem aconteceu com a publicação no *American Psychologist* em 1992, do artigo intitulado “*The dialogical self: Beyond individualism and rationalism*” por Hermans, Kempen, e van Loon. Com raízes no construtivismo, especialmente, na ideia de que o conhecimento se fundamenta na ação sobre o mundo, conjugando-a com as teses dialógicas bakhtinianas, Hermans chegou à “imagem de o ser humano como um autor que se constrói a si próprio em articulação dialogante com os outros, a partir de uma conjugação polifónica de diferentes perspetivas sobre o mundo” (d’Alte, Petracchi, Ferreira, Cunha & Salgado, 2007, p.17).

De acordo com Hermans, Kempen, e van Loon (1992), a teoria do “*self*-dialógico”, é uma alternativa face às perspetivas mais tradicionais da mente e do *self*, sem contudo ser numa perspetiva relativista (Salgado & Hermans, 2005). De entre as

---

<sup>32</sup> Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. H. (1994). *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego: Academic Press.

<sup>33</sup> Gonçalves, M. M. (1995). *Autoconhecimento e acesso introspetivo: Do self reificado ao self introspetivo*. Braga: Serviço de Publicações do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

influências fundamentais no desenvolvimento desta perspectiva alternativa sobre o *self* e a identidade, distinguem-se muito claramente como fontes de inspiração (Cunha, 2007):

- (i) O trabalho de William James (particularmente a sua distinção entre (I) e (Me);
- (ii) A natureza metafórica e narrativa da cognição (salientada por autores como G. Lakoff e M. Johnson) e da vivência humanas (particularmente T. Sarbin e J. Bruner);
- (iii) As abordagens que sublinham o carácter multifacetado e múltiplo do *self*;
- (iv) O pensamento dialógico de Mikael Bakhtin (nos seus trabalhos de análise e crítica literária).

O resultado da combinação destas influências é a noção de identidade “como algo que se constrói a partir do jogo dialógico entre diferentes “vozes” ou posicionamentos” (Cunha, 2007, p.28). Hermans e colaboradores (Hermans, Kempen, & van Loon, 1992), adotando as ideias de Bakhtin, estabeleceram que não existe um único autor e que o cerne da personalidade humana não assenta na imagem monadal da identidade, tantas vezes propagada pela psicologia. Antes pelo contrário, tal como Bakhtin defende a existência de romances povoados por diferentes “autores”, ou perspectivas, cada uma com a sua própria voz e o cerne da arte do romance como tendo por base esta estrutura dialógica, assim, também o carácter da psique deverá ser compreendido da mesma forma (d’Alte et al., 2007).

O *self* deixa então de ser encarado como uma entidade monolítica para se converter num *self* constituído por uma multiplicidade de posições. Neste âmbito o conceito de *self* dialógico pode ser definido por uma polifonia de posições do *Eu* (I) que, dotadas de voz, expressam uma determinada narrativa e que se relacionam entre si pelo diálogo. O indivíduo emerge assim como um “autor” poliposicionado e através do diálogo “estas diferentes e por vezes discrepantes posições identitárias constroem e negociam redes de significado capazes de dar sentido ao fluxo de experiência” (Tavares, 2008, p.162). Além disso, segundo Salgado e Hermans (2005) trata-se de um *Eu* racionalmente fundamentado, visto que estas posições se geram em torno das experiências intersubjetivas do estar com o outro (s) ou contra outro (s).

Em suma, Hermans, Kempen e van Loon (1992) conceptualizam a identidade em termos de uma multiplicidade altamente dinâmica de posições que o *Eu* ocupa num espaço dialógico interno. Nesta conceção, e em função de mudanças situacionais e temporais, o *Eu* tem:

... a possibilidade de se mover, como no espaço, de uma posição para outra de acordo com mudanças na situação e no tempo. O Eu flutua entre posições diferentes e mesmo opostas. O Eu tem a capacidade de dotar imaginariamente cada posição de uma voz para que as relações dialógicas entre posições possam ser estabelecidas. As vozes funcionam como personagens de uma história. Uma vez que uma personagem se inicia numa história, esta adquire uma vida própria e assume uma determinada necessidade narrativa. Cada personagem tem uma história diferente para contar acerca das experiências a partir da sua perspectiva. Como as diferentes vozes de diferentes personagens trocam informação acerca dos seus respetivos Mim e dos seus mundos, o resultado é um *self* complexo e estruturado narrativamente (pp. 28-29).

Desta forma, a noção de voz, que é central no *self* dialógico, está associada à uma posição do *Eu*, surgindo como uma perspectiva ou voz única, independente e com uma mundividência própria, podendo estabelecer relações dialógicas entre posições. Neste âmbito e segundo Tavares (2008), a noção de voz “vai para além da expressão de um ponto de vista particular sobre determinadas experiências pessoais (i.e., conteúdo), expressa também e em cada momento, o posicionamento da pessoa face a uma audiência” (p. 167). Assim, em concordância com a “lei” do posicionamento de Bakhtin o “Eu está sempre envolvido num processo dinâmico de posicionamento e reposicionamento, expressando diferentes vozes associadas a posições espaciotemporais específicas donde emergem diferentes perceções acerca do mundo” (Holquist, 1990<sup>34</sup>, cit. Cunha, 2007, p.34).

O *self* dialógico está assim espacialmente organizado, já que, se movimenta de A para B num espaço comum, ou seja, move-se de uma dada posição para outra ou outras, de acordo com o contexto situacional e o momento temporal em causa. Segundo Hermans e colaboradores (1992, cit. d’Alte et al., 2007), o *self*, está assim corporalizado (*embodied*), “sempre ligado a uma posição particular no espaço e no tempo, quer fisicamente quer mentalmente” (p.19). Esta natureza corporalizada do *self* opõe-se ao pressuposto convencional da psicologia de uma psique racionalista, cujo processo mental está separado do corpo, ou seja, uma mente descorporalizada. A natureza espacial do *self* é expressa em termos de posição e posicionamento, utilizados como expressões de localização do Eu no espaço imaginário sendo que o jogo dinâmico de posicionamentos faculta um conjunto de possibilidades pessoais em relação a outras posições internas e externas (d’Alte et al., 2007; Tavares, 2008). Segundo estes autores, também a noção de voz reforça o carácter corporalizado (*embodied*) do *self*, já que falar de uma voz implica considerar um corpo que emite essa voz interagindo com outras personagens.

<sup>34</sup> Holquist, M. (1990). *Dialogism: Bakhtin and his world*. London: Routledge.

Segundo Hermans (2001b<sup>35</sup>, 2001d<sup>36</sup>, cit. Tavares, 2008) dada a intrínseca relação entre espaço e corpo, os próprios diálogos são corporalizados, isto é, resultam da linguagem corporal, de gestos, expressões faciais, sorrisos e outros. Pelo que não parece adequado reduzir as relações dialógicas a interações linguísticas, e deixar de fora outras formas de comunicação não-linguísticas.

Também o reconhecimento de que a noção de Eu tem uma base biológica constitui mais uma escolha do que se entende por *self* (identidade) corporalizado, já que:

... a identidade não envolve apenas diálogos transpessoais com o mundo e com as suas pressões, exigências e contingências, mas, também, intrapessoais, com as pressões, ativações ou motivações que emergem das sensações biológicas e das necessidades do organismo, sob a forma de vozes (Tavares, 2008, p.169).

Em síntese, e em termos conceptuais, os constructos “posição”, “posicionamento” e “reposicionamento” manifestam a “natureza espacial do processo de construção de significado para a experiência pessoal” (Tavares, 2008, p.170). Segundo Hermans (1996) a identidade (*self*) constitui-se através de movimentos dialógicos entre as várias posições discursivas que acontecem num espaço imaginário. De acordo com o autor, estas posições e respetivas vozes podem ter maior ou menor influência sobre o *self*; podem ter um carácter mais fantasioso do que o real ou vice-versa; podem surgir com mais frequência que outras e, podem ainda, variar segundo uma dimensão mais positiva ou mais negativa.

De salientar que a reestruturação da dualidade identitária em termos de autor e personagem à luz da novela polifónica, permitiu que Hermans e seus colaboradores (Hermans, 1996; Hermans & Kempen, 1993; Hermans, Kempen & van Loon, 1992) se arredassem da conceção de um Eu como um narrador onisciente, que controla os personagens e os acontecimentos da história. Mas antes compreendem o *Eu* como um autor que alimentando várias personagens se insere na história e que pela voz das diferentes personagens manifesta uma heterogeneidade de visões do mundo com capacidade de se desafiarem entre si, mas sem possibilidade de se restringir umas às outras. Assim sendo, não será possível ter uma imagem completa e final das diferentes narrativas e dos personagens que nelas habitam (Tavares, 2008).

---

<sup>35</sup> Hermans, H. J. M. (2001b). Conceptions of the self and identity: Toward a dialogical view. *International Journal of Education & Religion*, 2 (1), 43-62.

<sup>36</sup> Hermans, H. J. M. (2001d). The dialogical self: Toward a theory of personal and culture positioning. *Culture & Psychology*, 7 (3), 243-281.

Ao defenderem a identidade como um espaço habitado por múltiplas posições dialógicas Hermans e Kempen (1993, cit. Tavares, 2008), mais do que a visão multifacetada da identidade, pretendem realçar o seu carácter multivocal e dialógico. Salgado e Hermans (2005, p.9) atestam que a “multiplicidade é derivada das propriedades dialógicas do *self*”, ou seja, numa perspetiva dialógica o *self* não se reduz à sua multiplicidade, mas “ênfatiza-se, sobretudo, a natureza comunicacional de processos como a subjetividade individual e a identidade pessoal” (Tavares, 2008, p. 171).

Em suma, na identidade dialógica, as diferentes posições funcionam, relativamente, de forma autónoma. Pelo que cada posição “tem as suas próprias vistas, desejos, motivos, sentimentos e memórias. [...] Elas podem concordar e discordar, interrogar, criticar e até ridicularizar uma outra” (Hermans, 1996, p. 42), mas nunca se podem fundir ou reduzir numa perspetiva final.

A natureza social da identidade é um aspeto fundamental nesta conceção. Hermans (2001) afirma que “a identidade dialógica é social”, contudo esta conceção social do *self* não é no sentido de um indivíduo que mantém interações sociais com outras pessoas do exterior, mas no sentido de que outras pessoas ocupam posições no *self* multivocal (Hermans et al., 1992). Dito por outras palavras, o “Outro” não está fora, mas dentro da estrutura do *self*. O *Eu* tem a capacidade de construir o Outro como uma posição que pode ocupar e de onde é possível criar uma perspetiva alternativa sobre o próprio e sobre o mundo, podendo estar adequada ou não “à perspetiva real do outro verdadeiro” (d’Arte et al., 2007, p.20). Esta perspetiva pode corresponder largamente à “perspetiva internalizada de um outro real com quem a pessoa se relaciona dialogicamente na construção de significado, pode ter um carácter completamente fantasioso ou pode ainda resultar de uma combinação entre factos e ficção” (Tavares, 2011, p.134).

Segundo Hermans (2001, 2003) o *self* dialógico não é uma entidade vedada, de fronteiras bem delimitadas com o exterior. Efetivamente, o exterior (i.e., os outros, o mundo) também está dentro da estrutura do *self*, já anteriormente falado, podendo-se assim, distinguir posições internas (como diferentes partes do *Eu*) e externas (como partes do mundo que são trazidas para dentro). Desta forma, os outros significativos (a minha mãe, o meu pai) e os aspetos exteriores do mundo que também é meu (a minha casa, o meu clube, o meu país) também estão dentro de mim e poderão ocupar posições no espaço interno, inserindo-se no diálogo. Pelo que, uma determinada voz de uma posição interna (e.g., eu enquanto mulher independente) pode entrar em

conflito direto com uma voz de uma posição externa (os meus pais) ou com uma voz coletiva ou cultural internamente persuasiva (e.g., não fica bem a uma mulher viajar sozinha) (Cunha, 2007). Assim, o significado subjetivo das posições internas e externa aparece por “referência mútua, ou seja, cria-se por entre as interações dinâmicas que ao longo do tempo e através do diálogo estas estabelecem umas com as outras, num padrão de intercâmbio entre a pessoa e o mundo” (Tavares, 2011, p.135).

Segundo Cunha (2007), o *self* dialógico tenta transpor “algumas clássicas antinomias na psicologia inerentes à separação exclusiva dos polos Eu-Outro, Indivíduo-Sociedade/Cultura, surgindo como delimitado por fronteiras permeáveis que admitem trocas constantes entre o interior e o exterior” (p.36). Neste sentido, se quisermos defender para a identidade pessoal uma organização social, isto implica que a noção da “posição do *Eu*” não se aplique unicamente às posições do domínio interno, mas também, e à sua semelhança, às posições do domínio externo que passam a ser concebidas como posições do *Eu*, já que ambas fazem parte de um *Eu*, que assimila os “objetos” do ambiente que a pessoa percebe como seus (Tavares, 2011).

Hermans (2003) defende o Outro como outra pessoa na identidade, segundo ele o “outro é concebido como outro *Eu* (I)” (p.103). Desta forma, o Outro é mais do que uma extensão do Eu ao nível objetal, é essencialmente uma extensão do *Eu* ao nível do sujeito. Quer isto dizer que “o outro é concebido como outra pessoa que, como outro *Eu*, é capaz de contar uma história sobre si própria, e pode fazê-lo como um ser relativamente autónomo com uma existência própria” (p. 103).

Segundo Tavares (2011, pp.135-136) o “conhecimento do Outro só é verdadeiramente acessível se, para além da via factual, este for abordado dialogicamente, ou seja, se se ouvir o que este tem para contar a partir da sua perspetiva”. Para a autora, não apenas os significativos, mas também os grupos sociais de pertença do indivíduo (e.g., profissional, político, religioso, etário, nacionalidade, género), “têm lugar na identidade pessoal, representados sob a forma de posições vocais” (Tavares, 2011, p. 175). Hermans e Kempen (1993) postulam que as comunidades sociais têm uma voz própria capaz de contar histórias coletivas que, acabam por refletir a perspetiva dos seus membros sobre uma diversidade de aspetos do quotidiano das pessoas, que organizam as interações entre estas e a forma como as pessoas se concebem a si e ao mundo pelo qual estão rodeadas.

A multivocalidade característica da identidade dialógica “refere-se não apenas à existência simultânea de diferentes vozes individuais, mas também à existência



simultânea da voz de um indivíduo e da voz de um grupo” (Hermans e Kempen, 1993, cit. Tavares, 2011, p.136). Desta forma, não restam dúvidas que em cada expressão emitida, estarão presentes pelo menos duas vozes: a voz da pessoa que fala e uma voz social. Assim as vozes sociais:

...não anulam a criatividade de quem fala (i.e., as suas motivações, valores, interesses e pontos de vista particulares), moldam as palavras e dão forma aos discursos produzidos, colorindo os significados subjetivamente elaborados, comprometendo-os dialogicamente com audiências passadas, presentes e futuras”. (Tavares, 2011, p.137).

Segundo Hermans (2001) a distinção entre vozes coletivas e individuais corresponde a dois tipos de posições identitárias, sendo: posições sociais e posições pessoais. Assim, as primeiras (posições sociais) correspondem aos tradicionais papéis sociais, já que, se baseiam em normas, expectativas e indicações sociais, por sua vez, as segundas (posições pessoais) reportam-se às formas particulares nas quais os indivíduos organizam as suas vidas, baseados nas sugestões sociais, mas nem sempre em concordância com as mesmas. Assim sendo, o “sistema de significados pessoais resulta da tensão gerada nas relações entre posições sociais e pessoais, ou seja, é sempre uma construção sociocultural” (Tavares, 2008, p.178). Deste ponto de vista “o domínio pessoal está inevitavelmente ligado ao domínio sociocultural, na medida em que ambos se criam e definem mutuamente” (d’Arte et al., 2007, p.19).

Pelo exposto, podemos inferir que a abordagem dialógica perspetiva a identidade como um fenómeno corporalizado, espacialmente estruturado, descentralizado e permeável a uma multiplicidade de experiências sociais, culturais e históricas (Hermans, 2003).

Em jeito de conclusão, a pós-modernidade, desafiando a posição positivista tradicional da ciência, tem procurado promover reflexões epistemológicas, teóricas e metodológicas dentro das ciências sociais. A hostilidade para com os objetivos da ciência moderna, não obstante a significativa difusão das ideias pós-modernas nas ciências sociais e na psicologia em particular, acaba por manter algum do ceticismo e desconfiança existente entre alguns membros da comunidade de psicólogos, na adesão às conceções e aos objetos de estudo da ciência psicológica (Martin & Sugarman, 2000<sup>37</sup>, cit. Cunha, 2007).

---

<sup>37</sup> Martin, J., & Sugarman, J. (2000). Between the modern and the postmodern: The possibility of self and progressive understanding in psychology. *American Psychologist*, 55, 397-406.

## **2. Identidade profissional: processos de construção identitária**

Terminada a revisão de literatura sobre as diferentes concepções teóricas da Identidade e para uma melhor compreensão do fenómeno em estudo, passamos em seguida, a abordar a identidade profissional e os processos de construção identitária (em particular do psicólogo clínico). Neste sentido procedeu-se a um levantamento bibliográfico da produção científica existente sobre a identidade profissional do psicólogo clínico. De entre alguns desses estudos destacamos: o estudo de Krawulski (2004) no âmbito da construção da identidade profissional do psicólogo; o estudo de Kullasepp (2006) sobre a construção da identidade profissional dos estudantes de psicologia; o estudo de Scorsolini-Comin, Souza e Santos (2008) sobre a construção da identidade profissional do estagiário de psicologia; a revisão da literatura enveredada por Mazer e Melo-Silva (2010) em torno da identidade profissional do psicólogo: uma revisão da produção científica no Brasil; e a uma pesquisa de cunho bibliográfico de Espírito e Castro (2012) sobre a formação da Identidade em Psicologia.

### **2.1. Perspetivas de identidade profissional**

A identidade profissional é considerada uma pedra basilar da identidade pessoal, sendo, por conseguinte, um dos aspetos que integra o processo identitário do sujeito no seu todo (Mazer & Melo-Silva, 2010). Para diversos autores como Krawulski (2004) esta pode ser definida como uma construção social que decorre de um conjunto de experiências do percurso profissional, com início na sua formação académica e que vai sendo construído num processo contínuo ao longo do tempo, em termos dos seus papéis ocupacionais. A identidade profissional seria aquilo “que identifica e apresenta o profissional, o modo como ele se mostra” (Mazer & Melo-Silva, 2010, p.288).

Nesta linha de pensamento, Dubar (2000) refere-se ao conceito de profissão como a possibilidade de se apresentar a si próprio e ao outro de “maneira socialmente reconhecida” (p. 95). Assim, um profissional é uma pessoa valorizada socialmente, é um membro de uma profissão. Segundo este autor apesar de existirem especificidades tipológicas na caracterização das profissões, é possível identificar como pontos comuns a existência de: 1) princípios éticos e deontológicos para a regulação da atividade profissional; 2) saber científico, garantia da competência e da especialização de um grupo profissional, ou melhor, “por um lado, as profissões formam comunidades reunidas à volta dos mesmos valores e da mesma ‘ética de

serviço’, por outro, o seu estatuto profissional é validado por um saber ‘científico’ e não apenas prático” (Dubar, 1997, p.131).

Com o objetivo de esclarecer questões relativas à identidade e ao trabalho, Sainsaulieu (1988) articulou referenciais da Psicologia e da Sociologia, tendo concluído que a prática de determinadas atividades e o contacto com determinadas relações sociais constituem “modos de ser” que classificam os pares como iguais e se expressam com semelhança de comportamentos, de linguagem, de indumentária e mesmo de conduta, fazendo as mesmas parte da sua identidade profissional. Desta forma, existiria uma interdependência entre as identidades individuais (provenientes das relações interpessoais) e as coletivas (originárias dos papéis sociais) alcançando uma interiorização da experiência social.

A reforçar estas ideias está a perspetiva de Ciampa (1986), segundo o autor é impossível dissociar o estudo da identidade do estudo da sociedade, já que, as hipóteses de diferentes configurações da identidade acabam por estar relacionadas com as diferentes configurações de ordem social. Assim e nesta perspetiva psicossociológica não é possível falar de identidade pessoal como uma entidade independente das relações sociais, pois para se manter, esta está sujeita ao contínuo reconhecimento dos outros.

Opositor da identidade como uma estrutura fixa e imutável, Ciampa (1986), afirma que a identidade é “metamorfose”, ou melhor, a identidade de todo o indivíduo está em constante transformação, não sendo por isso um produto acabado.

Para Krawulski, (2004, p.30) a identidade profissional é o resultado da “vinculação do ser humano a uma atividade laborativa, considerados o contexto e as características dessa atividade, bem como seus reflexos nesse sistema identitário”. Também algumas das conceções referenciadas por Schein (1996<sup>38</sup>, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010) remetem para a compreensão da identidade profissional enquanto processo dinâmico e em (re)construção, no qual o indivíduo

...adquire um conceito a seu próprio respeito. Esse autoconceito vai se formando pela percepção que o indivíduo adquire a respeito de si mesmo a partir das experiências e por aquilo que considera suas aptidões, interesses e habilidades” (p.279).

Este autor considera várias fases na carreira, desde as primeiras idealizações sobre o futuro profissional, ainda na infância, até à sua aposentadoria. Para além disso, os diversos papéis que um trabalhador desempenha ao longo da sua vida,

---

<sup>38</sup> Schein, E. H. (1996). *Identidade profissional: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho* (M. D. Black, trad.). São Paulo: Nobel.

contribuem para a construção da sua identidade profissional (Coutinho, Krawulski & Soares, 2007). Neste contexto, o trabalho e o sentido que lhe é atribuído, constituem elementos essenciais na produção/construção da identidade individual e social do indivíduo (Sainsaulieu, 1988; Dubar, 1997; Krawulski, 2004).

Também Kullasepp (2006) perspectiva a identidade profissional como um processo complexo de desenvolvimento com trajetórias assentes no trabalho e num conjunto de fatores internos (pessoais) e externos (sociais). Nesta, as mudanças da identidade são vistas como resultantes da coordenação de processos a diferentes níveis: (1) o nível de representações socioinstitucionais (e.g., conhecimento que o psicólogo deve ter refletido no currículo); (2) o nível de representações pessoais internalizadas (intra-psicológicas) (e.g., o indivíduo sente que atualmente está mais psicólogo, porque compreendo melhor o comportamento humano, em relação ao que compreendia anteriormente); (3) o nível dos processos pessoais (intra-psicológicos), que coordenam as dinâmicas do *self* dialógico (e.g., a relação entre o interior do *self* e as posições do *Eu*). À semelhança de muitos outros autores, Kullasepp (2006) associa a identidade profissional a um sistema aberto, um processo, um constante de construir-desconstruir-reconstruir significados da profissão nos quais estão incluídos fatores pessoais, sociais, bem como processos de representacionais ao nível social, institucional intra-psicológico.

Por sua vez, Krawulski (2004) define a identidade profissional como “a representação que o sujeito faz de si próprio, e que os demais lhe atribuem, no que se refere ao trabalho que realiza” (Krawulski, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010, p.280). Nesta perspectiva, também Galindo (2004<sup>39</sup>, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010) considera o que o processo identitário se constrói a partir da forma como o indivíduo se reconhece no desempenho dos seus papéis sociais (i.e., percepção de si - dimensão subjetiva) e da forma como é reconhecido pelos outros no contexto social (i.e., características atribuídas - dimensão social).

Subjacente a estas conceções de identidade profissional parecem estar a importância e significado das representações sociais, já que a ideia transmitida é a de que a nossa identidade profissional não passa da representação que temos de nós próprios enquanto profissionais e também daquilo que nós representamos para os outros no papel ocupacional que desempenhamos.

---

<sup>39</sup> Galindo, W.C.M. (2004). A construção da identidade profissional docente. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (2), 14-23.

Santos (2005) faz menção à cultura profissional como sendo um código interno concebido na interação social entre todos os atores do espaço profissional, permitindo-lhes construir uma identidade própria do seu grupo profissional. Desta forma, o reconhecimento e a visibilidade social permitem ao mesmo grupo profissional ou a grupos profissionais distintos identificar as características próprias de cada profissão.

A este respeito Blin (1997<sup>40</sup>, cit. Santos, 2005) aponta para um sistema de ação profissional suportado num referencial comum, que faculta ao trabalhador informações e um campo representativo que lhe permite orientar a sua atividade, e desenvolver uma identidade própria com o grupo profissional. Considera ainda que grande parte da identidade profissional se constrói pela experiência, ou seja, “no exercício concreto da prática profissional em interação permanente com outros profissionais e forjada na diversidade de ‘acordos’ e ‘desacordos’ entre a identidade virtual (proposta ou imposta pelo outro) e a identidade real (interiorizada pelo indivíduo)” (Santos, 2005, p.132).

Em suma, da literatura revistada podemos concluir que, para muitos autores até a identidade pessoal, associada às experiências de formação académica (período durante o qual ocorre como que uma tomada de consciência acerca do papel profissional), acaba por facultar as bases para a construção da própria identidade profissional (Dubar, 1997; Krawulski, 2004; Mazer Melo & Silva, 2010). E que a identidade profissional se constrói e reconstrói progressivamente ao longo da carreira, segundo um processo evolutivo, determinado pelas vivências do quotidiano pessoal e profissional e, de acordo com Krawulski (2004), essa construção “não tem data para ficar pronta”(p.288).

## **2.2. Identidade profissional do psicólogo clínico**

Para Bettoi (2003, p.63) a profissão de psicólogo caracteriza-se por ser “uma instância das ações humanas, entendida como um conjunto de práticas específicas, realizadas por seres humanos, em contextos culturais coletivos situados, que se vai construindo e modificando, ao longo do tempo, no próprio exercício profissional”. Neste sentido Mazer e Melo-Silva (2010) referem que a construção da identidade profissional do psicólogo, pode geralmente, ser percebida como um conjunto de fatores pessoais e profissionais que englobam, quer a escolha do curso como profissão, quer o significado de ser psicólogo, sendo gradualmente construída (i.e., durante e após a formação académica) através das suas vivências como profissional

---

<sup>40</sup> Blin, J.F. (1997). *Représentations, Pratiques et Identités Professionnelles*. Paris: L’Harmattan.

nesta área. A este propósito, Abdalla (1998<sup>41</sup>, cit. Krawulski, 2004) no seu estudo sobre o processo de construção da identidade profissional durante a formação em Psicologia, havia já constatado que esse processo acontece como um movimento de fases distintas, que têm início com “uma identidade profissional constituída por representações sociais feitas a partir de estereótipos sobre a Psicologia e o ser psicólogo” (p.39) e que esta vai progredindo para uma identidade profissional assente na tomada de consciência da importância da psicologia, do papel do psicólogo e da diversidade de modalidades de atuação que este tem.

Segundo Krawulski (2004) contribuem para a identidade profissional do psicólogo, um conjunto de elementos próprios da categoria profissional, tais como: o corpo de conhecimentos, o conjunto de práticas, as normas de conduta na profissão; no fundo aquilo que Blin (1997<sup>42</sup>, cit. Santos, 2005) apelidou de *referencial comum* no campo profissional, já anteriormente por nós abordado. No entanto, a estes acrescem outros constituintes como sejam: elementos da sua vida pessoal (i.e., a sua história de vida e a sua formação académica), aos quais se associam as experiências de “mão na massa”, ou seja, do trabalho profissional em psicologia. Para a autora, é esta articulação que “confere caráter processual à identidade profissional, possibilitando entendê-la como construção” (Krawulski, 2004, p. 39).

A reforçar esta ideia, encontramos Mazer e Melo-Silva (2010) para os quais a formação da identidade do psicólogo está diretamente relacionada com a formação da identidade pessoal, já que tais formações são a combinação de diferentes papéis que se complementam e que, envolvendo a dimensão do trabalho, ligam a vida pessoal à profissional. Ao terminar a sua formação académica, o psicólogo, de modo análogo ao que acontece com outros profissionais, procura a sua inserção no mercado de trabalho. Nesse percurso é-lhe possível ir desenvolvendo a sua identidade profissional, já que passa a partilhar um sentimento de pertença a um grupo específico, o qual tende a legitimar o seu exercício profissional. Todavia face ao contexto atual, e tendo em conta todas as mudanças ocorridas no mundo do trabalho na contemporaneidade, o processo de construção identitária, acaba por assumir características particulares para os psicólogos. A esse respeito, Coutinho, et al. (2007) referem que a precariedade, a vulnerabilidade e a fragmentação nas relações de trabalho estabelecem dificuldades acrescidas para que as identificações se processem e a identidade profissional possa ser construída.

---

<sup>41</sup> Abdalla, I. G. (1998). *Ter equilíbrio para dar equilíbrio – profissão psicólogo?: um estudo sobre as representações sociais dos alunos de um curso de psicologia*. São Paulo: Arte e Ciência.

<sup>42</sup> Blin, J.F. (1997). *Représentations, Pratiques et Identités Professionnelles*. Paris:L'Harmattan.

Krawulski (2004), na sua tese, contribuiu para uma compreensão mais alargada de como se constitui a identidade profissional do psicólogo. A autora defende que o processo de construção identitário ocorre no entrecruzamento dos movimentos do fazer, culminando numa constante transformação do ser, ou seja:

[...] a construção dessa identidade profissional aconteceu, portanto, no ir e vir dos movimentos do fazer, levando à transformação do ser, dialeticamente. Essa transformação expressa-se nas referências acerca de como a profissão impregnou a vida pessoal dos trabalhadores, modificando a sua percepção do mundo, seus valores, sua ética e sua postura diante da vida. Foi um processo que envolveu um movimento constante de construir desconstruir-reconstruir significados para o seu trabalho, e que implicou reconhecer e assimilar as transformações que foram ocorrendo nesses significados ao longo do percurso profissional e também em seu próprio ser, no imbricamento com o fazer (p. 163).

A partir dos resultados do seu estudo Krawulski (2004) classificou didaticamente o processo de construção da identidade profissional do psicólogo em cinco etapas: o querer ser, o saber, o fazer, o saber-fazer e o ser. O primeiro momento (o querer ser) refere-se à escolha profissional, em que há muitos estereótipos e desconhecimento acerca da profissão; o segundo momento (o saber) diz respeito à formação académica, período de conhecimento, do saber; o terceiro momento (o fazer), por sua vez, refere-se ao período em que o saber adquirido na universidade é colocado em prática; o quarto momento (o saber-fazer) é o processo da construção da identidade profissional por meio dos movimentos do fazer ao longo do ciclo de vida do indivíduo; por fim, o quinto e último momento (o ser) ocorre quando o quarto momento adquiriu maior consistência na rotina do exercício profissional e quando todas as outras etapas são integradas dialeticamente na vida da pessoa.

Podemos verificar que neste processo estão presentes os elementos próprios desta categoria profissional, já anteriormente referidos, tais como: conhecimentos, práticas, normas de conduta. Estão também presentes elementos da vivência individual do profissional, como sejam a história de vida e a formação académica, associados à experiência prática. Gradualmente as vivências no contexto do trabalho acabam por conduzir ao desenvolvimento de uma postura profissional sendo este um requisito fundamental para a definição da identidade profissional (Mazer & Melo-Silva, 2010).

A identidade profissional do psicólogo pode ser percebida como a experiência prática. Corona (2004<sup>43</sup>, cit Mazer & Melo-Silva, 2010) destacam que a multiplicidade

---

<sup>43</sup> Corona, C. R. (2004). *Trajetórias dos professores de psicologia do Espírito Santo: atuação e identidade profissional*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

de práticas, os saberes e o processo de formação recaem na forma de atuação dos psicólogos e na forma como se concebem a si próprios. Contrapondo de certa maneira esta perspectiva, Figueiredo (1993<sup>44</sup>, cit. Krawulski, 2004) considera que a multiplicidade de dimensões em termos das práticas, as diferentes formas de articular os saberes com as práticas profissionais, a diversidade das correntes teóricas e metodológicas, e a multiplicidade de transições e mudanças de trajetórias profissionais dos psicólogos, levam à fragilidade da noção de identidade profissional dentro da própria psicologia e, naturalmente, da identificação e construção de uma identidade profissional do psicólogo.

Krawulski (2004) salienta que o processo de construção da identidade profissional do psicólogo pode então ser percebido na perspectiva do desenvolvimento e da transformação do profissional pelo seu fazer no contexto da prática. Essa transformação exprime-se no modo como a profissão penetra a vida pessoal dos psicólogos, produzindo modificações na sua percepção do mundo, nos seus valores e na própria postura perante a vida, remetendo para o movimento anteriormente referido de “construir-desconstruir-reconstruir significados da profissão, e que implica reconhecer e assimilar as ‘metamorfozes’ ao longo do percurso profissional” (Krawulski, 2004, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010).

Em síntese, a identidade profissional do psicólogo pode ser compreendida como um conjunto que integra fatores pessoais e de formação profissional que vão desde a escolha da psicologia como profissão e o significado do ser psicólogo, à formação acadêmica e à experiência prática como profissional da área, num constante processo de transformação e mudança. Pelo que nesta perspectiva a identidade profissional nunca estará terminada (Bettoi, 2003; Krawulski, 2004; Mazer & Melo-Silva, 2010). Podemos ainda destacar que a identidade profissional “envolve não só o perfil daquele dado profissional atuante em determinada área, mas também diferentes influências e identificações que o estudante na sua formação admira, internaliza e projeta durante essa formação” (Espírito & Castro, 2012, p.54).

### **2.3. Formação: contributos para o desenvolvimento da identidade profissional**

Um dos eixos centrais nesta análise prende-se com questões da formação (académica e contínua) em articulação com o contexto da prática, bem como a sua

---

<sup>44</sup> Figueiredo, L. C. (1993). Sob o signo da multiplicidade. *Cadernos de Subjetividade*, v. 1, n. 1, São Paulo, 89-95.



relevância na construção de identidade(s), mais especificamente da identidade profissional.

Tomamos por referência Mazer e Melo-Silva (2010) que afirmam que a construção da identidade profissional do psicólogo inclui a questão da escolha da psicologia como profissão e o significado de ser psicólogo numa fase inicial, consolidada durante a formação académica e posteriormente no contexto da prática profissional. Deste modo, parece-nos pertinente abordar o processo de escolha profissional e descrever de forma sintética os elementos que envolvem a formação profissional do psicólogo, os quais contribuem para a construção sua identidade profissional.

### **2.3.1. Processos de escolha profissional**

Podemos definir a escolha profissional como “um processo que visa aumentar ao longo da vida profissional a adequação de si mesmo e o seu ambiente” (Guichard & Huteau, 2002<sup>45</sup>, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010). A revisão da literatura revela que a escolha da profissão de psicólogo está associada a expectativas e idealizações no que respeita ao curso e ao papel profissional, configurando assim, uma possibilidade de compreensão do ser humano (Krawulski & Patrício, 2005; Krawulski, 2004; Magalhães, 2001<sup>46</sup>, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010).

A escolha da psicologia enquanto profissão parece estar também relacionada com determinados elementos como: a história pessoal, características pessoais dos psicólogos, habilidades ou capacidades inerentes à atuação destes profissionais, a disponibilidade para escutar, aconselhar e mediar conflitos, ou ainda pelo facto de se considerarem pessoas calmas, pacientes e tranquilas. A possibilidade de conhecer o ser humano e de o ajudar parece ser uma motivação fundamental, para além do desejo de autoajuda e autoconhecimento (Krawulski & Patrício, 2005; Krawulski, 2004). Segundo estes autores o significado de ser psicólogo remete para a ajuda às pessoas, parecendo ser esse o principal propósito da profissão. Neste sentido, estudantes de psicologia e profissionais procuram exercer um trabalho baseado numa relação interpessoal, expressa em interações que possibilitem compreender a essência e o comportamento do ser humano.

---

<sup>45</sup> Guichard, J., & Huteau, M. (2002). *Psicologia da orientação*. Lisboa: Instituto Piaget. (Trabalho original publicado em 2001).

<sup>46</sup> Magalhães, M. O. (2001). “Eu quero ajudar as pessoas”: a escolha vocacional da psicologia. In Associação Brasileira de Orientação Profissional (Ed.), *Anais do Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*, 4 (p. 189). São Paulo: ABOP.

Ainda relativamente à escolha de uma profissão subjaz a esta uma decisão. Ao escolher algo, a pessoa está “abrir mão” de outra(s) possibilidade(s). Deste ponto de vista, Soares (2002<sup>47</sup> cit. Espírito & Castro, 2012) acredita que o ser humano faz opções sucessivas na sua vida e que, quando estas estão relacionadas com a possibilidade de escolha da sua vida profissional, a pessoa pode estar a escolher desde um curso universitário até à sua pós graduação, bem como uma especialização ou mestrado, entre muitas outras vertentes. Segundo este autor, a escolha de uma profissão é baseada em dois níveis de determinação do indivíduo: (i) a estrutura do aparelho psíquico - cujos conteúdos direcionam o sujeito a escolher a partir de suas experiências de vida (gratificantes ou frustrantes) juntamente com a história de vida trazida pela família e com aspetos observados na identidade de quem escolhe; (ii) a estrutura social - nomeadamente os valores atribuídos à classificação social dada ao sujeito, descrevendo assim os padrões de comportamento, anseios, desejos e necessidades do mesmo.

De entre os fatores que parecem interferir e até determinar na escolha profissional dos sujeitos, estão fatores: económicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos. Um outro fator não menos importante é o modelo familiar, onde a representação atribuída às profissões, pode ser positiva ou negativa. Habitualmente, um projeto profissional abarca as expectativas que os pais e o jovem possuem sobre seu futuro, as motivações e o desejo dos pais em relação à escolha do filho (as quais caracterizam a subjetividade e a objetividade do jovem (Soares, 2002<sup>48</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012).

Muitas vezes as famílias procuram ascender na pirâmide social por meio dos filhos e da profissão escolhida por estes, já que o estatuto profissional pode determinar o tipo de valorização social da pessoa. Tal processo pode conduzir o jovem a escolher inconscientemente uma determinada profissão para se sentir mais valorizado, importante e querido na família. Ainda assim, a pessoa ao fazer uma escolha profissional adequada tem a possibilidade de se sentir produtivo à sociedade e de se tornar independente financeiramente da sua família, gerindo profissional e economicamente a sua própria vida (Espírito & Castro, 2012). Segundo os autores também os aspetos psicológicos parecem desempenhar um papel importante na tomada de decisão da profissão.

---

<sup>47</sup> Soares, D.H.P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. 2. ed. São Paulo: Summus.

<sup>48</sup> Ibid.

Num estudo realizado por Bastos e Gomide (1989<sup>49</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012), sobre a atuação e formação profissional do psicólogo, conclui-se que a opção dos sujeitos pelo curso de psicologia prende-se habitualmente com razões de ordem pessoal, como sejam, a possibilidade de autoconhecimento, crescimento pessoal e solução de problemas, mais do que por motivos relacionados com a prática da profissão.

Para Soares (2002<sup>50</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) a escolha profissional tem relação direta com as identificações estabelecidas desde a infância com os mais próximos, nomeadamente com os pais, familiares, amigos e professores, tidas como figuras mais importantes para o sujeito. Segundo o autor, a escolha reflete um aspeto da identidade ocupacional, que é um fator importante na formação da identidade pessoal.

Bohoslavsky (1987<sup>51</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) acredita que uma escolha está diretamente ligada ao desejo do jovem em ser igual a outrem real ou imaginado, para desta forma alcançar as mesmas qualidades, virtudes e possibilidades daquele que os possui devido à posição ocupacional que exerce. Deste ponto de vista, o adolescente “não deseja escolher o que fazer, mas sim quem ser ou não ser” (p.44). Segundo este autor, a identidade ocupacional do adolescente acaba por ser atingida quando este, face ao período da adolescência, se ajusta psicologicamente na área do estudo e trabalho, que têm o objetivo de possibilitar a atuação de papéis sociais adultos. O autor afirma ainda, que a identidade ocupacional é “um aspeto determinante e determinado pela personalidade da pessoa, que está relacionada com a auto percepção de papéis ocupacionais, que são definidos a partir de interações sociais e descritos como expectativas recebidas sobre este papel dado um contexto histórico-social” (Bohoslavsky, 1987<sup>52</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012, p.44).

A maturidade vocacional para a escolha profissional, não depende apenas do conhecimento que o jovem possui sobre uma profissão, mas sim da capacidade que tem de projetar-se no futuro. Este imagina-se numa profissão, relaciona os papéis profissionais com os seus interesses pessoais e compreende o mundo do trabalho em

---

<sup>49</sup> Bastos, A.V.B., & Gomide, P.I.C.O. (1989). O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 9, n. 1, Brasília, 6-15.

<sup>50</sup> Soares, D.H.P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. 2. ed. São Paulo: Summus.

<sup>51</sup> Bohoslavsky, R. (1987). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. Tradução de José Maria Valeije Bojart. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.

<sup>52</sup> Bohoslavsky, R. (1987). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. Tradução de José Maria Valeije Bojart. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.

função das suas capacidades e necessidades, articulando o conhecimento concreto da profissão com as suas experiências subjetivas de vida (Soares, 2002, cit. Espírito & Castro, 2012).

Segundo Bohoslavsky (1987<sup>53</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) a identidade ocupacional tem início desde muito cedo, onde objetos, pessoas, valores e atividades que envolvem o ego ajudam a construir, aos poucos, aquilo a que o autor chama de “proto-identidade” ocupacional, constituída a partir de experiências pessoais. Assim sendo:

...A identidade ocupacional desenvolve-se como um aspeto da identidade pessoal. As suas raízes genéticas assentam-se, basicamente, sobre o esquema corporal e estão sujeitas, desde o nascimento, às influências do meio humano. Por isso, a identidade ocupacional é entendida como a contínua interação entre fatores internos e externos à pessoa. (p.45).

Num estudo realizado por Lemos et al. (2007<sup>54</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) verificou-se que as inclinações profissionais podem estimular diferentes atitudes no estudante. Logo as diferentes representações da profissão dos estudantes podem influenciar diretamente o processo de formação da identidade profissional. Para os autores, fatores ou inclinações como autonomia, altruísmo, estabilidade e manutenção do estilo, entre outros, podem sofrer influências em maior ou menor grau, da família, dos amigos, do tipo de estatuto e reconhecimento social que se pode obter, do retorno financeiro, da conquista da realização profissional e da relevância social com o objetivo de contribuir para a melhoria da sociedade. De acordo com estes autores, as referências profissionais que os estudantes possuem, podem influenciar diretamente o processo de formação da identidade profissional.

Em síntese, podemos dizer que o processo de construção identitária surge quando toma forma o interesse e o desejo de se ter a psicologia como profissão, esta é despoletada a partir de algumas representações e identificações sobre a atividade de psicólogo no momento da escolha profissional e constitui as primeiras inferências significativas para se tornar psicólogo (Krawulski & Patrício, 2005).

### **2.3.2. Formação profissional do psicólogo**

A formação em psicologia torna-se em grande parte responsável pela imagem que o psicólogo elabora da sua profissão, do seu campo de atuação e da função. O

---

<sup>53</sup> Ibid.

<sup>54</sup> Lemos, C. G.; Bueno, J. M. H.; Da Silva, P. L., & Genicolo, V. C. (2007). Referenciais de carreira e identidade profissional em estudantes universitários. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 208-223.

papel de psicólogo é habitualmente idealizado pelos alunos, estando carregado de fantasias e expectativas quanto à atuação desse profissional. Desta forma, a imagem do psicólogo está envolta em estereótipos e representações sociais que muitas vezes contribuem para distorcer a realidade (Mazer & Melo-Silva, 2010).

O processo de formação profissional do psicólogo inicia-se antes da escolha do curso de Psicologia (Witter & Ferreira, 2005<sup>55</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012). Para os autores, a vida profissional envolve a escolha do curso, a pós graduação, a formação contínua, que por sua vez, sofrem influências decisivas do núcleo familiar da pessoa, do novo núcleo familiar que a própria pessoa irá constituir, do contexto sociocultural, do desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão, do currículo, da legislação e atuação profissional, que atravessarão toda ou parte do ciclo profissional. Witter e Ferreira (2005<sup>56</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) admitem que o ciclo profissional do psicólogo se inicia quando este tem o diploma nas mãos. Todavia, é somente nas aulas teóricas, práticas e no trabalho diário que realmente se constitui o profissional da psicologia.

A este respeito Caon (2002<sup>57</sup>, cit. Krawulski, 2004) estabelece diferenças importantes entre identidade oficial e identidade profissional. Segundo o autor, a identidade oficial decorre de um diploma e de um registo numa entidade formal (e.g., ordem profissional) requisitos que, uma vez satisfeitos, habilitam o profissional para realizar seu trabalho. Por sua vez, a identidade profissional, é constituída pelo desejo, pela prática, pela supervisão, pela formação contínua, podendo apoiar-se numa identidade oficial ou ser acompanhada por ela. Para este autor, é “ilusória a busca da identidade oficial sem que se cuide da identidade profissional, pois, ao contrário da primeira, que está pronta ao serem cumpridas as exigências legais, esta última constitui um processo contínuo, não se encerra jamais, sendo sustentada por uma formação permanente” (Krawulski, 2004, p.34).

No decorrer da sua formação o estagiário de psicologia pode ser designado como de principiante que está construir as principais referências da teoria, da ética e da atitude terapêutica. Ainda assim, não pode ser chamado de psicólogo mesmo que

---

<sup>55</sup> Witter, G. P., & Ferreira, A. A. (2005). Formação do psicólogo hoje. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços*. 2. ed. Campinas: Editora Alínea. 15-39.

<sup>56</sup> Ibid.

<sup>57</sup> Caon, J. L. (2002). *A identidade legal e a identidade profissional: duas práticas aprendentes específicas*. Disponível em: <[www.estadosgerais.org/encontro/a\\_identidade\\_legal.shtml](http://www.estadosgerais.org/encontro/a_identidade_legal.shtml)>. Acedido a 12.09.2002.

tenha os recursos e requisitos mínimos para atuar em diversos campos da psicologia (Resende, 2005<sup>58</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012).

Num estudo realizado por Scorsolini-Comin, et al. (2008), sobre a construção da identidade profissional do estagiário de psicologia a partir da atuação num serviço público de saúde, os autores referem que a experiência do estágio permite o contacto com a realidade de trabalho e que a vivência do estágio, no serviço de saúde, pode ser percebida como um treino cujo objetivo é preparar o estagiário para a sua área de atuação. Este treino possibilita, à partida, que o estagiário se confronte com suas primeiras dificuldades na área de atuação, como o impacto diante da história clínica, realidade social e comportamentos dos pacientes.

Segundo os autores (idem) a participação do estagiário do curso de psicologia nas reuniões da equipa multiprofissional, permite que o estudante não apenas reflita sobre os casos dos seus pacientes, mas também promove a reflexão sobre as suas próprias dificuldades, partilhem experiências e discutam sobre as possibilidades de intervenção no contexto de atuação.

Coelho, Peres e Oliveira (2005<sup>59</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) consideram que o conhecimento não pode ser algo essencialmente teórico, como é habitual na maioria dos cursos de psicologia (e.g., o que é ensinado nas disciplinas de técnicas psicoterapia não assegura ao estagiário a consciência do seu papel como terapeuta). Logo, não basta ao estagiário apenas aprender, mas torna-se necessário vivenciar o que se é aprendido. Para estes autores, (idem) o papel da supervisão é promover a troca de experiências e possibilitar uma constante aprendizagem, a interação entre supervisor e estagiário envolve a construção de uma relação dinâmica atravessada por sentimentos construtivos ou destrutivos, que podem influenciar o andamento do processo terapêutico do paciente, além de orientar o desempenho do estagiário.

Segundo Coleta, Cava e Silva (2005<sup>60</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) o estágio supervisionado pode ser compreendido como o início de uma prática profissional e também como a prestação de um serviço de psicologia. Este, para além de ser fundamental para a formação da atitude clínica e construção de uma identidade

---

<sup>58</sup> Resende, V. R. (2005). Refletindo sobre a formação do psicoterapeuta. In: Melo -Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simon, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 433-442.

<sup>59</sup> Coelho, H. M. B.; Peres, R. S., & Oliveira, F. S. A. (2005). Clínica-escola em sua dupla função: usuários e estagiários. In: Melo-Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simão, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 197-220.

<sup>60</sup> Coleta, M. F. D.; Cava, L. R. B., & Silva, T. C. M. (2005). Crenças e atitudes de estagiários em psicologia clínica. In: Melo-Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simon, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 315-335.

profissional, também constitui a norma e é um pré-requisito para a obtenção do grau de psicólogo nos cursos de psicologia. Assim sendo, para os autores (idem) a identidade profissional do psicólogo é a associação de alguns padrões de conduta, tais como: a abordagem teórica, a filosofia de trabalho e as estratégias que caracterizam o papel do psicólogo. Já a formação da atitude clínica no aluno de psicologia, dá-se pela associação da psicoterapia pessoal, conhecimento teórico e prática clínica supervisionada.

Para Resende (2005<sup>61</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) a supervisão do estágio pode ser entendida como um espaço de reflexão, transformação e construção do conhecimento, o qual permite que o aluno desenvolva iniciativa e autoconfiança perante a necessidade dos pacientes/clientes. Por sua vez Coleta, Cava e Silva (2005<sup>62</sup>, Espírito & Castro, 2012) defendem que o supervisor também pode influenciar nas formações da identidade profissional da atitude clínica do estudante, já que o papel de supervisor não deve ser apenas de orientar, mas também servir de modelo de atuação profissional. É ainda papel do supervisor proporcionar segurança para a atuação do estagiário e auxiliar na internalização do papel profissional. Deste ponto de vista, a supervisão é entendida como “uma atividade de cunho imprescindível que auxilia o aluno-estagiário tanto em sua aprendizagem quanto na formação profissional de sua atitude clínica e identidade” (Espírito & Castro, 2012, p.46-47).

A este respeito, Scorsolini-Comin, et al. (2008) referem que a supervisão de estágio tem como um dos seus objetivos, promover nos estagiários uma atitude de (re) pensar as posturas utilizadas no contacto estabelecido na instituição ou fora dela, e que procure essencialmente formas de atuar como psicólogo. Os autores (idem) consideram ainda que além do estágio constituir este espaço de reflexão e desenvolvimento técnico, ele permite também a possibilidade de moderar as angústias dos estagiários, num processo de constante construção e (re)construção da sua identidade profissional.

Importa salientar que a formação de Psicólogo deverá ser alvo de constante preocupação, devendo ser dada continuidade à formação profissional e pesquisa científica nesta área, por forma a acompanhar as mudanças socioculturais e a

---

<sup>61</sup> Resende, V. R. (2005). Refletindo sobre a formação do psicoterapeuta. In: Melo -Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simon, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 433-442.

<sup>62</sup> Coleta, M. F. D.; Cava, L. R. B., & Silva, T. C. M. (2005). Crenças e atitudes de estagiários em psicologia clínica. In: Melo-Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simon, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 315-335.

realidade dos mercados de trabalho. De acordo com Witter e Ferreira (2005<sup>63</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) a qualidade ou especificidade dos cursos de Psicologia não são “requisitos ou prenúncios de uma formação suficientemente sólida, ou garantia do exercício profissional satisfatório para atuar em qualquer área” (p. 46). É por isso esperado que esta lacuna seja constantemente complementada com cursos de pós-graduação, projetos de formação contínua, estudos e atualização dos mesmos.

A este respeito Bandeira et al. (2006<sup>64</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) no seu estudo referem que, diante da ausência do domínio de algumas capacidades de extrema importância para a atuação profissional, acredita-se que há preocupação com a formação e desenvolvimento de habilidades, através de estágios básicos profissionalizantes e atividades complementares. Também no estudo Bastos e Gomide (1989<sup>65</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) os autores admitem que muitos psicólogos formados procuram e necessitam de atividades de formação complementar, como cursos, estágios e terapia, como apoio ao exercício profissional após a graduação.

Não chega apontar princípios orientadores do exercício e formação profissional em psicologia como sendo determinantes da sua atuação e formação. Torna-se difícil afirmar que o profissional está suficientemente preparado a partir dessas diretrizes, se não soubermos que o aluno no decorrer da sua formação internalizou as competências e os atributos necessários para a sua atuação na prática. A este propósito, Mazer e Melo-Silva (2010) afirmam que:

A carreira de estudante possibilitou o alicerce para a construção de um contínuo aprendizagem, e é nesse movimento de buscas, descobertas e transformações que o recém-formado vai definindo a sua identidade, à medida que vai percorrendo caminhos e construindo sua carreira ao longo da vida (p.277).

Algumas das competências que são exigidas aos recém-formados não são suficientemente desenvolvidas durante a formação académica (Coleta, Cava & Silva 2005<sup>66</sup>; Resende, 2005<sup>67</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012). Ainda assim, a psicoterapia

---

<sup>63</sup> Witter, G. P., & Ferreira, A. A. (2005). Formação do psicólogo hoje. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços*. 2. ed. Campinas: Editora Alínea. 15-39.

<sup>64</sup> Bandeira, M.; Gualia, M.A.C.; Freitas, L.C.; de Sousa, A.M.; Costa, A.L.P.; Gomides, M.M.P., & Lima, P.B. (2006) Habilidades interpessoais na atuação do psicólogo. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 10, n. 1, 139-149.

<sup>65</sup> Bastos, A.V.B., & Gomide, P.I.C.O. (1989). O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 9, n. 1, Brasília, 6-15.

<sup>66</sup> Coleta, M. F. D.; Cava, L. R. B., & Silva, T. C. M. (2005). Crenças e atitudes de estagiários em psicologia clínica. In: Melo-Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simon, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 315-335.



individual, a capacidade de tolerância à frustração e a disponibilidade interna do estagiário, parecem constituir elementos relevantes para a atuação profissional do mesmo, que aliados a uma componente teórica sólida, acaba por instrumentalizar todo o processo psicoterapêutico (Coelho, Peres & Oliveira, 2005<sup>68</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012). Contudo, as diferenças e as diferentes representações que tanto terapeuta quanto paciente possuem um do outro, e principalmente a dificuldade do terapeuta em compreender as limitações de seus pacientes, podem ser desconstruídas por meio das experiências de cada atendimento, onde a cada atendimento ocorre a construção de uma relação, caracterizada por aceitação, empatia e possibilidade de ressignificação do tratamento e também a possibilidade de ambos se conhecerem, reconhecerem e construir juntos uma realidade (Scorsolini-Comin, et al., 2008)

Em síntese, podemos dizer que a literatura realça a importância do estágio, o papel da supervisão durante a formação e ainda o situa como importante atividade para reflexão e construção da identidade profissional. A formação complementar também desempenha um papel fundamental para a consolidação das identidades. A formação em psicologia pode então ser compreendida como um processo que se inicia na escolha e vai até à atuação propriamente dita do psicólogo (Espírito & Castro, 2012).

#### **2.4. Prática profissional em contexto: importância para a consolidação da identidade profissional**

Ficou sobejamente claro que a identidade profissional tem a sua origem no período de formação acadêmica, mas sabemos que é a inserção no mundo do trabalho que a torna consistente, pois, este é o momento em que os psicólogos passam a experienciar o papel e as funções inerentes à profissão para a qual obtiveram formação. Assim sendo, é na trajetória profissional do trabalho cotidiano que podemos encontrar a expressão efetiva dessa identidade, já que é no contexto do trabalho que surge a articulação entre a “identificação com o futuro-fazer e as experiências de fazer, e em que condições objetivas darão os contornos e a medida

---

<sup>67</sup> Resende, V. R. (2005). Refletindo sobre a formação do psicoterapeuta. In: Melo -Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simon, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 433-442.

<sup>68</sup> Coelho, H. M. B.; Peres, R. S., & Oliveira, F. S. A. (2005). Clínica-escola em sua dupla função: usuários e estagiários. In: Melo-Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simão, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 197-220.

entre aquilo que se queria ser e aquilo que efetivamente se consegue ser enquanto ser humano trabalhador” (Krawulski, 2004, p.34).

Nesta linha de pensamento, também Abdlla (1998<sup>69</sup>, cit. Krawulski, 2004) no seu estudo, já referenciado anteriormente, vem reforçar que este só se torna profissional “quando adquire seu sentido social e histórico, materializado a partir de sua prática concreta, vivida no cotidiano onde são produzidas mudanças através de sua intervenção” (p.40).

A identidade profissional do psicólogo, é habitualmente definida como a constituição de um conjunto de papéis que o diferencia de outros profissionais, com vista ao exercício de determinadas funções. A especificidade das tarefas que o diferenciam de outro profissional pode conferir ao psicólogo o reconhecimento e a visibilidade social no exercício da sua atividade, acabando por se traduzir na construção da identidade profissional (Krawulski, 2004).

Para Bastos e Gomide (1989<sup>70</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012), a área de atuação do psicólogo limita o seu campo de trabalho e atribui-lhe uma identidade, a partir de um conjunto de características específicas de atuação. De certa forma, as atividades que o psicólogo exerce definem o seu modelo de atuação, o que transmite ainda a ideia de fragmentação da psicologia como área de conhecimento.

O trabalho do psicólogo é geralmente caracterizado no cotidiano por tarefas consideradas complexas na sua natureza, dado que envolvem uma relação profissional que tem por objeto o ser humano. Já vimos, que essa intervenção apresenta especificidades, relacionadas com a própria subjetividade humana e características individuais como: crenças, valores, conflitos, emoções, sentimentos, quer do próprio, quer do outro, e que devem ser tidas em consideração na relação estabelecida. É neste contexto de interações que a identidade profissional é concebida como a representação que o sujeito tem de si mesmo enquanto profissional, e que os outros têm dele no papel profissional que ele desempenha.

Na conceção de Ciampa (1986, cit. Krawulski, 2004), anteriormente apontada, “é pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo: ao pecar, pecador; ao desobedecer, desobediente; ao trabalhar, trabalhador. [...] nós somos nossas ações, nós fazemos-nos pela prática” [...] (p. 64). Assim, num primeiro momento, segundo o autor (idem), a

---

<sup>69</sup> Aballa, I. G. (1998). *Ter equilíbrio para dar equilíbrio – profissão psicólogo?: um estudo sobre as representações sociais dos alunos de um curso de psicologia*. São Paulo: Arte e Ciência.

<sup>70</sup> Bastos, A.V.B., & Gomide, P.I.C.O. (1989). O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 9, n. 1, Brasília, 6-15.

identidade pode ser tomada por um traço estático que define o ser, algo imediato e imutável, tal como acontece com o nome próprio que identifica as pessoas. Todavia, a identidade, inicialmente associada ao nome que distingue os seres, vai adotando outras formas de predicções, como os papéis os quais acabam por ser interiorizados.

Estas formulações de Ciampa (1986; 1987) auxiliam na reflexão, sobre como no exercício da prática profissional, os indivíduos vão estruturando e (re)estruturando a sua identidade, num processo dinâmico e contínuo. A ideia de que o indivíduo é o que ele faz, conduz-nos diretamente à questão da identidade profissional, através da pergunta que o próprio autor faz: “nós nos tornamos algo que não éramos ou nos tornamos algo que já éramos e estava como que embutido dentro de nós?” (Ciampa, 1986, cit. Krawulski, 2004, p.33).

Coelho, Peres e Oliveira (2005<sup>71</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) salientam que para o exercício da prática é importante que o supervisor estabeleça uma relação entre teoria e prática no ensino, para que o estagiário tenha a compreensão adequada dos fundamentos e dos procedimentos a utilizar no caso de dificuldades que podem envolver o processo psicoterapêutico. Também num estudo realizado por Bandeira et al. (2006<sup>72</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012) os autores apontam que, as habilidades interpessoais são recursos sociais e profissionais de grande importância para atuação do psicólogo. Os autores concluíram ainda, que os psicólogos consideram como habilidades mais importantes para atuação profissional em psicologia: ouvir, observar e ajudar o outro a identificar os seus sentimentos. Reforçando que a habilidade de ouvir é uma das capacidades de maior importância para a profissão de psicólogo, pois esta ajuda a obter informações e compreender todo um processo que é estabelecido com o seu interlocutor.

Sintetizando diria conforme já referido anteriormente, que para a identidade profissional do psicólogo contribuem elementos próprios da categoria profissional, como sejam: o corpo de conhecimentos, o conjunto de práticas e a normatização de conduta na profissão; e também elementos da sua vivência individual, como: sua história de vida e a sua formação académica, aos quais se associam as vivências da prática, conferindo assim um carácter processual à identidade profissional. Só desta

---

<sup>71</sup> Coelho, H. M. B.; Peres, R. S., & Oliveira, F. S. A. (2005). Clínica-escola em sua dupla função: usuários e estagiários. In: Melo-Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simão, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 197-220.

<sup>72</sup> Bandeira, M.; Gualia, M.A.C.; Freitas, L.C.; de Sousa, A.M.; Costa, A.L.P.; Gomides, M.M.P., & Lima, P.B. (2006) Habilidades interpessoais na atuação do psicólogo. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 10, n. 1, 139-149.

forma é possível compreendê-la como um processo de constante construção e (re)construção de significados da profissão.

Neste capítulo, foi possível apresentar o mais importante de alguma bibliografia sobre o processo de escolha da profissão de psicologia, as contribuições das aulas teóricas e das aulas práticas, a realização dos estágios supervisionados, o exercício da supervisão e o auxílio da psicoterapia pessoal na promoção do autoconhecimento enquanto elementos que podem ajudar e contribuir para desenvolvimento da identidade profissional do estudante nesta área. Podemos então verificar que no processo de aprendizagem da profissão, a pessoa aprende não só os conhecimentos e habilidades requeridos para o exercício da atividade, como também a forma de a vivenciar. Assim, podemos considerar que a profissão representa muito mais do que um conjunto de aptidões e funções, constituindo também uma forma de vida a assumir, uma vez que a relação entre o trabalhador e sua profissão é caracterizada pelo envolvimento, pelo sentimento de identidade e de adesão aos seus objetivos e valores. Neste sentido, a possibilidade que o trabalhador tem de perceber os resultados do seu trabalho acaba por reforçar os laços de envolvimento com as suas tarefas (Krawulski, 2004).

## II – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

O sucesso da investigação nas ciências sociais exige à partida uma reflexão aprofundada da metodologia a adotar. Segundo Fortin (1999) a metodologia assenta no “conjunto dos métodos e das técnicas, que guiam a elaboração do processo de investigação científica” (p. 372).

Assim, “metodologia”, “métodos” e “técnicas” são “termos que surgem na literatura para designar os diversos meios que ajudam e/ou orientam o investigador na sua busca do conhecimento” (Coutinho, 2011, p. 22). Ainda que alguns autores utilizem os três termos indiferentemente, outros há, (Kataplan,1998<sup>1</sup>; Deshaies,1992<sup>2</sup>; Bisquerra,1998<sup>3</sup>; cit. Coutinho, 2011) que consideram existir diferenças teóricas fundamentais entre os três conceitos. Desta forma, temos três conceitos cujas fronteiras se tocam mas com níveis de generalidade crescente, assim, a um primeiro nível temos as **técnicas** utilizadas por determinado ramo do conhecimento ou ciência na sua praxis científica, num outro nível o **método** constituído por um conjunto de técnicas suficientemente gerais para serem comuns a um número significativo de ciências e, a um nível mais geral a **metodologia** analisando e descrevendo os métodos, acaba por se distanciar da prática para assim tecer considerações teóricas fundamentais na produção do conhecimento científico (Coutinho, 2011). Em síntese, e segundo a autora, a “metodologia”, acaba por ter sempre um sentido mais alargado que o “método” já que esta permite um questionamento do que está para trás, a fundamentação dos métodos e as filosofias que lhes estão subjacentes acabam por influenciar as opções que o investigador faz.

Este capítulo tem por objetivo fazer uma apresentação da metodologia utilizada na realização do presente estudo empírico. Começamos por nos reportar ao tipo de estudo e apresentamos os objetivos a atingir com o mesmo, enumeramos de seguida um conjunto de procedimentos levados a cabo para a concretização do estudo, nomeadamente, a seleção dos participantes, a caracterização do instrumento de recolha de dados e os procedimentos de recolha e análise dos dados obtidos.

---

<sup>1</sup> Kaplan, A. (1998). *The Conduct of Inquiry: Methodology for Behavioral Science*. London: Transaction Publishers.

<sup>2</sup> Deshaies, B. (1992). *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.

<sup>3</sup> Bisquerra, R. (1989). *Métodos de Investigación Educativa: Guía Práctica*. Barcelona: Ediciones CEAC.

## 1. Natureza e Objetivos do Estudo

A génese da Identidade Profissional tem sido objeto de estudos e trabalhos de reflexão que centram os seus esforços em diversos aspetos que vão desde os fenómenos de poder à aprendizagem coletiva e se cruzam com a problemática da mobilidade social (Silva, 1996).

Considerando que o trabalho desempenha um papel estruturante na construção da identidade profissional do sujeito, esta, pode então, ser definida como a representação que o sujeito faz de si próprio e que os demais lhe atribuem, no que se refere ao trabalho que realiza (Krawulski, 2004). Ainda que a identidade profissional seja estruturada a partir de um conjunto de aspetos comuns que se colocam de forma semelhante a todos os elementos de um grupo socioprofissional, a diversidade e hierarquia interna subjacente em todos os grupos origina formas plurais de identidade (Tavares, 2007).

Por sua vez Krawulski (2004), ressalta ainda que o processo de construção da identidade profissional do psicólogo pode ser compreendido na perspetiva do desenvolvimento e da transformação do profissional. Essa transformação exprime-se no modo como a profissão penetra a vida pessoal dos psicólogos, produzindo modificações na sua perceção do mundo, nos seus valores e na própria postura diante da vida. Esse processo envolve um movimento constante de “construir-desconstruir-reconstruir significados da profissão, e que implica reconhecer e assimilar as ‘metamorfoses’ ao longo do percurso profissional” (Krawulski, 2004, p. 9).

De realçar, que as identidades tornaram-se num objeto de estudo privilegiado das ciências sociais a partir da década de 80 (Dubar, 1998). Contudo, se em relação a outras profissões, nomeadamente na área da saúde e do ensino, se dispõe de uma considerável massa crítica de investigação sobre a identidade profissional, o mesmo não acontece relativamente ao psicólogo clínico, que tem permanecido pouco explorado no que diz respeito a estudos portugueses. Assim, e porque se trata de um campo de pesquisa que necessita de estudo, considerou-se pertinente investigar o **processo de construção da identidade profissional dos psicólogos clínicos**, desenvolvendo um estudo de carácter exploratório, sendo este considerado o mais adequado, uma vez que busca explorar as dimensões do fenómeno, a maneira pela qual se manifesta e outros fatores com os quais se relaciona, realizando-se habitualmente em domínios teoricamente pouco desenvolvidos (Fortin, 1999).

Tendo em vista a temática desta investigação – **explorar as perceções dos psicólogos clínicos sobre o processo de construção de identidade profissional** -

uma investigação de natureza qualitativa mostrou-se apropriada e foi procurada enquanto caminho que possibilitou a exploração da experiência humana, na sua dinâmica e complexidade. Considerou-se esta opção, já que o “propósito da investigação qualitativa é compreender os fenómenos na sua totalidade e no contexto em que ocorrem” (Coutinho, 2011, p.289).

Não sendo fácil encontrar uma definição inequívoca para investigação qualitativa, podemos considerar que ao nível conceptual, o objeto de estudo “não são os comportamentos, mas as intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar *ideias*, descobrir *significados nas ações individuais* e nas *interações sociais* a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo” (Coutinho, 2011, p.26). Quanto à metodologia, a investigação de natureza qualitativa, apoia-se no método indutivo, pelo que o investigador, de forma deliberada, não tem em consideração os conhecimentos que possui no domínio do estudo e abstém-se de recorrer a uma teoria existente para explicar o fenómeno estudado (Fortin,1999). A relação que o investigador estabelece com a realidade que estuda, permite que a construção teórica se realize, de modo intuitivo e sistemático, a partir do contexto à medida que os dados empíricos emergem (Creswell,1994<sup>4</sup>, cit. Coutinho, 2011). Desta forma, a teoria “surge à *posteriori* dos fatos e a partir da análise dos dados, fundamentando-se na observação dos sujeitos, na sua interpretação e significados próprios e não nas conceções prévias do investigador” (Coutinho, 2011, p.26).

Face ao acima exposto, formulámos como **objetivos gerais** para o presente estudo:

- (1) Explorar a perceção que os psicólogos clínicos têm da psicologia clínica, da sua atividade e papel profissional;
- (2) Analisar o percurso sobre o qual se edifica a identidade do psicólogo clínico desde as motivações ao percurso formativo e às experiências profissionais.

Nortearam ainda esta investigação os seguintes **objetivos específicos**:

- (1) Caraterizar a psicologia clínica a partir do olhar dos profissionais que a exercem;
- (2) Perceber as motivações e expetativas (e.g., mais centradas nos outros ou no próprio) que estão na base da opção pela profissão de psicólogo clínico;
- (3) Analisar o percurso académico e profissional dos psicólogos clínicos.

---

<sup>4</sup> Creswell, J. (1994). *Research Design: qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Perante os objetivos anteriormente definidos, procuramos com este estudo encontrar resposta para as seguintes questões de investigação:

- a) Como veem os psicólogos clínicos a psicologia clínica e quais as características dominantes que lhe atribuem?
- b) Quais os aspetos motivacionais que os levaram a tornar-se psicólogos clínicos, contribuindo para a sua identidade profissional?
- c) Que aspetos (i.e., etapas, experiências, aprendizagens) terão influenciado a forma como se veem profissionalmente

## **2. Participantes**

Considerando que os estudos qualitativos se interessam pelo estudo do fenómeno em profundidade, o critério subjacente à seleção da amostra populacional reside na qualidade do informante e não propriamente na quantidade (Gauthier, 2003). De acordo com Coutinho (2011) e Fortin (1999) é preferível questionarmos em que medida os sujeitos selecionados para o estudo são suscetíveis de fornecer dados válidos e completos, do que perguntarmo-nos se são representativas da população.

Pelo que, mais do que ter uma amostra representativa da população, o que se ambicionou na seleção dos participantes foi a qualidade da informação que os mesmos poderiam facultar em relação aos objetivos do estudo. Desta forma foi constituída uma amostra não probabilística, de amostragem por conveniência.

Na seleção dos participantes do presente estudo, foram ainda tidos em conta os seguintes critérios de inclusão:

- a) Psicólogos Clínicos com pelo menos cinco anos de prática clínica continuada e que trabalhassem em contextos de atuação diversificados, incluindo tanto os que desenvolvessem práticas de trabalho individual, típicas de consultório privado, como aqueles que estivessem integrados em equipas multidisciplinares (hospitais, clínicas ou outras);
- b) Psicólogos Clínicos de diferentes abordagens teórico-metodológicas de intervenção, ou seja, cujas práticas se regessem por correntes de pensamento diversificadas.

O Quadro 1 sintetiza o perfil desses profissionais a partir dos dados obtidos na primeira parte da entrevista. Nesse quadro são relacionados os participantes pela ordem de entrevista, reunindo-se informações individualizadas a respeito: do género, da idade, habilitações académicas, dos estudos realizados em complementaridade à



formação académica em Psicologia, da orientação teórica, do tempo de prática clínica, e ainda do(s) local(is) onde exercem a atividade terapêutica.

Participaram nesta investigação 20 psicólogos clínicos (quatro homens e 16 mulheres), que exercem a sua atividade profissional na área geográfica de Évora.

Quadro 1

*Caraterização dos participantes*

Variáveis Sujeitos	Sexo	Idade	Habilitações Académicas	Especialização	Orientação teórica	Anos prática Clínica	Local Atividade Terapêutica
E1	F	42	Licenciatura-1994 Pós-Grad Droga e Dependências	Clínica/ Sistémica	Sistémica	15	Pública-CRI Clínica Privada
E2	M	33	Licenciatura-2003 Doutorando- Psi Clínica	Clínica	Cognitivo- Comportamental	7	Pública/ Clínica Privada
E3	F	39	Licenciatura-1997 Mestrado- Psicologia Cognitivo-Comporta/ e Sistémica	Cognitivo- Comporta- mental	Cognitivo- Comportamental	13	Pública-IPSS e Clínica Privada
E4	F	51	Licenciatura-1988	Clínica	Dinâmica	19	Clínica Privada
E5	M	34	Licenciatura- 2003 Mestrado-Cuidados Paliativos Doutorando-Psicologia Clínica	Clínica	Cognitivo- Comportamental	7	Pública/Clínica Privada
E6	F	40	Licenciatura- 2001 Formação-Terapia Familiar	Clínica	Sistémica	10	Pública
E7	F	31	Licenciatura- 2005 Pós-Graduação avaliação Intervenção c/crianças adolescentes Doutoranda-Psicologia Clínica	Clínica/ Sistémica	Dinâmica e Sistémica	7	Pública-IPSS Clínica Privada
E8	F	51	Licenciatura-1985	Clínica	Dinâmica	23	C.S.P/ Clínica Privada
E9	F	43	Licenciatura- 1993 Terapeuta Familiar	Social Clínica	Sistémica	19	CSP
E10	F	56	Licenciatura-1986 Doutoramento	Clínica/Desenv	Psicanalítica	20	Clínica Privada
E11	F	44	Licenciatura-1992	Clínica	Psicanalítica	19	Clínica Privada
E12	F	51	Licenciatura-1985	Clínica	Dinâmica/ Psicanalítica	23	CSP/Clínica Privada
E13	F	53	Licenciatura-1983 Doutoramento	Clínica	Psicanalítica	20	Clínica Privada
E14	F	32	Licenciatura-2003	Clínica	Integrativa	8	CSP/Clinica Privada
E15	M	44	Licenciatura-1994 Mestrado Psicologia Clínica e da Saúde	Clínica	Cognitivo- Comportamental	17	Clínica Privada
E16	F	32	Licenciatura-2003	Clínica	Integrativa	8	Clínica Privada
E17	M	31	Licenciatura-2004	Clínica	Humanista	6	Pública-IPSS
E18	F	40	Licenciatura-1999	Clínica	Integrativa	10	CSP

			Mestrado Psicologia Clínica e da Saúde				
E19	F	36	Licenciatura-2002	Clínica	Psicanalítica	10	Pública/Clínica Privada
E20	F	32	Licenciatura-2003 Mestrado educação e proteção de crianças e jovens em risco	Clínica	Integrativa	10	Clínica Privada

**Fonte:** Ficha de identificação demográfica

A idade dos participantes varia entre os 31 e os 56 anos, sendo a média igual a 41 anos. No que diz respeito aos anos de experiência prática encontra-se uma variação de seis a 23 anos de experiência, sendo a média de 14 anos.

Em termos da orientação teórica adotada pelo grupo de psicólogos clínicos: quatro seguem uma abordagem cognitivo-comportamental, oito consideram-se dinâmicos, três são sistémicos, quatro têm uma orientação integrativa e um humanista.

No que diz respeito ao contexto profissional em que desenvolvem a sua atividade, nove terapeutas exercem simultaneamente em instituições públicas e em clínica privada, sete terapeutas em clínica privada e apenas quatro dos terapeutas em instituições públicas.

### 3. Instrumentos

Como instrumento de recolha de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada. A nossa opção por este instrumento recaiu no fato de ser, entre todos os tipos de entrevista possíveis, a que melhor se adequava ao estudo, já que confere ao entrevistado a possibilidade de descrever e refletir sobre as suas experiências e ao entrevistador a possibilidade de adaptar ou formular questões adicionais (Coutinho, 2011).

Segundo a autora, ela é utilizada quando pretendemos obter dados “comparáveis de diferentes participantes” (...) e o seu objetivo é “sempre o de explicar o ponto de vista dos participantes, como pensam interpretam ou explicam o seu comportamento no contexto natural em estudo” (p.291).

Antes de se proceder à recolha de dados, foi ainda entregue a cada participante uma ficha de identificação demográfica, bem como uma declaração de consentimento informado de participação na investigação, que os participantes foram convidados a ler e assinar no caso de concordarem com a mesma.

### **3.1. Ficha de identificação demográfica**

Trata-se de um documento a preencher pelo participante, com o objetivo de recolher dados relativos à sua identificação pessoal e profissional, tais como: a idade, o sexo, os anos de prática e a sua orientação teórica, viabilizando assim a caracterização dos participantes no estudo (Anexo I).

### **3.2. Declaração de consentimento informado**

Trata-se de um documento onde consta uma breve apresentação do domínio da investigação, neste caso – *Identidade Profissional dos Psicólogos Clínicos* – bem como o pedido de autorização para a gravação áudio das declarações. Também neste documento é garantida a total confidencialidade dos dados recolhidos. Uma vez aceite o pedido de colaboração, o participante assina este documento autorizando a sua participação no estudo e a utilização de todo o material recolhido (Anexo II).

### **3.3. Entrevista semiestruturada**

Recaindo na entrevista semiestruturada a forma de obtenção dos dados, verificou-se a necessidade de elaborar um guião de entrevista (Anexo III). Neste sentido, e tendo em conta o preconizado pela generalidade dos autores (e.g., Fortin 1999; Ghiglione & Matalon, 1997; Quivy & Campenhoud, 1998) partiu-se de uma série de perguntas-guia relativamente abertas, suscetíveis de produzir informação por parte dos participantes sobre: o significado da psicologia clínica; as características da profissão; as motivações para a profissão e os percursos académicos e profissionais.

O guião possibilitou-nos reencaminhar a entrevista para os objetivos do estudo, e cada vez que o entrevistado deles se afastava, procurámos manter a abertura necessária para compreender e interpretar todos os aspetos narrados, bem como abstermo-nos de qualquer intervenção no conteúdo das entrevistas.

Embora não se tenha recorrido a nenhuma entrevista piloto como forma a testar o guião da entrevista, cabe salientar que no decorrer das mesmas, não sentimos a necessidade de alterar ou reformular as questões.

### **3.4. Procedimentos Gerais**

#### *3.4.1. Procedimentos de recolha de dados*

Inicialmente foi efetuada uma pesquisa *on-line* na procura de psicólogos clínicos a exercer a sua atividade em Évora, independentemente de ser em instituição pública

ou consultório privado. Fruto dessa pesquisa, foi elaborada uma listagem com eventuais sujeitos participantes do estudo e da qual constavam o nome do psicólogo clínico, a instituição, o contacto pessoal e o *e-mail*.

Os participantes foram contactados pela primeira vez via telefone. Neste primeiro contacto começámos por nos identificar e de seguida foi-lhes apresentado, de forma resumida, o objetivo da pesquisa e solicitada a sua colaboração na mesma, tendo-lhes sido ainda referido, que a metodologia utilizada compreendia a realização de uma entrevista gravada e um breve questionário de identificação biográfica. No caso dos participantes que aceitaram colaborar no estudo, terminámos com o agendamento de uma sessão para a realização da entrevista.

Antes de iniciar a entrevista, foi transmitida verbalmente alguma informação ao participante, nomeadamente, os objetivos do estudo, os procedimentos utilizados e as condições de divulgação dos resultados. Foi-lhes ainda assegurado o anonimato e a total confidencialidade dos dados recolhidos.

Após o esclarecimento de algumas dúvidas ou questões levantadas pelos participantes, estes assinaram a declaração de consentimento informado da sua participação na investigação.

A realização das entrevistas decorreu maioritariamente entre os meses de novembro e dezembro do ano 2011 e por questões de agendamento alheias à nossa vontade, foram realizadas três entrevistas entre janeiro e março de 2012.

De salientar, que durante a sua realização preocupámo-nos em respeitar as técnicas de comunicação, mantendo uma postura de escuta ativa, dando espaço e tempo para o participante refletir e responder, abstraindo-nos das nossas perceções sobre o assunto e, intervindo apenas, para clarificar a questão ou validar a informação dada pelos participantes. As entrevistas decorreram num ambiente calmo, de cordialidade e interesse demonstrados por todos os participantes do estudo. A duração global de cada entrevista foi variável, de acordo com o tempo que cada entrevistado necessitava para se expressar, oscilando entre 15 e 70 minutos.

Após a realização de cada entrevista, os entrevistados foram codificados com a letra (E) e numerados de 1 a 20, correspondendo a cada entrevistado um número sequencial por ordem de realização das entrevistas, respeitando desta forma o anonimato e o carácter confidencial das informações prestadas.

As entrevistas foram transcritas para suporte de papel, tendo o cuidado de respeitar na íntegra as palavras utilizadas pelos participantes do estudo. A transcrição

das entrevistas incluiu momentos de pausa no meio ou no final das expressões que se encontram assinaladas com o código linguístico ... reticências.

Para proceder à apresentação, análise e discussão dos dados utilizamos outros códigos linguísticos, nomeadamente: reticências entre parênteses (...) para indicar que uma parte dos dados foi retirada, por não serem relevantes para a análise em causa.

#### 3.4.2. Procedimentos de análise dos dados

Atendendo às características do estudo, cujo interesse se situa num quadro de carácter exploratório com uma abordagem qualitativa, importa descrever os critérios que presidiram aos procedimentos de análise dos dados, não esquecendo que esta análise “depende fundamentalmente das capacidades integradoras e interpretativas do investigador” (Coutinho, 2011, p.290).

As informações obtidas nas entrevistas foram examinadas através da análise de conteúdo. Para Bardin (1997), a análise de conteúdo “[...] não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (p.31). Para o autor, a análise de conteúdo do tipo exploratório efetua-se em três fases fundamentais: a pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados (a inferência e a interpretação). Na primeira fase é estabelecido um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. A segunda fase consiste no cumprimento das decisões tomadas anteriormente e, finalmente na última fase, o pesquisador apoiado nos resultados brutos procura torná-los significativos e válidos.

Segundo Ghiglione e Matalon, (1997), há dois tipos de análise de conteúdo: a que faz intervir categorias pré-definidas antes da análise e que está associada a um quadro categorial teórico ou empírico que serve de suporte à análise; e a que não as faz intervir e que por isso tem um carácter exploratório. Neste último caso “os resultados são devidos unicamente à metodologia de análise, estando isenta de qualquer referência a um quadro teórico pré-estabelecido” (p.210).

Na análise por nós empreendida, as categorias de análise foram criadas após as entrevistas terem sido realizadas ou mais precisamente após a sua transcrição integral, constituindo estas o *corpus* da nossa pesquisa. Cada entrevista transcrita resultou em conteúdo verbal que ocupou de três a 11 páginas (tipo letra calibri, corpo 11, espaço 1,5, justificado).

Foi a partir das transcrições das entrevistas e da leitura flutuante destas, que se procurou sistematizar as respostas dos participantes, identificando e classificando as categorias e subcategorias mais significativas. Bardin (1997) refere-se ao recurso da “leitura flutuante”, caracterizando um estabelecimento de contato com o material colhido, “deixando-se invadir por impressões e orientações” (p. 96). Trata-se de uma leitura intuitiva desse material, aberta a todas as ideias e reflexões que surgirem.

O processo de contacto com os dados, visando identificar categorias, desenvolveu-se de modo bastante “artesanal”, sem recurso a qualquer *software*. Tomando como referência os autores anteriormente citados, o caminho adotado para o processo de análise dos dados, incluiu leituras sucessivas de cada entrevista transcrita, nas quais foram sendo sublinhados com diferentes cores, os elementos narrados pelos participantes face aos objetivos traçados. Foram ainda criadas colunas paralelas às da descrição das entrevistas, com um espaço vazio à direita, onde se foram anotando as unidades de análise observadas.

Numa fase posterior, esses elementos foram registados num agrupamento simples, questão a questão, reunindo-se o que cada um dos participantes abordou, constituindo-se assim um primeiro momento de análise.

Num segundo momento, esse agrupamento foi submetido a nova análise reflexiva, chegando-se então às categorias de análise de conteúdo, por sua vez agrupadas em registo separado. Segundo Bardin (1997, cit. Coutinho, 2011) a categoria é “ uma forma geral de conceito, uma forma de pensamento. São rúbricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo) em razão de características comuns” (p.195). As categorias de análise foram definidas após uma primeira leitura do material e na sua elaboração foi sempre tido em conta as questões a que o estudo pretende responder.

O momento de análise final dos dados e última etapa da análise de conteúdo (a inferência e interpretação), possibilitou, a partir da reflexão sobre as categorias e subcategorias extraídas, identificar temas emergentes. Assim, uma vez “descoberto um tema nos dados é preciso comparar enunciados e ações entre si, para ver se existe um conceito que os unifique. Quando se encontram temas diferentes, é necessário achar semelhanças entre eles” (Coutinho, 2011, p.196). Segundo a autora, durante a interpretação dos dados, há que recorrer aos referenciais teóricos importantes à investigação, já que, são eles que dão o suporte e significação ao estudo.

Em síntese, as categorias de análise de conteúdo, foram elaboradas a partir de uma exploração progressiva do material e foram agrupadas por temas (análise temática), de acordo com as repetições e padrões elaborados pelos participantes.

No sentido de avaliar a *fidelidade*, a *validade* e o *rigor* da presente investigação, gostaria de destacar que a reflexão que fomos desenvolvendo neste processo, foi resultado de inúmeras pesquisas e leituras acerca da abordagem de cariz qualitativo e que de certa forma nos induziu a uma atitude de permanente questionamento e de autocorreção, e que permitiu ainda, andar para a frente e para trás entre o planeamento e o desenvolvimento, no intuito de garantir a coerência entre as questões de investigação, a revisão da literatura, a amostra e a recolha e análise dos dados. Verificando e monitorizando sistematicamente os dados recolhidos na análise e interpretação dos mesmos, foi sempre tido em conta o padrão conceptual.

De igual modo, salientam-se as frequentes sessões realizadas com a orientadora, que enquanto “perita” contribuiu para que as mesmas se tornassem numa mais-valia, permitindo que no desenvolvimento das diferentes fases do processo de análise e identificação dos temas e das categorias, estas fossem supervisionadas, testadas e validadas, conferindo o carácter de rigor fundamental para a presente investigação.





### III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

#### 1. Apresentação de resultados

Neste capítulo apresentam-se os resultados, que derivam dos dados obtidos através das entrevistas, consistindo na sistematização dos discursos obtidos através da transcrição das mesmas e da sua análise por recurso à análise de conteúdo. Tem como objetivo organizar e sumariar os dados, com a possibilidade de fornecer resposta às questões de investigação.

De seguida, apresenta-se um quadro resumo dos temas, das categorias e subcategorias (Quadro 2), que emergiram da análise de conteúdo. Posteriormente, cada categoria será analisada e discutida em separado apoiada nas respetivas subcategorias (Anexo IV).

Quadro 2

*Perspetiva global dos temas, categorias e subcategorias de análise*

<b>Temas</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>(f)</b>
<b>Definição e Características de Psicologia Clínica</b>	Definição de Psicologia Clínica	Arte ou ciência	8
		Saúde mental	7
		Ramo/vertente da psicologia	4
	Significado de Psicologia Clínica	Relação terapêutica	9
		Bem-estar	9
		Compreensão/conhecimento	9
		Ajuda na reorganização do outro	6
		Ajuda na resolução de problemas	5
		Desenvolvimento pessoal	5
		Autoconhecimento	3
	Definição no Contexto da Intervenção	Diversidade de áreas de intervenção	14
		Intervenção orientada teoricamente	5
	Qualidades do Psicólogo Clínico	Intervenção orientada para a mudança	4
		Competências pessoais	11
Competências relacionais		5	
Objetivos da Psicologia Clínica	Competências técnicas	4	
	Ajuda ao Outro	10	
	Promoção da mudança e do bem-estar	5	
Processos/Instrumentos de Exercício da Atividade Clínica	Promoção do autoconhecimento	2	
	Empatia	7	
	Relação terapêutica	6	
	Setting	5	

(Contínua)

Quadro 2 (continuação)

<b>Temas</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>(f)</b>
<b>Motivações para se tornar Psicólogo Clínico</b>	Motivação Centrada no Outro	Descoberta do outro	12
		Relação com outro	9
		Desenvolvimento pessoal do outro	9
		Conhecimento/compreensão do outro	8
		Diversidade de domínios intervenção	8
		Ajudar o outro	7
		Contribuir para a mudança do outro	5
	Motivação Centrada no Próprio	Autodesenvolvimento e realização pessoal	7
	Desafio de atualização contínua	4	
<b>Trajetórias Identitárias do Psicólogo Clínico</b>	<b>Dimensão Saber-Saber</b> (Domínio Cognitivo)	Formação académica	20
		Formação contínua	14
		Formação pós-graduada	11
	<b>Dimensão Saber-Fazer</b> (Domínio Psico-Motor)	Supervisão	16
		Experiência em contextos de prática clínica	10
		Estágios	9
		Intervisão	4
	<b>Dimensão Saber-Ser</b> (Domínio Afetivo)	Decisão pessoal	10
		Processo de análise	5
Formação enquanto pessoa		3	

Fonte: Entrevistas

Em resultado da análise de conteúdo à transcrição das entrevistas realizadas aos psicólogos clínicos, emergiram três temas:

- Definição e características da psicologia clínica;
- Motivações para se tornar psicólogo clínico;
- Trajetórias identitárias do psicólogo clínico

No que diz respeito ao primeiro tema **Definição e características da psicologia clínica**, este engloba as verbalizações relativas à imagem que os psicólogos entrevistados têm do que é a própria psicologia clínica e o seu próprio papel ocupacional, bem como as verbalizações referentes às características da sua atividade e grupo profissional.

Com um total 143 unidades de registo, os componentes do discurso foram divididos em seis categorias: (1) Definição de psicologia clínica; (2) Significado de psicologia clínica; (3) Definição no contexto de intervenção; (4) Qualidade do psicólogo clínico; (5) Objetivos; (6) Processos/Instrumentos de exercício de atividade clínica.

### **Categoria 1. Definição de Psicologia Clínica**

Todas as subcategorias inseridas nesta categoria referem-se a elementos da representação que os psicólogos entrevistados têm da psicologia clínica (Quadro 3). Com um total de 19 unidades de registo, esta foi dividida em três subcategorias: **(1)** Arte ou ciência; **(2)** Saúde mental; **(3)** Ramo/vertente da psicologia.

#### Quadro 3

*Síntese das subcategorias da categoria “Definição de Psicologia Clínica”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Definição de Psicologia Clínica</b>	Arte ou ciência	<b>E1-UR1; UR7;UR8;UR9;UR10/ E8-UR1/ E17-UR1/ E19-UR1</b>	8
	Saúde mental	<b>E2-UR2;UR3/ E12-UR1/ E13-UR1/ E14-UR5/ E15-UR1/ E18-UR2</b>	7
	Ramo /vertente da psicologia	<b>E2-UR1/ E6 -UR1/ E7-UR1/ E17-UR3</b>	4

Relativamente à subcategoria 1. Arte ou ciência as verbalizações centram-se invariavelmente na aproximação da psicologia clínica ao domínio da arte, ou seja, “...eu encaro-a mais como uma arte do que como uma ciência” (E1), ou ao domínio da ciência, isto é, “ ... uma ciência dotada de um conjunto de instrumentos e de um conjunto de estratégias e técnicas” (E17). Com oito unidades de registo, esta subcategoria emergiu no discurso de quatro participantes.

No que diz respeito à subcategoria 2. Saúde mental as verbalizações apelam a uma caracterização da psicologia clínica como sendo uma área da psicologia mais do âmbito das patologias, encontrando-se estritamente relacionada com a saúde mental, perceptível nos testemunhos:

*“A Psicologia Clínica tem no seu âmbito o trabalho direto com uma psicologia mais das patologias, mais de aquilo que não corre bem com a saúde mental...” (E2)*

*“A Psicologia Clínica é uma área da psicologia que se dedica mais ao estudo dos processos da saúde mental, trabalhando diretamente com a área da saúde mental.” (E15)*

Nesta subcategoria, surgem sete unidades de registo no discurso de seis participantes.

Quanto à subcategoria 3. Ramo/vertente da psicologia as verbalizações remetem para o facto de a psicologia clínica ser um de entre vários ramos ou vertentes da psicologia “...*acaba por ser uma das ramificações de esta grande árvore que é a psicologia*” (E2) ou ainda “...*a psicologia clínica é uma vertente da Psicologia...*” (E7). Esta subcategoria com um total de quatro unidades de registo, foi referida no discurso de quatro participantes.

### **Categoria 2. Significado de Psicologia Clínica**

Esta categoria engloba as verbalizações relativas à percepção que os psicólogos entrevistados têm do que é a psicologia clínica (Quadro 4). Com um total de 46 unidades de registo, os componentes do discurso foram divididos em sete subcategorias: (1) Relação terapêutica; (2) Bem-estar; (3) Compreensão/conhecimento; (4) Ajuda na reorganização do outro; (5) Ajuda na resolução de problemas; (6) Desenvolvimento pessoal (7) Autoconhecimento.

Quadro 4

*Síntese das subcategorias da categoria “Significado de Psicologia Clínica”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>O Significado de Psicologia Clínica</b>	Relação terapêutica	<b>E1-UR5/ E3-UR3/ E7-UR3/ E8 -UR6/E9-UR1;UR3/ E17-UR2;UR4/ E18-UR7</b>	9
	Bem-Estar	<b>E2-UR4/ E3-UR2;UR5/ E7-UR2;UR4/ E9-UR6/ E17-UR7/ E18-UR5/ E20-UR5</b>	9
	Compreensão/conhecimento	<b>E6-UR2;UR3/ E8-UR3;UR4/ E9-UR2/ E12-UR2/ E19-UR2/ E20-UR2;UR3</b>	9
	Ajuda na reorganização do outro	<b>E1-UR6/ E4-UR1/ E5-UR4/ E8-UR2/ E20- UR1;UR4</b>	6
	Desenvolvimento pessoal	<b>E10-UR1/ E11-UR1/ E14-UR2;UR4/ E16- UR3</b>	5
	Ajuda na resolução de problemas	<b>E6-UR4;UR5/ E9-UR7;UR8/ E14- UR3</b>	5
	Autoconhecimento	<b>E4-UR2 / E8-UR5/ E9-UR5</b>	3

No que diz respeito à subcategoria 1. Relação terapêutica as verbalizações centram-se fundamentalmente na importância da relação enquanto ferramenta terapêutica, já que, “...*o principal é a relação que se estabelece entre o terapeuta, psicólogo e a pessoa que está à nossa frente...*” (E9). Esta subcategoria é constituída por nove unidades de registo, tendo sido referida por sete participantes.

Relativamente à subcategoria 2. Bem-estar, as verbalizações remetem para processos de intervenção que visam a obtenção do bem-estar do indivíduo, pois *“...com base nesses modelos de referência, fazemos uma intervenção, que permita à pessoa sentir mais bem-estar...”* (E18). Com nove unidades de registo, esta subcategoria é igualmente referida por sete participantes.

A subcategoria 3. Compreensão/conhecimento engloba verbalizações referentes à importância do estudo do indivíduo como forma de conhecimento e compreensão do ser humano, ou seja a *“... compreensão global do sujeito e das situações com ele relacionadas...”* (E6). Também com nove unidades de registo, esta subcategoria é referida no discurso de seis participantes.

Quanto à subcategoria 4. Ajuda na reorganização do outro, as verbalizações remetem para a percepção que os sujeitos têm do seu contributo na reorganização do paciente.

*“...o psicólogo clínico acaba por ser muitas das vezes, um mediador e um facilitador ... e fornecedor de armas e instrumentos que permitem à pessoa reorganizar-se e reestruturar-se cognitivamente...”* (E5)

Com um total de seis unidades de registo, esta subcategoria emergiu no discurso de cinco participantes.

Quanto à subcategoria 5. Ajuda na resolução de problemas, as verbalizações centram-se na perspectiva de que a psicologia clínica contribui para o desenvolvimento de competências pessoais, nomeadamente ao nível da resolução dos seus próprios problemas, isto é, *“... a psicologia clínica pode de facto ajudar o outro, as pessoas, o indivíduo a encontrar respostas ... às suas problemáticas e diferentes problemáticas...”* (E6). Esta subcategoria conta com cinco unidades de registo reportadas por três participantes.

Em relação à subcategoria 6. Desenvolvimento pessoal as verbalizações remetem para a percepção que os sujeitos têm do que é o seu trabalho e de como ele pode promover o desenvolvimento do outro, ou seja, *“... um trabalho centrado aliás como quase toda a psicologia, centrado no desenvolvimento da pessoa no desenvolvimento do outro...”* (E14). Contando com um total de cinco unidades de registo, esta subcategoria foi mencionada por quatro participantes.

Por fim, a subcategoria 7. Autoconhecimento engloba as verbalizações referentes à percepção que os sujeitos têm da sua capacidade em promover o

autoconhecimento do outro, isto é, “...no sentido que a pessoa consiga apreender melhor o que se passa à volta dela e conhecer-se melhor...” (E9). Com um total de três unidades de registo esta subcategoria foi referida no discurso de três participantes.

### **Categoria 3. Definição no Contexto de Intervenção**

Esta categoria engloba as verbalizações relativas à perceção que os psicólogos entrevistados têm sobre os diferentes contextos de intervenção (Quadro 5). Com um total de 23 unidades de registo, os componentes do discurso foram divididos em três subcategorias: (1) Diversidade de áreas de intervenção; (2) Intervenção orientada teoricamente; (3) Intervenção orientada para a mudança.

#### Quadro 5

*Síntese das subcategorias da categoria “Definição no Contexto da Intervenção”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Definição no contexto da Intervenção</b>	Diversidade de áreas/intervenção	<b>E5-UR1/E10-UR1/ E11-UR1/E12-UR3/ E13-UR4;UR6/ E14-UR1/ E15-UR2/ E17-UR8;UR9;UR10/ E18-UR1;UR3;UR6</b>	14
	Intervenção orientada teoricamente	<b>E3-UR1;UR4;UR6/ E17-UR5/ E18-UR4</b>	5
	Intervenção orientada para a mudança	<b>E5-UR2;UR3/ E9-UR4/ E18-UR8</b>	4

No que diz respeito à subcategoria 1. Diversidade de áreas de intervenção as verbalizações remetem para a perceção da multiplicidade das áreas de intervenção, sendo a psicologia clínica compreendida como “... uma área muito abrangente quer em termos dos objetivos, quer em termos das áreas de intervenção” (E18), ou melhor “...há muitas áreas de intervenção possíveis, nesse sentido, podemos pensar em psicologia clínica e da saúde (...) em psicologia clínica e contexto organizacional (...) também nas questões da promoção da saúde... e portanto, da promoção da saúde mental e da prevenção de doença ou ... da patologia mental...” (E18). Esta subcategoria conta com 14 unidades de registo salientadas por nove participantes.

Relativamente à subcategoria 2. Intervenção orientada teoricamente as verbalizações apelam ao facto da psicologia clínica estar fundamentada em modelos de referência, ou seja, “... acho que está profundamente ligado aos modelos de

*intervenção de referência não faria da mesma forma certamente se fosse uma psicóloga educacional...* (E3). Esta subcategoria, com cinco unidades de registo foi referida no discurso de três participantes.

Quanto à subcategoria **3. *Intervenção orientada para a mudança***, esta engloba as verbalizações que se referem à percepção que os psicólogos entrevistados têm dos efeitos da sua intervenção nos clientes, isto é, *“...a forma de intervenção como disse ao início sobre e na pessoa na perspetiva de poder modificar comportamentos...”* (E5), ou seja, *“... penso muito que é a intervenção mínima para acontecer a mudança máxima...”* (E9). Com um total de quatro unidades de registo, esta subcategoria foi referida por três participantes.

#### **Categoria 4. Qualidades do Psicólogo Clínico**

Esta categoria engloba as verbalizações relativas à percepção que os psicólogos entrevistados têm acerca das qualidades ou atributos do psicólogo clínico (Quadro 6). Com um total de 20 unidades de registo, os componentes do discurso foram divididos em três subcategorias: **(1) Competências pessoais; (2) Competências relacionais; (3) Competências técnicas.**

Quadro 6

*Síntese das subcategorias da categoria “Qualidades do Psicólogo Clínico”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Qualidades do Psicólogo Clínico</b>	Competências pessoais	<b>E1-</b> UR1/ <b>E8-</b> UR3;UR4/ <b>E9-</b> UR1; UR5; UR6/ <b>E10-</b> UR2; UR3/ <b>E15-</b> UR1/ <b>E19-</b> UR1; UR2	11
	Competências relacionais	<b>E8-</b> UR1;UR2 / <b>E9-</b> UR10/ <b>E16-</b> UR1;UR2	5
	Competências técnicas	<b>E6-</b> UR3/ <b>E15-</b> UR3/ <b>E17-</b> UR1/ <b>E20-</b> UR2	4

No que diz respeito à subcategoria **1. *Competências pessoais*** as verbalizações remetem para a percepção acerca das características pessoais que o psicólogo clínico detém, considerando que *“...uma das características principais enquanto profissional é essa, é a capacidade de adaptação que o psicólogo tem que ter...”* (E19), ou ainda *“... a tolerância, a humildade, não achar que se tem o conhecimento todo, ou que se é onipotente...”* (E8). Esta subcategoria, conta com 11 unidades de registo, emergentes a partir do discurso de seis participantes.

Relativamente à subcategoria 2. Competências relacionais as verbalizações referem-se à percepção que os psicólogos entrevistados têm relativamente aos aspetos relacionais que caracterizam o psicólogo clínico, os quais consideram que “... o que deveria ser fundamentalmente é o interesse pelo outro...” (E8), ou melhor “...e primeiro de tudo a enorme disponibilidade para o outro...” (E16). Com um total de cinco unidades de registo, a subcategoria foi referida por três participantes.

Quanto à subcategoria 3. Competências técnicas, esta engloba as verbalizações que se referem à percepção que os psicólogos entrevistados têm sobre as competências técnicas que caracterizam o psicólogo clínico, realçando que:

“... portanto é sem dúvida um espaço de escuta...” (E6)

“...a ferramenta básica desta profissão é a relação e a empatia. O criar uma relação de empatia, o criar uma relação de confiança, eu acho que isto são todos aspetos básicos desta profissão, que nos caracterizam enquanto psicólogos...” (E17)

Com um total de quatro unidades de registo, esta subcategoria foi referida por quatro participantes.

### **Categoria 5. Objetivos da Psicologia Clínica**

Esta categoria engloba as verbalizações relativas à percepção que os psicólogos entrevistados têm acerca dos objetivos que caracterizam a Psicologia Clínica (Quadro 7). Com um total de 17 unidades de registo, os componentes do discurso foram divididos em três subcategorias: (1) Ajuda ao outro; (2) Promoção da mudança e do bem-estar; (3) Autoconhecimento.

#### Quadro 7

*Síntese das subcategorias da categoria “Objetivos da Psicologia Clínica”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Objetivos da Psicologia Clínica</b>	Ajuda ao outro	<b>E6-</b> UR2/ <b>E10-</b> UR1/ <b>E12-</b> UR1;UR2/ <b>E13-</b> UR1;UR3/ <b>E14-</b> UR2 / <b>E16-</b> UR4;UR6/ <b>E20-</b> UR1	10
	Promoção da mudança e do bem-estar	<b>E3-</b> UR1;UR2;UR3;UR4/ <b>E13-</b> UR2	5
	Promoção do autoconhecimento	<b>E4-</b> UR1/ <b>E6-</b> UR4	2



No que diz respeito à subcategoria 1. Ajuda ao outro, as verbalizações centram-se invariavelmente na caracterização da psicologia clínica como uma profissão de ajuda, considerando que “... a especificidade é mesmo essa, é mesmo o centrarmos no outro com o objetivo de o ajudar...” (E16). Com um total de 10 unidades de registo, esta subcategoria foi referenciada por sete participantes.

Relativamente à subcategoria 2. Promoção da mudança e do bem-estar as verbalizações remetem para a caracterização da psicologia como um processo de mudança visando o bem-estar, pois “... aqui terá um outro objetivo que é o da mudança. Eu vejo a intervenção clínica numa perspetiva de bem-estar e mudança em função de esse bem-estar...” (E3). Esta subcategoria, com cinco unidades de registo foi referida por dois participantes.

Quanto à subcategoria 3. Promoção do autoconhecimento engloba as verbalizações que apelam ao facto da psicologia clínica promover o autoconhecimento do outro, isto é “... de facto permite ter esta ... percepção do outro e procurar isso mesmo, promover o autoconhecimento ...” (E6) e poder “...ajudar ao conhecimento de si próprias (E4). Com duas unidades de registo, foi mencionada por dois participantes.

### **Categoria 6. Processos/Instrumentos do Exercício da Atividade Clínica**

Esta categoria engloba as verbalizações relativas à percepção que os psicólogos entrevistados têm de quais são os procedimentos/ instrumentos que caracterizam a sua prática clínica (Quadro 8). Com uma frequência de 18 unidades de registo, esta foi dividida mais uma vez em três subcategorias, (1) Relação terapêutica; (2) Empatia (3) *Setting*.

#### Quadro 8

*Síntese das subcategorias da categoria “Procedimentos/Instrumentos do Exercício da Atividade Clínica”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Processos/ Instrumentos do Exercício da Atividade Clínica</b>	Empatia	<b>E2- UR1/ E4- UR1/ E6- UR1/ E9- UR4/ E14- UR1/ E15- UR2/ E16- UR3</b>	7
	Relação Terapêutica	<b>E5- UR1; UR2 / E13- UR5/ E16- UR5/ E18- UR1;UR2</b>	6
	<i>Setting</i>	<b>E7- UR1/ E9- UR2;UR3/ E14-UR3/ E15- UR4</b>	5

No que diz respeito à subcategoria 1. Empatia, as verbalizações remetem para a capacidade de compreensão do outro como um dos instrumentos da atividade clínica, pois “...uma das características principais desta nossa profissão é de facto possibilidade de procurarmos entender o outro...” (E6), ou melhor “...nós somos realmente convidados a viver as experiências do outro e a sintonizarmos com aquilo que o outro viveu.” (E16). Contando com sete unidades de registo, esta subcategoria foi referenciada por sete participantes.

Quanto à subcategoria 2. Relação terapêutica as verbalizações apelam ao facto da “relação” ser um dos instrumentos basilares que caracteriza a prática da psicologia clínica, já que, “...é uma profissão muito baseada (...) completamente baseada na relação e essa é uma das principais características distintivas da psicologia comparativamente com outras profissões...” (E5). Esta subcategoria conta com seis unidades de registo reportadas por quatro participantes.

Já relativamente à subcategoria 3. Setting, esta engloba as verbalizações que remetem para a importância dos diferentes contextos a ter em consideração no exercício da atividade clínica, uma vez que este “... é muito diverso consoante se está num hospital ou num consultório privado ou num ou numa associação de crianças...” (E14). Com um total de cinco unidades de registo, esta subcategoria foi referida por quatro participantes.

No que diz respeito ao segundo tema **Motivações para se tornar psicólogo clínico**, este engloba as verbalizações alusivas aos fatores motivacionais que conduziram à opção pela psicologia clínica como atividade profissional, bem como as expectativas em torno desta área profissional. Com um total de 58 unidades de registo, os componentes do discurso foram divididos em duas categorias: (1) Motivação centrada no outro; (2) Motivação centrada no próprio.

### **Categoria 1. Motivação Centrada no Outro**

Todas as subcategorias dentro desta categoria referem-se aos fatores de motivação centrados no outro (cliente) (Quadro 9). Com um total de 58 unidades de registo, esta foi dividida em sete subcategorias: (1) Descoberta do outro; (2) Relação com o outro; (3) Desenvolvimento pessoal do outro; (4) Conhecimento/compreensão do outro; (5) Diversidade de domínios de intervenção; (6) Ajudar o outro (7) Contribuir para a mudança do outro.

Quadro 9

*Síntese das subcategorias da categoria “Motivação Centrada no Outro”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Motivação Centrada no Outro</b>	Descoberta do outro	<b>E5-UR3/ E8-UR2;UR3;UR4/ E12-UR1; UR2;UR3;UR4;UR9/ E16-UR3/ E18-UR1;UR2</b>	12
	Relação com o outro	<b>E5-UR2/ E6-UR1/ E9-UR2/ E12-UR8/ E15-UR2/ E16-UR1/ E17-UR4/ E18-UR5; UR6</b>	9
	Desenvolvimento pessoal do outro	<b>E2-UR1/ E4-UR2/ E10-UR1/ E12-UR5; UR6/ E13-UR1/ E14-UR1;UR2/ E16-UR2</b>	9
	Conhecimento/compreensão do outro	<b>E1-UR1;UR2;UR3;UR4/ E8-UR1/ E9-UR1/ E19-UR1/ E20-UR1</b>	8
	Diversidade de domínios de intervenção	<b>E10-UR3/ E11-UR1/ E17-UR1; UR2 UR3/ E18-UR6;UR8/ E20-UR2</b>	8
	Ajudar o outro	<b>E2-UR3/ E4-UR1/ E5-UR1/ E7-UR1/ E12- UR7/ E18-UR4/ E19-UR2</b>	7
	Contribuir para a mudança do outro	<b>E3-UR1;UR2/ E6-UR2;UR3/ E7-UR2</b>	5

Na subcategoria 1. Descoberta do outro, as verbalizações remetem invariavelmente para a aproximação da psicologia clínica ao domínio de “descoberta” enquanto processo de investigação, isto é, “... o interesse por a investigação da pessoa (...) é este processo de investigação que me atrai imenso.” (E8), ou melhor “... É claramente a descoberta, a descoberta de técnicas, a descoberta de modelos de compreensão (...) a questão da descoberta e do perceber um pouco (...) avançarmos nos conhecimentos é claramente uma coisa que atrai ” (E18). Esta subcategoria apresenta um total de 12 unidades de registo referidas por cinco participantes.

Relativamente à subcategoria 2. Relação com o outro, as verbalizações apelam mais uma vez à relação com o outro, desta feita, como um forte fator motivacional pela opção da profissão de psicólogo clínico, pois é “... o facto de ser uma profissão baseada na relação e no outro ... e no estar com o outro portanto, isso também é uma das áreas que me atrai muito nesta profissão.” (E17), sendo “...através da relação que se estabelece entre as pessoas, nós podemos contribuir, para uma melhoria do bem-estar das pessoas e é óbvio que isso atrai qualquer psicólogo clínico...” (E18). Verifica-se um total de nove unidades de registo, sendo a subcategoria referida no discurso de oito participantes.

Quanto à subcategoria 3. Desenvolvimento pessoal do outro as verbalizações centram-se fundamentalmente na possibilidade desta profissão contribuir para o desenvolvimento/crescimento do outro, sendo por isso, mais um dos fatores de motivação para a escolha da mesma, já que:

*“o que atrai muito é participar no desenvolvimento na evolução, da...de uma criança ou de um adulto ou de um adolescente (...) ajudar (...) contribuir para essa autonomia, para essa maior libertação...”(E12)*

*“...é a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento das pessoas”(E14)*

Com um total de nove unidades de registo, foi referenciada também por sete participantes.

No que diz respeito à subcategoria 4. Conhecimento/compreensão do outro, as verbalizações remetem invariavelmente para o interesse em conhecer/compreender o ser humano, é este interesse que parece mover os psicólogos entrevistados na sua opção pela psicologia clínica, uma vez que parece facultar a possibilidade para *“perceber mais das pessoas e do ser humano, isso foi o que me atraiu em primeiro lugar.” (E20)*, ou ainda, *“... conhecer o ser humano (...) perceber os meandros, porque não há uma pessoa igual à outra, é perceber as influencias que a história de vida dessa pessoa, teve para a pessoa...” (E19)*. Esta subcategoria conta com oito unidades de registo reportadas por cinco participantes.

Na subcategoria 5. Diversidade de domínios de intervenção as verbalizações remetem para o facto da psicologia clínica ser uma área de intervenção abrangente, constituindo esta multiplicidade de intervenções um fator de motivação para os psicólogos entrevistados.

*“Portanto a psicologia clínica, é de facto, como eu dizia há bocado uma área muito abrangente com muitas áreas de intervenção possíveis e portanto também, me atrai a multiplicidade de funções que a psicologia clínica pode ter.” (E18)*

*“...acho que me atrai a diversidade de intervenção, porque mesmo o psicólogo clínico pode desenvolver diversos tipos de intervenção...” (E20)*

Com um total de oito unidades de registo, esta subcategoria emergiu no discurso de cinco participantes.

Em relação à subcategoria 6. Ajuda ao outro as verbalizações remetem para a opinião unanime de que a psicologia veicula a possibilidade de prestar ajuda ao outro, sendo este aspeto significativo para a escolha desta área profissional, uma vez que *“qualquer clínico tem por trás uma...uma gratificação inerente ao seu exercício de perceber, que faz a diferença e que ajuda e que pode ajudar os outros, portanto,*

*utilizar as ferramentas que tem ao seu dispor, para poder ajudar os outros” (E18).* Esta subcategoria, com um total de sete unidades de registo, foi referida no discurso de sete participantes.

No que respeita à subcategoria 7. Contribuir para a mudança do outro, esta engloba as verbalizações que remetem para a possibilidade que a psicologia clínica, enquanto profissão, tem de promover a mudança, constituindo essa possibilidade mais um dos fatores de motivação apontados pelos psicólogos entrevistados, pois “...*fascina-me muito quando a gente percebe que de alguma forma a nossa intervenção tocou o outro promovendo-lhe uma mudança” (E6).* Contando com um total de cinco unidades de registo, esta subcategoria emergiu no discurso de três participantes.

### **Categoria 2. Motivação Centrada no Próprio**

Todas as subcategorias inclusas nesta categoria referem-se a fatores de motivação centrados no próprio (psicólogo clínico) (Quadro 10). Com um total de 11 unidades de registo, esta foi dividida duas subcategorias: (1) Autodesenvolvimento e realização pessoal; (2) Desafio de atualização contínua.

Quadro 10

*Síntese das subcategorias da categoria “Motivação Centrada no Próprio”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Motivação Centrada no Próprio</b>	Autodesenvolvimento e realização pessoal	<b>E2-UR1/ E10-UR2/ E13-UR2/ E15-UR3; UR4;UR5/ E18-UR3</b>	7
	Desafio de atualização contínua	<b>E15-UR1/ E16-UR4;UR5 / E18-UR7</b>	4

Na subcategoria 1. Autodesenvolvimento e realização pessoal as verbalizações apelam ao facto da psicologia clínica possibilitar o desenvolvimento e a realização do próprio psicólogo clínico, sendo este um dos fatores motivacionais para a sua opção por esta profissão, já que “...*vermos os outros a crescer é bom, também nos ajuda a crescer enquanto pessoas ... eu acho que isso é fantástico.” (E2),* ou melhor “...*colaborar no desenvolvimento das pessoas e fazer passar por aí o meu próprio desenvolvimento...” (E10).* Com um total de sete unidades de registo, esta subcategoria emergiu no discurso de cinco participantes.

Relativamente à subcategoria 2. Desafio de atualização contínua, as verbalizações centram-se invariavelmente na necessidade constante de atualização do conhecimento e os psicólogos entrevistados consideram isso um fator de motivação intrínseca, pois

*“...não é uma área estática em que nós o que sabemos hoje, vamos saber amanhã e pronto, não é nada disso ... pois requer constante atualização e isso é uma coisa que me interessa e que faz parte da minha maneira de ver o mundo ... é uma área sempre em desenvolvimento ... que exige da nossa parte uma grande procura e uma intenção de conhecimento...” (E15)*

Com um total de quatro unidades de registo foi referido no discurso de três participantes.

No que diz respeito ao terceiro e último tema **Trajetórias identitárias do psicólogo clínico**, este engloba as verbalizações relativas às aprendizagens, às experiências e etapas que os psicólogos entrevistados valorizaram no percurso que os tornou psicólogos clínicos. Com um total de 115 unidades de registo, os componentes do discurso foram divididos em três categorias: (1) Dimensão do saber-saber; (2) Dimensão do saber-fazer; (3) Dimensão do saber-ser.

### **Categoria 1. Dimensão do Saber-Saber**

Todas as subcategorias integradas nesta categoria referem-se à aquisição de competências cognitivas relacionadas com o conhecimento adquirido em diferentes processos de formação (Quadro 11). Com um total de 52 unidades de registo, esta foi dividida em três subcategorias: (1) Formação académica; (2) Formação contínua; (3) Formação pós graduada.

No que diz respeito à subcategoria 1. Formação académica, as verbalizações remetem para o impacto da formação académica no seu percurso identitário, ou seja:

*“... começa logo na faculdade, na universidade ... nós vamos adquirindo as ferramentas e quanto mais sólidas e quanto mais estruturadas forem essas ferramentas que nós vamos armazenando ... mais fácil se vai tornar e mais assertivas e com mais boas práticas nós vamos ter à nossa volta para poder depois começar a intervir no terreno.” (E2)*

*“... inicialmente foi a minha formação inicial, houve alguns professores que me marcaram muito na minha história...” (E9)*

Com um total de 24 unidades de registo, esta subcategoria emergiu no discurso de 17 participantes.

Quadro 11.

*Síntese das subcategorias da categoria “Dimensão Saber-Saber”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Dimensão Saber-Saber</b> (Domínio Cognitivo)	Formação académica	<b>E1- UR4/E2-UR1;UR2;UR3;UR4/ E4-UR2/ E5-UR2;UR3/ E6-UR2/ E7-UR1;UR2/ E8-UR1/ E9-UR1/ E10-UR1/ E11- UR1/ E12-UR1/ E13-UR1/ E15-UR3;UR4/ E16- UR1;UR4/E17-UR1/ E18-UR2/ E19-UR2</b>	24
	Formação contínua	<b>E3-UR2/ E5-UR6/ E6-UR3;UR5/ E8-UR2/ E9-UR7;UR8;UR9/ E12-UR4;UR5;UR8;UR9/ E15-UR5;UR6/ E17-UR2/ E18-UR7/ E20-UR2</b>	17
	Formação pós graduada	<b>E1-UR7/ E4-UR3/ E6-UR6/ E7-UR4/ E10-UR5/ E11- UR6;UR7/ E12-UR2/ E13-UR2/ E18-UR3;UR8</b>	11

Relativamente à subcategoria 2. Formação contínua as verbalizações referem-se à constante necessidade de atualização do conhecimento através formação.

*“Eu acho, que primeiro que tudo é a formação, eu acho que é importante, nós tentarmos sempre formar e estarmos sempre em atualização, porque a Psicologia tal como as outras áreas vão evoluindo e vão mudando, eu acho que a formação, e nós estarmos atualizados em termos de formação é muito importante.” (E17)*

Esta subcategoria, com um total de 1 unidades de registo foi referida no discurso de 10 participantes.

Quanto à subcategoria 3. Formação pós graduada esta engloba, as verbalizações relativas à importância que os psicólogos entrevistados atribuem à formação pós-graduada como um processo de construção e desenvolvimento.

*“... depois também foi muito contributivo para o meu desenvolvimento o meu doutoramento...”(E10)*

*“...também, necessidade de fazer um mestrado em psicologia da saúde, porque já e na altura fazia intervenção em contexto de doença crónica e portanto, o mestrado em psicologia da saúde, abriu-me também portas para perceber melhor uma série de aspetos...”(E18)*

Com um total de 11 unidades de registo, esta subcategoria emergiu no discurso de nove participantes.

## Categoria 2. Dimensão do Saber- Fazer

Todas as subcategorias dentro desta categoria referem-se a diferentes experiências de aprendizagem no contexto da prática (Quadro 12). Com um total de 44 unidades de registo, esta foi dividida em quatro subcategorias: (1) Supervisão; (2) Experiência em contextos de prática clínica; (3) Estágios; (4) Intervisão.

Quadro 12

*Síntese das subcategorias da categoria “Dimensão Saber-Fazer”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Dimensão Saber-Fazer (Domínio Psico-Motor)</b>	Supervisão	<b>E1-</b> UR2;UR8;UR9;UR10/ <b>E4-</b> UR4/ <b>E7-</b> UR3;UR4;UR5;UR6/ <b>E8-</b> UR3/ <b>E10-</b> UR3/ <b>E12-</b> UR3;UR6/ <b>E14-</b> UR2/ <b>E17-</b> UR4;UR5/ <b>E18-</b> UR5/ <b>E20-</b> UR3	18
	Experiência em contextos de Prática Clínica	<b>E1-</b> UR3/ <b>E3-</b> UR1;UR3/ <b>E8-</b> UR7/ <b>E10-</b> UR2/ <b>E11-</b> UR2UR3;UR4/ <b>E14-</b> UR1/ <b>E16-</b> UR2/ <b>E17-</b> UR3/ <b>E18-</b> UR1/ <b>E20-</b> UR1	13
	Estágios	<b>E1-</b> UR2;UR3;UR4;UR5;UR6;UR7/ <b>E5-</b> UR5/ <b>E6-</b> UR4/ <b>E7-</b> UR2	9
	Intervisão	<b>E8-</b> UR4/ <b>E10-</b> UR4/ <b>E12-</b> UR7/ <b>E18-</b> UR9	4

No que diz respeito à subcategoria 1. Supervisão, as verbalizações centram-se na necessidade de supervisão como processo de formação pessoal.

*“...tive necessidade obviamente, e acho que isso foi fundamental de começar a fazer supervisão rapidamente e isso foi talvez uma das coisas mais importantes ao longo do meu processo de formação, foi os processos de supervisão.” (E14).*

Esta subcategoria, com um total de 18 unidades de registo foi referenciada no discurso de 10 participantes.

Relativamente à subcategoria 2. Experiência em contexto de prática clínica, as verbalizações remetem para a vivência da prática clínica como imprescindível ao seu percurso pessoal e profissional.

*“... depois claramente as oportunidades de trabalho, nós para sermos psicólogos clínicos precisamos ter contextos de trabalho que nos ajudem nesse sentido e eu tive muita sorte, eu desde muito cedo tive a possibilidade de trabalhar a clínica privada com uma grande liberdade e com a possibilidade entre “aspas” de experimentar formas de estar com as pessoas e isso foi muito bom...” (10).*

Com um total de 13 unidades de registo, esta subcategoria é referenciada por 10 participantes.



Quanto à subcategoria 3. Estágios as verbalizações centram-se fundamentalmente na importância que os estágios têm na construção do percurso profissional e pessoal dos psicólogos entrevistados, considerando que “... *um bom estágio, acho que é isso que faz a diferença logo bons orientadores de estágio, além dos professores, ter bons orientadores de estágio...*” (E7).

Esta subcategoria conta com um total de nove unidades de registo, emergentes no discurso de quatro participantes.

No que diz respeito à subcategoria 4. Intervisão as verbalizações remetem para a importância que os psicólogos entrevistados atribuem à partilha de experiências considerada como mais um contributo para o seu percurso de formação.

*“...não sendo possível continuar a supervisão, nem sempre é possível, mas ter intervisão é muito útil não só para...para pensar os casos e com isso crescermos, mas também para partilharmos experiências, de facto refletimos em conjunto sobre casos das outras pessoas...”(E18).*

Esta subcategoria, com um total de quatro unidades de registo emergiu no discurso de quatro participantes.

### **Categoria 3. Dimensão do Saber- Ser**

Todas as subcategorias integradas nesta categoria referem-se a processos de experiência pessoal (Quadro 13). Com um total de 19 unidades de registo, esta foi dividida em três subcategorias: (1) Decisão pessoal; (2) Processo de análise; (3) Formação enquanto pessoa.

Quadro 13

*Síntese das subcategorias da categoria “Dimensão Saber-Ser”, o número de unidades de registo e a respetiva frequência*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número Unidades Registo (UR)</b>	<b>(f)</b>
<b>Dimensão Saber-Ser</b> (Domínio Afetivo)	Decisão pessoal	<b>E1-UR1/ E4-UR1/ E6-UR1/ E11-UR5/ E15-UR1;</b> UR2/ <b>E16-UR1;</b> UR2;UR3/ <b>E19-UR1</b>	10
	Processo de análise	<b>E4-UR5/ E8-UR5/ E14-UR3;</b> UR4/ <b>E18-UR6</b>	5
	Formação enquanto pessoa	<b>E5-UR1;</b> UR4/ <b>E9-UR2/ E18-UR4</b>	4

No que diz respeito à subcategoria 1. Decisão pessoal as verbalizações remetem para os processos de escolha na profissão, isto é, “... *escolhi esta profissão no meu nono ano (...) não se falava muito de psicólogos...fiz esta opção muito cedo e*

*de facto fui para um curso de psicologia...*” (E6). Com um total de 10 unidades de registo, esta subcategoria foi referida no discurso de sete participantes.

Relativamente à subcategoria 2. Processo de análise as verbalizações apelam ao facto da análise pessoal constituir para os psicólogos entrevistados um recurso que facilita o autoconhecimento.

*“...experimentei e foi muito importante o processo de análise pessoal e de conhecimento pessoal e de psicoterapia pessoal (...) mas se distinguisse alguma coisa diria claramente que são os processos de supervisão e o processo de análise pessoal que foram as duas coisas mais importantes do meu trabalho... da minha formação.”* (E14).

Esta subcategoria, com um total de cinco unidades de registo, emergiu no discurso de quatro participantes.

Quanto à subcategoria 3. Formação enquanto pessoa, esta engloba as verbalizações relativas à formação pessoal ou seja (saber-ser/saber estar), pois é *“... preciso uma formação académica adequada mas também uma formação pessoal ... como eu costumo dizer muitas das coisas não se aprendem na universidade...”* (E5). Com um total de quatro unidades de registo, esta subcategoria foi referida no discurso de três participantes.

## 2. Discussão dos Resultados

Na sequência da análise dos dados empreendida no ponto anterior, trazemos à reflexão os resultados dessa análise, partindo dos temas e categorias identificadas e descritas no primeiro ponto deste capítulo.

A discussão dos resultados encontra-se organizada em torno dos objetivos que o estudo se propõe atingir, partindo dos dados obtidos para a generalidade da amostra.

### 2.1. Definição e Características da Psicologia Clínica

O primeiro tema traz, por um lado, a imagem que os psicólogos entrevistados têm do que é para si a psicologia clínica e o seu próprio papel ocupacional, por outro as representações que os mesmos têm das características da sua atividade e do seu grupo profissional.

É de salientar que quando indagados acerca do significado de psicologia clínica, alguns dos psicólogos entrevistados, consideraram esta uma pergunta “difícil” hesitando um pouco antes de iniciar a resposta. Ao caracterizarem a psicologia clínica a partir do seu olhar enquanto profissionais, transmitiram a ideia de ser um campo muito vasto que engloba diferentes formas de intervenção.

Considerada como um ramo ou uma vertente da psicologia, uns fizeram a sua aproximação ao domínio da arte da conversação, outros ao domínio da ciência associando-a ao estudo do comportamento humano. Alguns psicólogos revelaram perceberem a psicologia clínica como uma área da psicologia próxima do domínio das psicopatologias, estritamente relacionada com a saúde mental. Neste sentido, foi definida como uma abordagem de apoio na “*resolução de algum tipo de disfunção ou perturbação*” (E18).

A ajuda na resolução de problemas e na reorganização dos indivíduos, bem como a compreensão e o conhecimento do ser humano, foram também significados atribuídos à psicologia clínica pelos participantes. De acordo com os dados obtidos é possível inferir que a *ajuda ao outro* se configura como um dos principais propósitos do trabalho do psicólogo, independentemente do contexto de intervenção (consultório, escola, hospital, empresa ou outro). Segundo os participantes, prestar essa ajuda implica desenvolver um trabalho de relação direta (i.e., relação terapêutica) com as pessoas. Esta é uma intervenção de natureza profissional em que se estabelece uma relação entre terapeuta e paciente, com o objetivo de ajudar o último a adaptar-se a diferentes contextos, a reduzir o sofrimento psíquico, a transformar insatisfação em

satisfação, a obter bem-estar e a melhorar a sua qualidade de vida, ou simplesmente a lidar com situações problemáticas.

Em suma, para os participantes do estudo, a psicologia clínica parece significar essencialmente uma relação de natureza terapêutica que visa a melhoria do paciente em termos do seu bem-estar, privilegiando a compreensão e o conhecimento integral do mesmo. A ajuda na reorganização do outro e a resolução dos seus problemas constituem o alvo da psicologia clínica e concorrem para o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal dos pacientes. Parafraseando Krawulski (2004) diríamos que ser psicólogo significa ajudar as pessoas, sendo esse o principal propósito da profissão.

Relativamente ao contexto de intervenção, a diversidade de áreas assume um papel de relevo nos testemunhos dos participantes, já que a psicologia clínica é percecionada como uma área de intervenção muito abrangente, contemplando entre outras a clínica e a saúde, a consulta psicológica, o aconselhamento psicológico, a psicoterapia, a psico-oncologia e ainda a formação, e dentro destas estabelece objetivos como a promoção da saúde, a prevenção da doença e a mudança comportamental dos seus clientes. Para os participantes, esta intervenção assenta num quadro teórico de modelos de referência e de estratégias de intervenção nos diferentes contextos pois *“não o faria da mesma forma certamente se fosse psicóloga educacional”* (E3). Podemos daqui inferir, que em termos de áreas de atuação, os psicólogos, ao estarem a delimitar o seu campo de trabalho, parecem estar em consonância com Bastos e Gomide (1989<sup>1</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012), para os quais a área de atuação do psicólogo limita o seu campo de trabalho, atribuindo-lhe uma identidade a partir de um conjunto de características específicas de atuação. Ora, se as atividades que o psicólogo exerce definem o seu modelo de atuação, no caso da psicologia clínica a variabilidade de contextos e de intervenções da psicologia clínica, pode transmitir uma ideia de fragmentação da mesma como área específica do conhecimento.

Quando inquiridos sobre as características da profissão, os psicólogos entrevistados associaram um conjunto de competências ao psicólogo clínico, que organizámos em termos de: competências pessoais, competências relacionais e competências técnicas. Da análise efetuada, depreende-se que as competências pessoais (e.g. “curiosidade”, “tolerância”, “humildade”, “motivação”, “espírito de

---

<sup>1</sup> Bastos, A.V.B., & Gomide, P.I.C.O. (1989). O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 9, n. 1, Brasília, 6-15.

aventura”, ser muito “observador”, ter uma mente “aberta”) são as mais importantes para os participantes. De entre o conjunto de competências relacionais dos psicólogos clínicos referidas pelos participantes, salienta-se a “disponibilidade para com o outro” como uma das principais. Os psicólogos clínicos associam um conjunto de competências técnicas a esta profissão, tais como a “escuta” e a “empatia”. Estes dados estão em consonância com os resultados do estudo realizado por Bandeira et al. (2006<sup>2</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012).

Aos olhos dos psicólogos clínicos entrevistados, os objetivos da psicologia clínica parecem centrar-se fundamentalmente na ajuda ao outro com vista à resolução de problemas, através de promoção do bem-estar e da mudança – em termos de bem-estar e também do autoconhecimento. Os participantes caracterizam a psicologia clínica mais uma vez como uma “profissão de ajuda”, que se exerce no trabalho de relação direta com humanos outros, ou seja, através de uma relação específica que possibilita conhecer e compreender a subjetividade do outro (Krawulski (2004).

Segundo os participantes, os instrumentos utilizados no exercício da sua atividade clínica distinguem-se das de mais profissões, por esta ser uma profissão baseada na relação terapêutica, centrando-se as exigências na capacidade empática do profissional e na qual o *setting* desempenha um papel essencial. A capacidade de compreensão do outro salienta-se como sendo o verdadeiro instrumento ao dispor da atividade clínica.

## 2.2. Motivações para se Tornar Psicólogo

Ao tentarmos perceber as motivações e expectativas que estão na base da opção pela profissão de psicólogo clínico e que fazem com que os psicólogos se mantenham na profissão ao longo do tempo, encontramos dois tipos de fatores motivacionais: uns mais centrados nos outros e outros mais voltados para o próprio.

A análise dos relatos permitiu inferir que subjacentes aos aspetos motivacionais que levaram os participantes do estudo a tornarem-se psicólogos clínicos, estão um conjunto de fatores externos que privilegiam a satisfação de necessidades mais centradas no outro, como sejam, o interesse na descoberta do outro e na descoberta de modelos de compreensão que visam o desenvolvimento pessoal do outro. A descoberta do outro e a relação com ele emergem como fortes fatores motivacionais

---

<sup>2</sup> Bandeira, M.; Gualia, M.A.C.; Freitas, L.C.; de Sousa, A.M.; Costa, A.L.P.; Gomides, M.M.P., & Lima, P.B. (2006) Habilidades interpessoais na atuação do psicólogo. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 10, n. 1, 139-149.

para a escolha da profissão. A questão da ajuda ao outro constitui também um fator de motivação pela profissão de psicólogo clínico. De um ponto de vista dialógico, diríamos que os psicólogos estão centrados nos outros (i.e., nos clientes), no contacto estabelecido com um outro ser humano. Se pensarmos que a identidade pessoal é uma realização relacional que só existe no diálogo com o outro (sem o qual não se poderá definir), é de igual forma verdade que esta construção implica, não apenas uma orientação para o outro, mas também uma separação do outro (Tavares, 2008). Neste sentido, um outro conjunto de resultados aponta para a existência de aspetos motivacionais intrínsecos (i.e. mais centrados no próprio e nas suas necessidades) na escolha da profissão. Neste caso, os participantes do estudo privilegiam a satisfação das necessidades mais centradas em si próprios, tais como sejam o autodesenvolvimento e a realização pessoal. São exemplo desta categoria de motivos as referências à profissão de psicólogo clínico como permitindo que se mantenham em permanente evolução e um sentimento de gratidão inerente ao facto de poderem ajudar os outros *“qualquer clínico tem por detrás (...) uma gratificação inerente ao exercício de perceber, que faz toda a diferença e que pode ajudar os outros”* (E18). Constitui também razões de motivação intrínseca, o desafio de atualização permanente por esta área de conhecimento, já que esta é uma área sempre em desenvolvimento, exigindo da parte do psicólogo clínico a procura incessante do mesmo.

Este resultado é congruente com outros estudos (Krawulski & Patrício, 2005; Krawulski, 2004, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010), que referem que a perceção que os psicólogos têm da possibilidade de contribuir para o desenvolvimento pessoal do outro, parece constituir um dos fatores motivacionais para a opção pela profissão, bem como o seu interesse em conhecer e compreender o ser humano.

Aliado a estes fatores motivacionais está o facto da psicologia clínica ser considerada por estes psicólogos uma área de intervenção abrangente, o que permite uma multiplicidade de intervenções, sendo um dos fatores de atração pela profissão presentes com alguma expressividade nos discursos dos participantes.

### **2.3. Trajetórias Identitárias do Psicólogo Clínico**

A compreensão do percurso académico e profissional dos psicólogos entrevistados foi organizada em termos de três domínios distintos: domínio cognitivo (Saber-Saber), domínio psico-motor (Saber-Fazer) e domínio afetivo (Saber-Ser).

Dos relatos dos participantes podemos inferir que a aquisição de competências cognitivas está relacionada com o conhecimento adquirido em diferentes etapas da sua formação, nomeadamente a formação académica à qual atribuem grande relevância. O percurso académico é de facto o alicerce para a construção de uma aprendizagem contínua, sendo nesse movimento de procura, descobertas e transformações que o recém-formado vai definindo a sua identidade profissional (Mazer & Melo-Silva, 2010).

A formação contínua também foi percebida por grande número de psicólogos como uma necessidade, a necessidade de atualização do conhecimento para melhor exercer a profissão. Estes psicólogos atribuem ainda forte relevância à formação pós-graduada como processo de construção e desenvolvimento pessoal.

Ao nível do domínio cognitivo, parece-nos que a continuidade dos estudos é percebida como um fator importante por grande parte dos participantes.

No que diz respeito ao domínio psico-motor, metade dos participantes do estudo foi unanime em considerar o processo de supervisão de importância crucial. Esta revela-se um meio para aperfeiçoar o exercício da psicologia clínica, já que a supervisão tem por objetivo promover a troca de experiências e possibilitar uma constante aprendizagem (Coelho, Peres & Oliveira, 2005<sup>3</sup>, cit. Espírito & Castro, 2012). Ainda assim, os participantes realçam também de forma significativa a experiência de aprendizagem em contextos de prática clínica. Trata-se da aprendizagem de todos os dias e implica não só desenvolvimento profissional como pessoal. Gradualmente, as vivências contínuas da prática vão permitindo o desenvolvimento de uma postura profissional, elemento fundamental para a definição da identidade profissional (Mazer & Melo-Silva, 2010). Significado positivo foi também atribuído aos estágios realizados, que serviram de estímulo e motivação, o que parece corroborar os resultados do estudo de Scorsolini-Comin, Souza e Santos (2008).

Finalmente, foi ainda considerado por alguns participantes a intervisão como sendo de grande utilidade pelo facto de possibilitar a discussão de casos e a partilha de experiências feitas no terreno.

Nos testemunhos dos participantes percebe-se que o conhecimento é construído não só com base na aprendizagem formal, anteriormente mencionada mas, é igualmente atribuída importância significativa ao processo contínuo de aprendizagem

---

<sup>3</sup> Coelho, H. M. B.; Peres, R. S., & Oliveira, F. S. A. (2005). Clínica-escola em sua dupla função: usuários e estagiários. In: Melo-Silva, L. L.; Santos, M. A., & Simão, C. P. (Orgs). *Formação em psicologia: serviços-escola em debate*. São Paulo: Vetor, 197-220.

no contexto das práticas, o que parece estar em consonância com o que os autores referem (Krawulski & Patrício, 2005; Krawulski, 2004, cit. Mazer & Melo-Silva, 2010). A este respeito a identidade profissional do psicólogo, sendo uma construção social, é formada a partir de um conjunto de experiências do percurso profissional, com início na formação acadêmica.

Relativamente ao domínio afetivo, a análise do discurso dos participantes permite inferir que o processo de construção do psicólogo clínico assenta numa decisão muito pessoal, ou seja remete para os processos de escolha da profissão, que parecem relacionados com elementos como: a história pessoal, características pessoais, habilidades ou capacidades inerentes à atuação destes profissionais. Muitas vezes esta escolha está relacionada com o desejo de ser igual a outro (real ou imaginado), ou ainda com identificações estabelecidas desde a infância com os mais próximos (Bohoslavsky, 1987<sup>4</sup>; Soares, 2002<sup>5</sup>; cit. Espírito & Castro, 2012). Como tal, os nossos participantes terão também sofrido a influência de amigos e pessoas próximas.

Os participantes referiram-se ainda, de forma significativa, aos seus processos psicoterapêuticos como forma de aprofundamento do conhecimento de si próprios, bem como à formação pessoal, feita das experiências de vida e das relações pessoais, como bem transparece neste excerto de uma das nossas entrevistas: “...se calhar foram todas as experiências da minha vida, pessoais, as relações que tive na minha família, com os amigos, as formações que fiz (...) as viagens que fiz, os livros que li, tudo isso contribuiu...” (E9). O que também vai ao encontro dos estudos que mostram um conceito de identidade profissional que não pode ser dissociado da vida pessoal (Mazer & Melo-Silva, 2010).

De um modo global, os resultados apurados são congruentes com os de outros estudos revistos. Neste sentido, foi possível constatar que, a formação académica, os estágios supervisionados, a supervisão e a psicoterapia pessoal são elementos de desenvolvimento da identidade profissional (Espírito & Castro, 2012; Krawulski, 2004; Mazer & Melo-Silva, 2010; Scorsolini-Comin, Souza & Santos, 2008). E não obstante os componentes base da identidade profissional serem a formação académica, os estágios, a supervisão e a própria experiência pessoal, esta acaba por ir sendo construída e consolidada na prática do exercício da profissão através das

---

<sup>4</sup> Bohoslavsky, R. (1987). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. Tradução de José Maria Valeije Bojart. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes

<sup>5</sup> Soares, D.H.P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. 2. ed. São Paulo: Summus.



possibilidades e limitações oferecidas pela trajetória profissionais e pelo cotidiano do trabalho dos psicólogos (Aguirre et al., 2000<sup>6</sup>; Krawulski, 2004; Krawulski & Patrício, 2005; Melo-Silva, 1999<sup>7</sup>; Melo-Silva & Santos, 2003<sup>8</sup> cit. Mazer & Silva, 2010).

---

<sup>6</sup> Aguirre, A. M. B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M. S., & Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicologia USP*, 11 (1), 49-62.

<sup>7</sup> Melo-Silva, L. L. (1999). Estágio profissionalizante em orientação profissional: experiência de supervisão em um curso de psicologia. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 3 (1), 119-135.

<sup>8</sup> Melo-Silva, L. L., & Santos, M. A. (2003). “Será que era isso que eu queria?”: a formação acadêmica em psicologia na perspectiva do aluno. In L. L. Melo-Silva (Ed.), *Arquitetura de uma ocupação: Vol. 1: orientação profissional. Teoria e técnica* (pp. 387-406). São Paulo: Vetor.



#### IV – CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo global, procurámos através deste estudo, explorar as percepções dos psicólogos clínicos sobre a construção da identidade profissional. Assim, a partir da revisão da literatura, dos estudos encontrados acerca da construção da identidade e, especificamente, da identidade profissional do psicólogo, e dos dados obtidos nesta investigação, é nos possível tecer algumas considerações.

Sabemos que a identidade nunca nos é dada, é sempre construída (re)construída ao longo da nossa vida, numa incerteza maior ou menor, e mais ou menos durável (Dubar, 1997) como resultado de múltiplos processos temporais, de inserção e interação, e como tal deve ser vista como uma reconstrução permanente, flexível e dinâmica, e não como uma pré-construção essencialista. Este facto remete-nos para uma outra discussão a fragmentação do *self* (pós) modernidade, concebendo que a presente pesquisa passa pela simultânea necessidade de criar o indivíduo como ponto de encontro de diversas influências e atuante em diversos contextos, integrando e reivindicando diversas pertenças (i.e., conjugando-se e (re)inventando-se em diversos papéis), sem com isso se pretender considerar que o indivíduo se encontra condenado à fragmentação. Esta ideia da fragmentação do *self* (anteriormente abordada na revisão da literatura) advém de uma crítica tecida em relação ao *self* modernista, uno, estável e transparente, herdeiro de uma tradição individualista de dar primazia epistemológica ao ser, tomado como tal. A este ser, considerado como essencialista, certos teóricos opõem a ideia de um ser fragmentado, pela intersecção de diversas categorias, totalmente fluido, dependente do contexto: nós não nascemos com um *self*, somos antes compostos por um turbilhão de *selves* parciais, às vezes contraditórios ou mesmo antitéticos. Efetivamente, o problema da fragmentação parece advir da diversidade de contextos de interação tão característica das nossas sociedades atuais, da necessidade de assumir diversos papéis, frequentar os mais diversos contextos, tomando contacto com uma realidade múltipla, opcional e diversificada, reconhecendo-se em cada um de nós diversas influências, práticas e representações que se apresentam, por vezes, como contraditórias.

Podemos concluir que deve fazer parte das competências de qualquer indivíduo o circular entre diversos contextos, assumindo por isso diferentes papéis, seguindo diferentes regras e códigos, e interagindo nos mais diversificados contextos. Resultando daí a construção de identidades multifacetadas, todavia, e ainda, que cada indivíduo acabe por formar a sua identidade a partir desta multiplicidade de pertenças e inserções, ele não deixa de constituir-se como ser uno, ainda que multifacetado, atuando de forma diversificada de acordo com o contexto.

A construção da identidade profissional do psicólogo, segundo o estudo efetuado, é feita e continuamente refeita com base num conjunto integrado de dimensões pessoais e profissionais que passam pela questão da escolha da psicologia como profissão e do significado do que é afinal ser psicólogo; da formação académica e da sua trajetória como profissional. Desta forma, os principais resultados alcançados pela análise efetuada às entrevistas conduzidas com 20 experientes psicólogos clínicos relacionam-se concretamente com: a) a forma como os psicólogos veem a psicologia clínica e as características dominantes que lhes atribuem, tendo por isso definido e caracterizado a psicologia clínica; b) o que os atraiu para esta profissão contribuindo para a sua identidade profissional, tendo por isso, referenciado as motivações que estiveram na base da sua opção pela profissão (i.e. motivações para se tornar psicólogo clínico); c) os processos, mecanismos e experiências que influenciaram a forma como se veem profissionalmente, os quais fazem parte das suas trajetórias profissionais (em trajetórias identitárias do psicólogo clínico).

No quadro dos resultados, é possível verificar que, ao nível do significado de psicologia clínica e ser psicólogo, os participantes associaram a ajuda às pessoas e o conhecimento e compreensão global do ser humano como principais propósitos do seu trabalho. A operacionalização dessa ajuda passa essencialmente por uma relação interpessoal (i.e. a relação terapêutica), através do trabalho direto com as pessoas.

Quanto à motivação, ainda que nem sempre tivessem muita noção do que era a profissão que estavam a escolher, havia nestes psicólogos a convicção de uma identificação já sentida para com a mesma. A grande maioria ressalta o gosto pela descoberta do outro, a relação com o outro, o desenvolvimento pessoal e a compreensão do outro, como fortes fatores de motivação. Outro fator apontado como motivador para esta opção profissional foi a multiplicidade de intervenções que a psicologia clínica permite. Além destes fatores, o processo de escolha pela psicologia parece ter acontecido por influência de elementos derivados da história pessoal, pela detenção de características, capacidades e habilidades, mas sobretudo pelo gosto em se relacionar com pessoas.

Relativamente à trajetória da identidade profissional, foram apontadas como particularmente importantes a formação académica, a supervisão, os estágios, a formação contínua e pós-graduada. Os quatro últimos aspetos foram mencionados como recursos que facilitam e reforçam a preparação académica para o exercício profissional. O processo de análise pessoal paralelo à formação académica foi também referido como elemento importante de preparação para atuar na área clínica. O quotidiano profissional é caracterizado por estes psicólogos pela diversidade de tarefas, porém o trabalho em psicologia é considerado fonte contínua de

transformação/evolução e (re)significação da maneira de ver a profissão e até o mundo. Este resultado vai no sentido do trabalho de Krawulski (2004 cit. Mazer & Silva, 2010) onde a identidade profissional dos psicólogos surge como uma construção social, formada a partir do conjunto de experiências do percurso profissional.

Embora estes profissionais reconheçam a importância da formação acadêmica, dos estágios e da própria experiência como componentes da identidade profissional como elementos base da mesma, parece também transparecer a ideia de que essa identidade foi sendo construída - (re)construída e consolidada na prática do exercício da profissão, através das possibilidades e limitações oferecidas pela trajetória e pelo cotidiano do trabalho (Aguirre et al., 2000<sup>1</sup>; Krawulski, 2004; Krawulski & Patrício, 2005; Melo-Silva, 1999<sup>2</sup>; Melo-Silva & Santos, 2003<sup>3</sup>, cit. Mazer & Silva, 2010). Esse exercício parece ter-lhes permitido a formação da identidade profissional, principalmente porque significou o espaço onde se foram construindo as capacidades de adequação e transformação diante da exigência da realidade profissional. Esse é um processo que se vai desenvolvendo gradualmente, num caminho contínuo onde as vivências vão conduzir ao desenvolvimento de uma postura profissional, apontada como essencial para a posse da identidade profissional. Neste sentido, a trajetória de trabalho pode significar a possibilidade de dar maior consistência à sua identidade profissional (identificando-se com aquilo que a profissão faz e serem reconhecidos).

Em síntese diríamos que neste estudo empírico o conceito de identidade profissional parece estar intrinsecamente associado ao conceito de identidade pessoal: tal como este último, também o conceito de identidade profissional não é estático e único, mas dinâmico, processual, mutável. Podemos inferir que neste grupo de psicólogos clínicos a identidade profissional é aquilo que os identifica e apresenta enquanto profissionais, o modo como cada um se vê e se mostra aos outros, algo que foi sendo construído com o tempo e com as atividades de trabalho, e que os levou à incorporação de um papel. Essa construção não tem “data para ficar pronta” (Krawulski, 2004) a sua dinâmica permite que se possa ir acrescentando, ir procurar outras coisas, modificando o conjunto, num movimento de construção-desconstrução e (re)construção constante.

---

<sup>1</sup> Aguirre, A. M. B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M. S., & Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicologia USP*, 11 (1), 49-62.

<sup>2</sup> Melo-Silva, L. L. (1999). Estágio profissionalizante em orientação profissional: experiência de supervisão em um curso de psicologia. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 3 (1), 119-135.

<sup>3</sup> Melo-Silva, L. L., & Santos, M. A. (2003). “Será que era isso que eu queria?”: a formação acadêmica em psicologia na perspectiva do aluno. In L. L. Melo-Silva (Ed.), *Arquitetura de uma ocupação: Vol. 1: orientação profissional. Teoria e técnica* (pp. 387-406). São Paulo: Vetor.

Findo este trabalho estamos certos de que apresenta algumas limitações, as quais se prendem, sobretudo, com o carácter exploratório e com o número limitado de participantes do estudo, devido aos constrangimentos temporais e logísticos decorrentes de se tratar de um trabalho no âmbito do mestrado. Neste sentido, os resultados obtidos dizem só e apenas respeito a este grupo de psicólogos clínicos.

Apesar das limitações, cremos que este estudo contribui para o conhecimento e compreensão da identidade profissional dos psicólogos clínicos.

Todavia, e face ao contexto atual de veloz transformação da sociedade, é altura de nos questionarmos, como pode o psicólogo estabelecer identificações em curso se a instabilidade é no fundo o que suporta as suas práticas? Talvez, possamos pensar que a constante adaptação à instabilidade possa constituir uma nova forma de identificação profissional.

Também as questões da formação do psicólogo: como é que a formação clássica se articula e dá resposta às novas representações e construção da identidade profissional que emergem no contexto atual? Há provavelmente que repensar os modelos de formação neste domínio.

A nosso ver, levantam-se assim questões interessantes para eventuais estudos posteriores, relacionados com estas e outras questões, nomeadamente um estudo sobre a transição para a vida profissional, já que esta implica a construção de uma nova posição identitária, ou ainda, e na senda da investigação realizada, um estudo para compreender a forma como os psicólogos clínicos veem a relação entre a pessoa e o papel profissional que ocupam/desempenham.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Bettoi, W. (2003). *Natureza e construção de representações sobre a profissão na cultura profissional dos psicólogos* (Tese de doutoramento). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ciampa, A. C. (1986). Identidade. In S.T. M. Lane & W. Codo (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 58-75.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, M. C.; Krawulski, E. & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e Trabalho na Contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19, Edição Especial 1: 29-37.
- Cunha, C. A. C. (2007). *Processos Dialógicos de Auto-Organização e Mudança: Um estudo microgenético* (Tese de Mestrado em Psicologia). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- d'Alte, I., Petracchi, P., Ferreira, T., Cunha, C. & Salgado, J. (2007). Self dialógico: Um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interacções*, 6, 8-31. Disponível em: <http://www.eses.pt/interaccoes>.
- Dubar, C. (1997). *A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora
- Dubar, C. (1998). Socialisation et construction identitaire, in J.-C. Ruano-Borbalan (coord.) *L'identité. L'individu, le groupe, la société*. Auxerre : Sciences Humaines Éditions, p.135-141.
- Dubar, C. (2000). *La crise des identités. L'interprétation d'une mutation*. Paris: PUF.
- Espírito, A.C.O. & Castro, P.F. (2012). Reflexões sobre a Formação da Identidade Profissional em Psicologia. *Revista Educação*, 7 (2), pp.40-55.
- Forte, A. M. B. P. X. (2005). *Formação Contínua: contributos para o desenvolvimento profissional e para a (re)construção da(s) identidade(s) dos professores do 1.º CEB*. (Tese de Mestrado). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- Fortin, M. F. (1999). *O Processo de Investigação: da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- Gauthier, B. (2003). *Investigação social: da problemática à colheita de dados*. Loures: Lusociência.

- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora (3.<sup>a</sup> ed.).
- Giddens, A. (1994). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora (publicado originalmente em 1991).
- Gonçalves, M. M. (2003). *Psicoterapia, uma arte retórica: Contributos das terapias narrativas*. Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, M. M., & Norris, N. (1996). Auto-Conhecimento na Era Pós-Moderna: o Fim da Tirania da Lei de Delfos? *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 43-42.
- Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. H. (1993). *The dialogical self: Meaning as movement*. California: Academic Press.
- Hermans, H. J. M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119 (1), 31-50.
- Hermans, H. J. M. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7, 243-281.
- Hermans, H. J. M. (2003). The construction and reconstruction of dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 89-130.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G. & van Loon, R. J. P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47 (1), 23-33.
- Krawulski, E. (2004). *Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as metamorfoses do caminho no exercício quotidiano do trabalho* (Tese de Doutoramento). Programa de Pós-Graduação em Ergonomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Krawulski, E., & Patrício, Z. M. (2005). Porque pessoas escolhem a psicologia como profissão? In M. C. P. Lassance (Ed.), *Intervenção e compromisso social: Vol. 2. Orientação profissional: teoria e técnica* (pp. 323-336). São Paulo: Vetor.
- Kullasepp, K. (2006). Becoming professional: External and intrapsychological level in the service of professional identity construction of psychology students. *European Journal of School Psychology*, 4 (2), 335-345.
- Kullasepp, K. (2006). Identity construction of psychology students: Professional role in the making. *European Journal of School Psychology*, 4 (2), 249-280
- Mazer, S. M. & Melo - Silva, L. L. (2010). Identidade Profissional do Psicólogo: Uma Revisão da Produção Científica no Brasil. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30 (2), 276- 295



- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva.
- Sainsaulieu, R. (1988). *L'Identité au travail*. Paris: Presses de la Fondation National des Sciences Politiques.
- Salgado, J. (2003). *Psicologia narrativa e identidade: Um estudo sobre auto-engano e organização pessoal*. Maia: Publismai.
- Salgado, J., & Hermans, H. J. M. (2005). The return of subjectivity: From a multiplicity of selves to the dialogical self. *E-Journal of Applied Psychology*, 1, 3-13.
- Santos, C. (2005). A construção social do conceito de identidade profissional. *Interações*, 8, 123-144.
- Scorsolini-Comin, F., Souza, L. V., & Santos, M. A. (2008). Tornar-se psicólogo: experiência de estágio de psico-oncologia em equipe multiprofissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9 (2), 113-126.
- Silva, C. A. (1996). *Centros de saúde: cultura organizacional na encruzilhada da cultura e da identidade profissional – estudo de caso de três centros de saúde do distrito de Beja* (Tese de Mestrado em Sociologia). Universidade de Évora. Évora.
- Soczka, L. (1988, Fevereiro). *Representações sociais, relações intergrupos identidades profissionais dos psicólogos*. Trabalho apresentado na *Primeira Conferência Nacional dos Psicólogos Portugueses*, Lisboa.
- Spinelli, M. R. (2010). *Identidade Profissional do Psicólogo Clínico: Transformações no contexto actual* (Tese de Doutoramento). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Tavares, D. (2007). *Escola e Identidade Profissional – O caso dos técnicos cardiopneumologia*. Lisboa: Edições Colibri.
- Tavares, S. A. C. (2008). *Uma perspectiva Dialógica do papel social do Psicoterapeuta*. (Tese de Doutoramento em Psicologia). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- Tavares, S. A. C. (2011). A Identidade do Psicoterapeuta à Luz do Diálogo entre a Pessoa e o Papel Social. In A. Pimentel & V. Franco, *Diálogos dentro da Psicologia - Contributos da Investigação Luso-Brasileira em Psicologia Social, Clínica e Educacional* (1ª ed., pp.130-143). Portugal: Aloendro.



# ANEXOS



**Anexo I - Ficha de identificação demográfica**



# Ficha de Identificação Biográfica

## I. Identificação pessoal

Sexo: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Local de residência: \_\_\_\_\_

## II. Identificação profissional

Ano da licenciatura: \_\_\_\_\_ Universidade da licenciatura: \_\_\_\_\_

Especialização (ao nível da licenciatura): \_\_\_\_\_

Outro(s) grau(s) académico(s): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Tipo de formação em psicoterapia: \_\_\_\_\_

Tempo de formação em psicoterapia (horas e/ou anos): \_\_\_\_\_

Filiação em sociedade ou associação profissional: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Desde: \_\_\_\_\_

Formação realizada no âmbito da mesma: \_\_\_\_\_

Orientação ou escola teórica de referência: \_\_\_\_\_

Anos de prática terapêutica: \_\_\_\_\_

N.º aprox. de horas de prática clínica/terapêutica por semana: \_\_\_\_\_

Local onde exerce a atividade terapêutica <sup>i</sup>: \_\_\_\_\_

Principal (ais) atividade(s) desenvolvida(s) <sup>ii</sup>: \_\_\_\_\_





**Anexo II** – Declaração de consentimento informado



## Consentimento Informado

Ficando garantida a total confidencialidade dos dados recolhidos e sendo que as informações prestadas são apenas para fins de investigação, declaro autorizar a gravação áudio das minhas declarações e a utilização de todo o material no âmbito do projecto de investigação da dissertação de mestrado subordinado ao tema *“IDENTIDADE PROFISSIONAL: A percepção do conhecimento no processo de construção de identidade dos psicólogos clínicos”*, conhecendo os objetivos e porque é necessário para o estudo esta informação.

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura da investigadora)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do (a) Psicólogo Clínico)



**Anexo III – Entrevista semiestruturada**



## **Guião de Entrevista**

1. O que significa para si a Psicologia Clínica?
2. Em seu entender, o que é mais característico desta profissão?
3. O que o atrai nesta profissão?
4. Em termos do seu percurso, o que foi necessário para se tornar Psicólogo Clínico?





**Anexo IV** – Tabelas por unidade de registo, por temas



## Tema 1 – Definição e características da Psicologia Clínica

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p><b>Definição de Psicologia Clínica</b></p>	<p>Arte ou Ciência</p>	<p>E1 “...eu encaro-a mais como uma arte do que como uma ciência...” <b>UR1</b></p> <p>E1 “E acho que isto é uma arte e não uma ciência.” <b>UR7</b></p> <p>E1 “...Ψ clinica para mim não é uma ciência pura é ...tem muito mais de arte de conversação do que ciência...” <b>UR8</b></p> <p>E1 “...choca-me falar de ciência pura exata, racional e o paradigma que se tem usado na Psicologia não me faz muito sentido...” <b>UR9</b></p> <p>E1 “...acho que o nosso instinto nos vai guiando .... e isso é uma arte que se desenvolve, como aprender a pintar ou aprender a sei lá.... Ou outra coisa qualquer. Portanto, ... isto é uma arte!” <b>UR10</b></p> <p>E8 “ Bom, acho que é uma ciência e uma arte...” <b>UR1</b></p> <p>E 17 “...é uma ciência dotada de um conjunto de instrumentos e de um conjunto de estratégias e técnicas...” <b>UR1</b></p> <p>E 19 “...é uma ciência, que estuda o comportamento humano, as emoções, os afetos...” <b>UR1</b></p> <hr/>	<p>8</p>
	<p>Saúde Mental</p>	<p>E2 “A Ψ Clínica tem no seu âmbito o trabalho direto com uma psicologia mais das patologias, mais de aquilo que não corre bem com a saúde mental <b>UR2</b> (...) tem mais que ver com os tais serviços de saúde, que neste caso são os serviços de saúde mental.” <b>UR3</b></p> <p>E12 “...Ψ Clínica será a ciência .... do comportamento humano,...do funcionamento mental, neste</p>	<p>7</p>

<p><b>Definição de Psicologia Clínica</b></p>	<p>Ramo/Vertente da Psicologia</p>	<p>caso dos humanos no sentido mais amplo, do funcionamento e da patologia...” <b>UR1</b></p> <p>E13 “...nos cuidados de saúde primários para mim a psicologia clínica liga-se necessariamente á parte da saúde não é!!? aaahh...da saúde mental...” <b>UR1</b></p> <p>E14 “...Ψ Clínica tem a ver com situações em que a pessoa possa estar em sofrimento psíquico ou em dificuldades, sejam elas físicas, psicológicas...” <b>UR5</b></p> <p>E15 “...Ψ Clínica é uma área da psicologia, que se dedica mais ao estudo dos processos da saúde mental, trabalhando mais diretamente com a área da saúde mental...” <b>UR1</b></p> <p>E18 “...Ψ Clínica significa por definição uma abordagem de apoio na resolução de algum tipo de disfunção ou perturbação...” <b>UR2</b></p> <hr/> <p>E2 “...acaba por ser uma das ramificações de esta grande árvore que é a psicologia” <b>UR1</b></p> <p>E6 “Psicologia clínica não deixa de ser um ramo da psicologia...” <b>UR1</b></p> <p>E7 “...a psicologia clínica é uma vertente da Psicologia...” <b>UR1</b></p> <p>E17 “A psicologia clinica é um ramo dentro da psicologia, uma vertente de trabalho...” <b>UR3</b></p>	<p>4</p>
---	------------------------------------	---	----------

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
Significado de Psicologia Clínica	Relação Terapêutica	<p>E1 “...aquela postura neutra que é defendida pela maioria das correntes da Psicoterapia e da Psicologia Clínica, impede uma coisa fundamental que é o criar da relação terapêutica...” <b>UR5</b></p> <p>E3 “...isto implica uma relação face a face um acompanhamento clínico psicoterapêutico numa relação individual, ou em contexto de grupo ou contexto familiar...” <b>UR3</b></p> <p>E7 “...em termos da relação com a outra pessoa, portanto distingue um bocadinho das outras vertentes...” <b>UR3</b></p> <p>E8 “... vejo sobretudo a psicologia clinica em termos relacionais...” <b>UR6</b></p> <p>E9 “...o principal é a relação que se estabelece entre o terapeuta, psicólogo e a pessoa que está à nossa frente...” <b>UR1</b></p> <p>E9 “...perceber como é que aquela pessoa estabelece relações com as outras...” <b>UR3</b></p> <p>E17 “...o trabalho principal é ao nível da relação humana e com as pessoas...” <b>UR2</b></p> <p>E17 “...uma ferramenta fundamental é a relação entre o psicólogo e o utente...” <b>UR4</b></p> <p>E18 “...é uma intervenção profissional ...de natureza profissional o que implica uma noção dos limites em termos da relação....de natureza terapêutica” <b>UR7</b></p> <hr/>	9
	Bem-Estar	<p>E2- “E no fundo esta psicologia clínica vem de uma área de trabalho que tem que ver com o tal bem-estar ou tentativa de bem-estar dos utentes que procuram os serviços de saúde mental...” <b>UR4</b></p> <p>E3- “...em função do bem-estar das pessoas...” <b>UR2</b></p> <p>E3- “...estou a construir e a forma como o faço visa exatamente promover o bem-estar de crianças, de famílias, pais ...” <b>UR4</b></p>	9

<p><b>Significado de Psicologia Clínica</b></p>	<p>Bem-Estar</p>	<p>E7 “...quando me lembro de clinica relaciono sempre que tem relação com o bem- estar emocional que portanto tem relação também com o bem-estar também cognitivo-comportamental...” <b>UR2</b></p> <p>E7 “...é uma área de intervenção que a gente procura junto do seu cliente ou utente o seu bem-estar integral desde crianças, adolescentes e adultos, depois também alargada à da família...” <b>UR4</b></p> <p>E9 “...conseguir arranjar formas de funcionar e de se sentir bem...” <b>UR6</b></p> <p>E17 “...o objetivo é precisamente esse, é o trabalho com...com as pessoas de forma a que..... se for individualmente a que as pessoas se sintam melhor...” <b>UR7</b></p> <p>E18 “...com base nesses modelos de referência, fazermos uma intervenção, que permita à pessoa sentir mais bem-estar, portanto...” <b>UR5</b></p> <p>E20 “...que a pessoa se sinta melhor ou a que a família se sinta melhor, ou que a instituição que nos pede ajuda também se consiga sentir melhor...” <b>UR5</b></p> <hr/>	<p>9</p>
	<p>Compreensão/Conhecimento</p>	<p>E6 “...privilegia essencialmente o estudo do individuo e a análise do individuo, procurando entend-lo na sua realidade individual, nas suas dificuldades, nos seus problemas... <b>UR2</b> (...) uma compreensão global do sujeito e das situações com ele relacionadas...” <b>UR3</b></p> <p>E8 “...tento essencialmente perceber como é que funciona aquela (s) pessoas que me aparecem...” <b>UR3</b></p> <p>E8 “...o que é que eu posso fazer por esta pessoa, mas sobretudo conhecer o funcionamento dela e não ficar apenas pelos sintomas...” <b>UR4</b></p> <p>E9 “...o objetivo é conhecer outra pessoa, perceber... perceber como é que aquela pessoa estabelece relações com as outras...” <b>UR2</b></p>	

<p><b>Significado da Psicologia Clínica</b></p>	<p>Compreensão/Conhecimento</p>	<p>E12 “...o estudo da personalidade das interações com o meio, de tudo aquilo que pode afetar o comportamento as percepções a...percepção, as crenças as convicções, e os seus sentimentos da pessoa humana...” <b>UR2</b></p> <p>E 19 “...estuda o comportamento humano, as emoções, os afetos, portanto, estuda o ser humano nas suas várias perspectivas ...biopsicossocial.” <b>UR2</b></p> <p>E20 “... é compreender também, compreender um bocadinho mais além, do que normalmente as pessoas compreendem...” <b>UR2</b></p> <p>E20 “... conseguir ver e dar significado a certos comportamentos ou a certos relacionamentos que outras pessoas não conseguem compreender, também em termos de várias coisas ou em termos da pessoa individual, ou em termo de um família ou grupo, ou em termos até de uma organização.” <b>UR3</b></p> <hr/>	<p>6</p>
	<p>Ajuda na reorganização do outro</p>	<p>E1 “...eu ajudo um bocado a organizarem-se em termos dos vários contextos...” <b>UR6</b></p> <p>E4 “...significa no fundo ajudar a pessoa a encontrar-se, muitas vezes em determinados casos elas estão desesperadas e não sabem o caminho, é um reencontro, além de puderem reaprender” <b>UR1</b></p> <p>E5 “...o psicólogo clinico acaba por ser muitas das vezes, um mediador e um facilitador ... e fornecedor de armas e instrumentos que permitem à pessoa reorganizar-se e reestruturar-se cognitivamente...” <b>UR4</b></p> <p>E8 “...tentamos ajudar pessoas essencialmente ... não sei se tratamos pessoas, mas pelo menos, eu vejo a coisa mais no sentido de tentarmos ajudar pessoas...” <b>UR2</b></p> <p>E20 “...em primeiro lugar ajudar sobretudo...” <b>UR1</b></p>	

<b>Significado de Psicologia Clínica</b>	Ajuda na resolução de problemas	<p>E20 “...nós ajudamos, compreendemos, para ajudar a organizar melhor ou a uma pessoa ou a um grupo ou a uma organização,..” <b>UR4</b></p> <hr/> <p>E6 “...lidamos muito com as dificuldades individuais da pessoa...” <b>UR4</b></p> <p>E6 “ Penso que a psicologia clínica pode de fato ajudar o outro, as pessoas, o individuo a encontrar respostas ... às suas problemáticas e diferentes problemáticas...” <b>UR5</b></p> <p>E9 “... nós temos uma perspetiva que as coisas têm que ser trabalhadas no sentido de resolver problemas” <b>UR7</b></p> <p>E9- “...tenho que perceber aaah ... como é que ela “entre aspas” vai abrir as janelas (sorri) para eu poder comunicar com ela e depois pensar com ela formas de lidar com as situações...”, <b>UR8</b></p> <p>E14 “... aquilo que se procura mais do que curar acho eu, é ajudar a pessoa a lidar com a situação...” <b>UR3</b></p> <hr/>	5
	Desenvolvimento Pessoal	<p>E10 “...psicologia clinica é psicoterapia sim, mas cada vez mais é psicoterapia numa vertente de desenvolvimento...” <b>UR1</b></p> <p>E11 “...psicólogo clínico na minha perspetiva é o profissional que intervém ao nível da ... da doença mais emocional ... E que portanto tem a tarefa de auxiliar a pessoa no seu desenvolvimento...” <b>UR1</b></p> <p>E14 “...é um trabalho centrado aliás como quase toda a psicologia, centrado no desenvolvimento da pessoa no desenvolvimento do outro...” <b>UR2</b></p>	5



<p><b>Significado de Psicologia Clínica</b></p>	<p>Auto- Conhecimento</p>	<p>E14 “...ajudar a pessoa a lidar com a situação e promover o seu desenvolvimento...” <b>UR4</b></p> <p>E16 “É uma ferramenta para conseguirmos um bocadinho... ajudar os outros a crescer...” <b>UR3</b></p> <hr/> <p>E4 “...olharem em mais profundidade para dentro de si, pronto conhecerem-se melhor no fundo para conhecerem-se melhor e interagirem com os outros e ter melhor conhecimento dos outros...” <b>UR2</b></p> <p>E8 “...é esta viagem que se faz com as pessoas a tentar ajuda-las a conhecerem-se melhor a si e as pessoas que as rodeiam...” <b>UR5</b></p> <p>E9 “...no sentido que a pessoa consiga apreender melhor o que se passa à volta dela e conhecer-se melhor...” <b>UR5</b></p>	<p>3</p>
---	-------------------------------	--	----------

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p><b>Definição no contexto de Intervenção</b></p>	<p>Diversidade de áreas Intervenção</p>	<p>E5 “...psicologia clínica pode-se inserir em diversas áreas de atuação, no meu caso, psicologia clinica e da saúde, intervenção na área oncológica, especificamente na área da psico-oncologia...” <b>UR1</b></p> <p>E10- “... intervenção ao nível da comunidade, sessões de educação para a saúde, intervenção em várias faixas etárias, intervenção na doença física, aahh, intervenção mais nas situações de ...de somatizações, a vários níveis, portanto aí a intervenção é muito mais vasta...” <b>UR1</b></p> <p>E11 “...no trabalho que tive no centro de saúde há uma série de coisas que um psicólogo clínico pode fazer (...) intervenção ao nível da comunidade, sessões de educação para a saúde, intervenção em várias etárias, intervenção na doença física, intervenção mais nas situações ...de somatizações, a vários níveis, portanto aí a intervenção é muito mais vasta...” <b>UR1</b></p> <p>E12 “...se trabalharmos na saúde mental surgem mais situações de patologia mental propriamente dita, e eu como sempre trabalhei em cuidados de saúde primários e tenho consultório (...) se calhar 70% são problemas de ajustamento, são problemas de mal de viver (...) agora os 30 % serão situações mais graves e que exigem um trabalho muito mais aprofundado e muito mais tempo...” <b>UR3</b></p> <p>E13 “...psicólogo clinico tem muitas outras áreas onde toca, já passei pelas especialidades de ... desenvolvimento infantil, já estive nos CATS a trabalhar com toxicodependentes, já estive nos hospitais a trabalhar com VIH, já estive no departamento de pedopsiquiatria no hospital D. Estefânia que é muito específico também em termos de determinadas intervenções...” <b>UR4</b></p> <p>E13 “...está muito ligada à parte da comunidade da intervenção ao nível da prevenção ... da</p>	<p>14</p>

<p><b>Definição no contexto de Intervenção</b></p>	<p>Diversidade de áreas Intervenção</p>	<p>formação, nós estamos muito ligados aqui a dar a formação aos técnicos dar o apoio aos outros técnicos de saúde...” <b>UR6</b></p> <p>E14 “...psicologia clínica é um campo muito vasto que engloba muitas formas de...muitas formas diferentes de intervenção...” <b>UR1</b></p> <p>E15 “...uma área bastante abrangente e que nos permite, pelo menos da formação que temos alargar a nossa intervenção às famílias e portanto é uma área muito abrangente...” <b>UR2</b></p> <p>E17 “...há outros tipos de intervenção que o psicólogo clínico faz além da consulta...” <b>UR8</b></p> <p>E17 “...psicologia clinica incide muito sim, ao nível da função assistencial e também ao nível das atividades da promoção de saúde e da prevenção da doença, e ao nível do trabalho comunitário...” <b>UR9</b></p> <p>E17 “Há o aconselhamento psicológico, consulta psicológica, psicoterapia, as avaliações psicológicas, o acompanhamento, a intervenção de grupos a intervenção em crise...” <b>UR10</b></p> <p>E18 “...é uma área de intervenção dos psicólogos...que é muito abrangente” <b>UR1</b></p> <p>E18 “...há muitas áreas de intervenção possíveis nesse sentido, podemos pensar em psicologia clinica e da saúde, podemos pensar em psicologia clinica e contexto organizacional, podemos pensar também nas questões da promoção da saúde... e portanto, da promoção da saúde mental e da prevenção de doença ou da patologia ... da patologia mental...” <b>UR3</b></p> <p>E18- “...Portanto, é uma área muito abrangente quer em termos dos objetivos, quer em termos das áreas de intervenção” <b>UR6</b></p>	
--	---	--	--

<b>Definição no contexto de Intervenção</b>	Intervenção orientada teoricamente	<p>E3 “...a psicologia clínica constitui a aplicação do conhecimento clínico e quando falo do conhecimento clínico, quer do conhecimento a nível dos próprios modelos teóricos de referência das estratégias de intervenção das diferentes modalidades...” <b>UR1</b></p> <p>E3 “...quando faço uma sessão para pais, tudo isso reflete o meu conhecimento em termos de psicologia clínica, portanto não me cinto só a isso, naquele momento eu não estou num processo dito psicoterapêutico...” <b>UR4</b></p> <p>E3 “...mas acho que está profundamente ligado aos modelos de intervenção de referência não o faria da mesma forma certamente se fosse uma psicóloga educacional...” <b>UR6</b></p> <p>E17 “...tem um conjunto como já disse, de estratégias de metodologias...” <b>UR5</b></p> <p>E18 “...o psicólogo tem que ter uma noção e tem que ter referências e modelos de referências sobre o que é normal e o que é um desvio normalidade...” <b>UR4</b></p> <hr style="width: 30%; margin: 20px auto;"/>	5
	Intervenção orientada para a mudança	<p>E5 “...é forma de intervenção como disse ao início sobre e na pessoa na perspectiva de poder modificar comportamentos...” <b>UR2</b></p> <p>E5 “...de poder atuar sobre problemáticas diversas não só ao nível de comportamentos, mas também a nível de áreas como a área existencial” <b>UR3</b></p> <p>E 9 “...penso muito que é a intervenção mínima para acontecer a mudança máxima...” <b>UR4</b></p> <p>E18 “...é uma intervenção profissional ... de apoio e do uso de ferramentas terapêuticas, que permitam ajudar a repor...um comportamento que é sentido como mais funcional” <b>UR8</b></p>	4

## Tema 1- Definição e características da Psicologia Clínica

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registro	(f)
<p><b>Qualidades do Psicólogo Clínico</b></p>	<p>Competências Pessoais</p>	<p>E1 “Era isso que eu lhe estava a dizer, o instinto, a curiosidade ...” <b>UR1</b></p> <p>E8 “...aliás eu fiz um perfil de qualidades ou de características que é a tolerância ao não saber, tolerância à incerteza...” <b>UR3</b></p> <p>E8 “...tolerância, a humildade, não achar que se tem o conhecimento todo ou que se é onipotente...” <b>UR4</b></p> <p>E9 “...para já eu acho que acima de tudo as pessoas têm que ter muita curiosidade, muita curiosidade em conhecer a outra pessoa e se conhecer a si também...” <b>UR1</b></p> <p>E9 “...tem que ter também este espírito de aventura ...” <b>UR5</b></p> <p>E9 “...acho que é muito importante isso o ser capaz de se despir da sua estrutura e tem que ser muito observador...” <b>UR6</b></p> <p>E10 “...motivação para colaborar no desenvolvimento do outro, motivação também para me desenvolver como pessoa...” <b>UR2</b></p> <p>E10 “...um grande encanto sempre com o ser humano, um acreditar sempre que a outra pessoa tem alguns recursos...” <b>UR3</b></p> <p>E15 “...tem que se ter uma mente aberta_e perceber as realidades de uma forma completa...” <b>UR1</b></p> <p>E19 “...o que é mais característico é o peso desta profissão para nós próprios, a nossa capacidade e a nossa tolerância...” <b>UR1</b></p> <p>E19 “...uma das características principais enquanto profissional é essa, é a capacidade de adaptação que o psicólogo tem que ter...” <b>UR2</b></p>	<p>11</p>

<b>Qualidades do Psicólogo Clínico</b>	Competências Relacionais	<p>E8 “...Eu acho que o que deveria ser fundamentalmente é o interesse pelo o outro...” <b>UR1</b></p> <p>E8 “...eu acho que é muito importante a gente pôr-se numa posição de certa humildade e poder-se interessar verdadeiramente pelo o outro...” <b>UR2</b></p> <p>E9 “... ter este espírito de estar sempre disponível para as pessoas...” <b>UR10</b></p> <p>E16 “...primeiro de tudo a enorme disponibilidade para o outro...” <b>UR1</b></p> <p>E16 “...é mesmo capacidade para nos sintonizarmos com outro...” <b>UR2</b></p> <hr/>	5
	Competências Técnicas	<p>E6 “... portanto é sem dúvida um espaço de escuta...” <b>UR3</b></p> <p>E15 “...exige uma boa capacidade de diálogo, exige uma postura calma...” <b>UR3</b></p> <p>E17 “...a ferramenta básica desta profissão é a relação e a empatia. O criar uma relação de empatia, o criar uma relação de confiança, eu acho que isto são todos aspetos básicos desta profissão, que nos caracterizam enquanto psicólogos...” <b>UR1</b></p> <p>E 20 “...escutar mas termos paciência para escutar e disponibilidade para escutar...” <b>UR2</b></p>	4

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<b>Objetivos</b>	Ajuda ao Outro	<p>E 6 "...procurar ajudá-lo na resolução dos problemas..." <b>UR2</b></p> <p>E10 "...motivação para ajudar o outro..." <b>UR1</b></p> <p>E12 "...o perfil das pessoas será o interesse, que têm para já em ajudar o outro..." <b>UR1</b></p> <p>E12 "... nós ficamos satisfeitos por contribuir, mas ainda bem para aquela pessoa, que a podemos ajudar a sentir-se melhor ou mais integrada ou mais ou mais... satisfeita ou mais acolhida..." <b>UR2</b></p> <p>E13 "...a nossa função, no fundo é ajudar as pessoas a resolver os seus problemas..." <b>UR1</b></p> <p>E13 "...aquilo que é problemático para a pessoa e aquilo que necessita de ser melhor gerido e ou resolvido ou ajudado a ultrapassar..." <b>UR3</b></p> <p>E14 "É estar a trabalhar com pessoas em soluções de dificuldades, dificuldades psíquicas incluindo aqui no psíquico obviamente as soluções de dificuldades resultantes de questões físicas..." <b>UR2</b></p> <p>E16 "...eu não sei se será muito diferente de outras profissões de ajuda..." <b>UR4</b></p> <p>E16 "...Eu penso que a especificidade é mesmo essa, é mesmo o centrarmos no outro com o objetivo de o ajudar..." <b>UR6</b></p> <p>E20 "Eu acho, que sobretudo resolver problemas é o que nos pedem sempre para nós fazermos..." <b>UR1</b></p>	10

<b>Objetivos</b>	Promoção da Mudança e do bem-estar	<p>E 3 “...é o objetivo comum mas muito a promoção do bem-estar, bem-estar psíquico e emocional das pessoas se sentirem bem consigo...” <b>UR1</b></p> <p>E3 “...mas aqui terá um outro objetivo que é o da mudança. Eu vejo a intervenção clínica numa perspetiva de bem-estar e mudança em função de esse bem-estar...” <b>UR2</b></p> <p>E3 “...temos que ter associados à intervenção clínica um modelo de mudança de comportamento que se eleja...” <b>UR3</b></p> <p>E3 “... uma das coisas que distingue é exatamente esta questão da mudança do promover-se a mudança...” <b>UR4</b></p> <p>E13 “... nós de fato trabalhamos aquilo que são as emoções e os comportamentos e tentamos modificar aquilo que é problemático ou aquilo que disfuncional...” <b>UR2</b></p> <hr/>	5
	Promoção do autoconhecimento	<p>E4 “... ajudo ao conhecimento de si próprias...” <b>UR2</b></p> <p>E6 “... de fato permite ter esta ... perceção do outro e procurar isso mesmo, promover o auto-conhecimento ...” <b>UR4</b></p>	2



Categoria	Subcategoria	Unidades de Registro (UR)	(f)
<p style="text-align: center;"><b>Processos/ Instrumentos de Exercício da Atividade Clínica</b></p>	<p style="text-align: center;">Empatia</p>	<p>E2 “...chegar-se a um acordo com essa mesma pessoa e tentar-se perceber no fundo o que é que a traz ...” <b>UR1</b></p> <p>E4 “É uma profissão que a gente não receita e é através da compreensão, da associação livre e da palavra...que eu trabalho...” <b>UR1</b></p> <p>E6 “...uma das características principais desta nossa profissão é de fato possibilidade de procurarmos entender o outro...” <b>UR1</b></p> <p>E9 “...temos que estar com uma postura de perceber, de entender, de estar com o outro senão não estamos lá a fazer nada...” <b>UR4</b></p> <p>E14 “É a necessidade de compreender o mundo interno do outro para a partir daí ...poder contribuir para o seu desenvolvimento” a pessoa precisa, num contexto de psicoterapia...”<b>UR1</b></p> <p>E15 “...Exige uma boa capacidade de empatia...” <b>UR2</b></p> <p>E16 “...nós somos realmente convidados a viver as experiências do outro e a sintonizarmos com aquilo que o outro viveu.” <b>UR3</b></p>	<p style="text-align: center;">7</p>
	<p style="text-align: center;">Relação Terapêutica</p>	<p>E5 “...é uma profissão muito baseada ... muito ... completamente baseada na relação e essa é uma das principais características distintivas da psicologia comparativamente com outras profissões...” <b>UR1</b></p> <p>E5 “ ...em psicologia ... é a relação, quase que me atrevo a dizer que é a relação que medeia e que</p>	<p style="text-align: center;">6</p>

<p><b>Processos/ Instrumentos de Exercício da Atividade Clínica</b></p>	<p>Relação Terapêutica</p>	<p>intervém e que possibilita que o psicólogo ... que o doente com a ajuda do psicólogo possa progredir, possa melhorar, possa resolver as suas questões...” <b>UR2</b></p> <p>E13 “...é de facto esta parte da relação clínica, da relação terapêutica e da função assistencial que nós temos...” <b>UR5</b></p> <p>E16 “...geralmente é uma profissão de relação de contato...” <b>UR5</b></p> <p>E18 “...que implica um caminho que é feito a dois, em que há uma noção de limites sobre quem é que toma as decisões...” <b>UR1</b></p> <p>E18 “...há uma essência ...que é a relação... é a qualidade da relação sobre essas duas partes...” <b>UR2</b></p> <hr/>	<p>5</p>
	<p>Setting</p>	<p>E7 “...óbvio que depois também há o contexto que vai intervir no âmbito (...) de uma situação de crise por exemplo, hospitalar ou de uma situação de internamento é completamente diferente o tipo de intervenção que a pessoa precisa, num contexto de psicoterapia ...” <b>UR1</b></p> <p>E9 “...o psicólogo pela sua profissão vai logo entrar em contextos que muitas vezes não tem nada a ver com as suas referências iniciais e tem que estar disponível para despir um bocadinho ... a sua estrutura dos contextos onde está...” <b>UR2</b></p> <p>E9 “...conseguir estar nos outros contextos que muitas vezes são completamente diferentes, os valores morais das outras pessoas são completamente diferentes e nós não podemos estar com uma postura moral nesses contextos...” <b>UR3</b></p> <p>E14 “...é muito diverso consoante se esta num hospital ou num consultório privado ou num ou numa associação de crianças...” <b>UR3</b></p> <p>E15 “...nós temos que sempre nos adaptar à situação terapêutica que está à nossa frente e aquela é única, difícil falar só no global ... uma em si e no seu contexto...” <b>UR3</b></p>	



## Tema 2- Motivações para se tornar Psicólogo

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p><b>Motivação Centrada no Outro</b></p>	<p>Descoberta do Outro</p>	<p>E5- "...a forma de aceder a uma pessoa é diferente daquela que conseguimos aceder à outra com uma mesma problemática semelhante e acaba por ser mais aliciante." <b>UR3</b></p> <p>E8- "... é o interesse por a investigação da pessoa <b>UR2</b> (...) é este processo de investigação que me atrai imenso. " <b>UR3</b></p> <p>E8- "... é esta investigação a nível dos processos mentais, ligado da própria história, mas não no sentido determinista ..." <b>UR4</b></p> <p>E12- "A questão da minha investigação, da descoberta do que é aquilo que .... não nos faz muito sentido <b>UR1</b> (...) mas descobrir porque é que àquela pessoa faz sentido <b>UR2</b> (...) é esta atração pela descoberta do que é...do que não é dito, mas que é subentendido..." <b>UR3</b></p> <p>E12- "...é esta descoberta que vamos como qualquer processo científico, vamos pondo hipóteses, vamos pondo-as de parte à medida que não se confirmam, vamos colocando outras <b>UR4</b> (...)</p> <p>E12- "... às vezes até costumo dizer que não gosto de saber da vida das pessoas por coscuvilhice, gosto de saber porque é este tal processo de investigação, que é a diferença entre os psicólogos e os coscuvilheiros." <b>UR9</b></p> <p>E16- "...saber mais, saber mais sobre as pessoas..." <b>UR3</b></p>	<p>12</p>

<p><b>Motivação centrada no Outro</b></p>	<p>Relação com o Outro</p>	<p>E18- “O que é que me atrai ... É claramente a descoberta, a descoberta de técnicas, a descoberta de modelos de compreensão <b>UR1</b> (...) a questão da descoberta e do perceber um pouco... de avançarmos nos conhecimentos é claramente uma coisa que atrai.” <b>UR2</b></p> <hr/> <p>E5- “... e também acima de tudo o poder trabalhar com pessoas ... que é o mais difícil é trabalhar com pessoas, com mentes muitas vezes complexas, todas elas únicas ...” <b>UR2</b></p> <p>E6- “... o estar com o outro... é sem dúvida nenhuma o estar com o outro, ... estar na relação com o outro, empatizar e conseguir empatizar com o outro...” <b>UR1</b></p> <p>E9- “...o que me atrai mais é eu ter o privilégio de acompanhar pessoas em situações extremas e poder ver ... poder acompanhar o percurso delas e poder perceber que elas conseguem ultrapassar situações que são extremas...” <b>UR2</b></p> <p>E12- “Há, e a raiz também tem haver com o prazer de estar em relação...” <b>UR8</b></p> <p>E15 “... a parte das relações humanas que é fundamental e que me permite estabelecer laços de alguma forma profissionais ...que me faz muito feliz...” <b>UR2</b></p> <p>E16-“... mas se calhar aquilo que...que me atrai é a possibilidade de contribuir para...para o bem-estar da outra pessoa...” <b>UR1</b></p>	<p>9</p>
---	----------------------------	--	----------

<p><b>Motivação centrada no Outro</b></p>	<p>Desenvolvimento Pessoal do Outro</p>	<p>E17- “E depois o fato de ser uma profissão baseada na relação e no outro ....e no estar com o outro portanto, isso também é...é uma das áreas que me atrai muito nesta profissão.” <b>UR4</b></p> <p>E18- “...também a questão de ser um trabalho que implica a relação humana...” <b>UR5</b></p> <p>E18- “...através da relação que se estabelece entre as pessoas nós podemos contribuir, para uma melhoria do bem-estar das pessoas e é óbvio que isso atrai qualquer psicólogo clínico...” <b>UR6</b></p> <hr/> <p>E2- “...acho que tem a ver com esse processo de crescimento, com esse processo de construção ... é bom nós vemos os outros a crescer é bom...” <b>UR1</b></p> <p>E4- “...foi sempre o poder ajudar o outro a crescer e desenvolver-se.” <b>UR2</b></p> <p>E10- “Essencialmente este aspeto de colaborar no desenvolvimento das pessoas...” <b>UR1</b></p> <p>E12- “...o que me atrai muito é participar no desenvolvimento na evolução, da...de uma criança ou de um adulto ou de um adolescente <b>UR5</b> (...) ajudar a essa...contribuir para essa autonomia, para essa maior libertação...” <b>UR6</b></p> <p>E13- “...no fundo também percebermos que fazemos parte aqui de toda uma evolução e aprendizagem das próprias pessoas...” <b>UR1</b></p>	<p>9</p>
---	---	--	----------

<p><b>Motivação centrada no Outro</b></p>	<p>Conhecimento/ Compreensão do Outro</p>	<p>E14- “...é a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento das pessoas” <b>UR1</b></p> <p>E14- “Portanto dar à pessoa a possibilidade de perceber isso e de se sentir mais autónoma, penso que é aquilo que mais me atrai, no fundo torna-la mais senhora de si própria, mais senhora da sua própria vida.” <b>UR2</b></p> <p>E16- “...assistir ao crescimento de outra pessoa, eu penso que isso é sempre gratificante...” <b>UR2</b></p> <hr/> <p>E1- “As pessoas ... a engenharia das pessoas <b>UR1</b> (...) Eu gosto de desmontar pessoas ... Desmontar no sentido de perceber ...” <b>UR2</b></p> <p>E1- “E eu gosto de perceber, para o bem e para o mal, a maioria das pessoas com quem eu lido aqui <b>UR3</b> (...) às vezes levo anos a perceber, como é que aquela pessoa chegou aqui assim?” <b>UR4</b></p> <p>E8- “... o interesse por saber como é que aquela pessoa é...” <b>UR1</b></p> <p>E9- “ Conhecer .... Conhecer as pessoas, conhecer a forma como elas vivem...” <b>UR1</b></p> <p>E19- “é conhecer o ser humano, é perceber os meandros, porque não há uma pessoa igual à outra, é perceber as influencias que a história de vida dessa pessoa, teve para a pessoa...” <b>UR1</b></p> <p>E20- “perceber mais das pessoas e do ser humano, isso foi o que me atraiu em primeiro lugar.” <b>UR1</b></p>	<p>8</p>
---	---	--	----------

<b>Motivação centrada no Outro</b>	Diversidade de Domínios de Intervenção	<p>E10-“ O que me atrai mais é ... e depois também o poder trabalhar como eu trabalho com várias fases da vida...” <b>UR3</b></p> <p>E11-“Acho que um psicólogo clínico pode fazer imensas coisas, pode dar um contributo, uma visão diferente do funcionamento humano e portanto pode intervir em várias áreas.” <b>UR1</b></p> <p>E17-“Principalmente o que me atrai nesta profissão é a diversidade de aspetos que nós podemos utilizar <b>UR1</b> (...) depois é óbvio que cada pessoa segue determinada linha consoante aquilo que faz mais sentido <b>UR2</b> (...) eu acho que é uma mais valia nesta profissão, a vastidão.” <b>UR3</b></p> <p>E18-“Portanto a psicologia clinica, é de fato, como eu dizia há bocado uma área muito abrangente com muitas áreas de intervenção possíveis e portanto também, me atrai a multiplicidade de funções que a psicologia clinica pode ter.” <b>UR6</b></p> <p>E18-“... depois também o fato de ser uma área de intervenção com muitas abordagens possíveis, com muitas leituras possíveis e com muitos contextos de aplicação possível...” <b>UR9</b></p> <p>E20-“...acho que me atrai a diversidade de intervenção, porque mesmo o psicólogo clinico pode desenvolver diversos tipos de intervenção...” <b>UR2</b></p> <hr style="width: 50%; margin: 20px auto;"/>	8
	Ajudar o Outro	<p>E2- “... de ajudar as pessoas a contar a história de forma diferente e a arrumar a casa dessa mesma forma ... acho que é isso que mais me atraí.” <b>UR3</b></p> <p>E4- “A ajuda do outro ...” <b>UR1</b></p> <p>E5- “... essencialmente é ajudar os outros a resolver problemas...” <b>UR1</b></p> <p>E7- “Para já o poder ajudar...” <b>UR1</b></p>	7



<p><b>Motivação centrada no Outro</b></p>	<p>Contribuir para a mudança do Outro</p>	<p>E12-“... ajudarmos o outro a poder ser mais livre e mais de acordo consigo próprio...” <b>UR7</b></p> <p>E18- “qualquer clinico tem por trás uma...uma gratificação inerente ao seu exercício de perceber, que faz a diferença e que ajuda e que pode ajudar os outros, portanto, utilizar as ferramentas que tem ao seu dispor, para poder ajudar os outros.” <b>UR4</b></p> <p>E19-“...principalmente ajudar .... as pessoas” <b>UR2</b></p> <hr/> <p>E3- “É exatamente isso é a mudança, a possibilidade de se mudar...” <b>UR1</b></p> <p>E3- “Eu acho que isso é uma das principais coisas que me atrai nesta profissão, é precisamente as pessoas puderem perceber que têm na sua mão a possibilidade de mudaram...” <b>UR2</b></p> <p>E6- “... fascina-me muito quando a gente percebe que de alguma forma a nossa intervenção tocou o outro promovendo-lhe uma mudança” <b>UR2</b></p> <p>E6- “...centro-me muito na pessoa a possibilidade de mudança ... e ... portanto isso atrai-me bastante...” <b>UR3</b></p> <p>E7- “...promover a mudança sempre na vertente da melhoria...” <b>UR2</b></p>	<p>5</p>
---	---	--	----------

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p style="text-align: center;"><b>Motivação centrada no Próprio</b></p>	<p style="text-align: center;">Autodesenvolvimento e Realização Pessoal</p>	<p>E2- "...vermos os outros a crescer é bom, também nos ajuda a crescer enquanto pessoas ... eu acho que isso é fantástico." <b>UR2</b></p> <p>E10- "...colaborar no desenvolvimento das pessoas e fazer passar por aí o meu próprio ..." <b>UR2</b></p> <p>E13- "...o que nos pode atrair é simplesmente sentir que estamos a fazer um bom trabalho ou que estamos pelo menos a evoluir e a fazer uma boa aprendizagem..." <b>UR2</b></p> <p>E15- "Gosto do trabalho da minha área que é muito mais direcionada para as famílias e crianças <b>UR3</b> (...) nesta área de trabalho em particular atrai-me tudo <b>UR4</b> (...) aprende-se muito com eles e com as famílias e com as realidades diferentes que existem...e sinto-me sempre um ser em evolução, quando estou em contato com outras realidades." <b>UR5</b></p> <p>E18- "...é óbvio que eu acho, que qualquer clinico tem por detrás ...uma gratificação inerente ao seu exercício de perceber, que faz a diferença e que ajuda e que pode ajudar os outros..." <b>UR3</b></p> <hr/>	<p style="text-align: center;">7</p>
	<p style="text-align: center;">Desafio de Atualização Continua</p>	<p>E15- "...não é uma área estática em que nós o que sabemos hoje, vamos saber amanhã e pronto, não é nada disso ... pois requer constante atualização e isso é uma coisa que me interessa e que faz parte da minha maneira de ver o mundo ... é uma área sempre em desenvolvimento ... que exige da nossa parte uma grande procura e uma intenção de conhecimento..." <b>UR1</b></p> <p>E16- "...sem dúvida é uma profissão em que nós...nos confrontamos constantemente com esta necessidade de...necessidade de saber mais, de como fazer melhor..." <b>UR4</b></p> <p>E16- "Por isso há muita vontade de saber mais, de ver o que é que a investigação vai produzindo, é por aí, acho que é sobretudo isso que me cativa e que me atrai neste momento." <b>UR5</b></p> <p>E18- "...portanto há uma aprendizagem constante também caso a caso..." <b>UR8</b></p>	<p style="text-align: center;">4</p>



### Tema 3- Trajetórias identitárias do Psicólogo Clínico

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p><b>Dimensão Saber-Saber</b></p> <p>(Domínio Cognitivo)</p>	<p>Formação Académica</p>	<p>E1 “...muitos jargões da Psicologia Clínica sobretudo da área psicologia dinâmica que eu obviamente não optei mas tive formação sobre ela...” <b>UR4</b></p> <p>E2- “...começa logo na faculdade, na universidade ... nós vamos adquirindo as ferramentas e quanto mais sólidas e quanto mais estruturadas forem essas ferramentas que nós vamos armazenando ... mais fácil se vai tornar e mais assertivas e com mais boas práticas nós vamos ter à nossa volta para poder depois começar a intervir no terreno.” <b>UR1</b> (...) quando eu sai da faculdade e entrei no mercado de trabalho, eu tinha alguma confiança nos instrumentos que tinha adquirido, <b>UR2</b> (...) partir daí eu acho que é ... acaba por ser meio caminho andado entre aspas para a coisa correr bem <b>UR3</b> (...) porque nós ficamos mais seguros enquanto técnicos e mais seguros também enquanto pessoas e depois é ir pela autenticidade, mas já temos lá as ferramentas” <b>UR4</b></p> <p>E4-“... depois de ter tirado psicologia clinica, optei por quarto e quinto ano ...” <b>UR2</b></p> <p>E5-“... em termos da formação académica não prepara, atrevo-me mesmo a dizer que não prepara minimamente pelo menos para a área para a qual eu vim trabalhar <b>UR2</b> (...) são temáticas e problemáticas que são muito pouco ou nada abordadas em termos académicos e na formação de base como sejam a área dos cuidados paliativos, áreas relacionadas com a morte...” <b>UR3</b></p> <p>E6-“... de fato fui para um curso de psicologia e tive três anos de tronco comum e depois havia que fazer a escolha de especialização nos últimos dois anos. Sem dúvida que a minha maior paixão foi de fato a psicologia clínica ...” <b>UR2</b></p> <p>E7-“...quando escolhi no final do terceiro ano o ramo que queria ... escolhi logo clínica, na altura havia vários tipos de clínica e eu escolhi aquela para já com que me identificava mais e que me</p>	<p>24</p>

<p><b>Dimensão Saber-Saber</b> (Domínio Cognitivo)</p>	<p>Formação Académica</p>	<p>permitisse uma intervenção mais abrangente...” <b>UR1</b></p> <p>E7- “...acho que esta profissão, a pessoa precisa além de ter uma formação de base muito ... digamos abrangente, mas ao mesmo tempo tem que ser aprofundada...” <b>UR2</b></p> <p>E8- “...Pois além do curso que todos nós temos que ter ...” <b>UR1</b></p> <p>E9- “Bem inicialmente foi a minha formação inicial, houve alguns professores que me marcaram muito na minha história...” <b>UR1</b></p> <p>E10-“ Para já a formação de base na universidade foi extremamente importante...” <b>UR1</b></p> <p>E11-“ Para me tornar psicóloga clínica foi só preciso fazer a formação na faculdade...” <b>UR 1</b></p> <p>E12-“ Para me tornar psicólogo clínico foi só mesmo necessário fazer o curso na faculdade.” <b>UR1</b></p> <p>E13-“... eu tirei uma licenciatura batalhei para uma licenciatura e sou do tempo em que se fazia uma licenciatura ainda em cinco anos...” <b>UR1</b></p> <p>E15-“...do percurso dos cinco anos da licenciatura foi uma crescente de gosto e foi uma crescente de conhecimento pessoa <b>UR3</b> (...) tive algumas disciplinas determinantes para a técnica que sou hoje, psicoterapia, psicopatologia do adulto, foram disciplinas que tive e que me marcaram bastante...e de uma forma global foi isso que marcou a minha carreira profissional e quer do ponto de vista pessoal, quer do académico...” <b>UR4</b></p> <p>E16- “...nós somos tentados, aaah...a pensar naquilo que nos ensinaram durante o curso sobre o que é a psicologia e ect” <b>UR1</b></p> <p>E16- “... quando nós estamos no curso desenvolvemos um bocadinho a ideia de que aaaa...a psicologia é um remédio para todos os males” <b>UR4</b></p> <p>E17-“... Eu acho, que primeiro que tudo é a formação, eu acho que é muito importante, nós tentarmos sempre formar...” <b>UR1</b></p>	
--	-------------------------------	--	--

<p><b>Dimensão Saber-Saber</b> (Domínio Cognitivo)</p>	<p>Formação Académica</p>	<p>E18-“... Fiz a formação de base, na formação de base escolhi logo a partida, nos últimos dois anos uma área de especialização...” <b>UR2</b></p> <p>E19-“... entrei no curso gostei, já tinha a ideia....gostava da ideia, depois de realizar na prática e de começar a estudar concretamente as matérias, ainda mais encantada fiquei...” <b>UR2</b></p>	
--	---------------------------	--	--

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p><b>Dimensão Saber-Saber</b> (Domínio Cognitivo)</p>	<p>Formação Contínua</p>	<p>E3-“ Este processo todo não pode ser um processo teórico e fechado, não! Implica relação, portanto para se chegar aqui implica isso, implica muita formação na forma como nós utilizamos a relação como instrumento de trabalho.” <b>UR2</b></p> <p>E5-“...formação académica adequada ... e formação ao longo do tempo ou seja uma atualização que é também necessária e não ter uma perspetiva redutora inclusive em termos de orientação teórica e em termos de prática clínica, porque se for assim não vamos conseguir responder a muitos dos casos ...” <b>UR6</b></p> <p>E6-“...Fiz os cinco anos na área clínica ... depois, fui sempre fazendo sempre workshops <b>UR3</b> (...) fui formações, workshops, congressos, seminários e portanto fui sempre procurando estar muito ativa.” <b>UR5</b></p> <p>E8-“...além do curso, a questão da formação contínua que eu acho fundamental.” <b>UR2</b></p> <p>E9- “...não pode esquecer as leituras os referenciais teóricos à parte do estudo, eu acho que o psicólogo tem que estudar toda a vida, tem que se ir sempre atualizando das novas correntes, tem que investigar, tem que ler muito...” <b>UR7</b></p> <p>E9- “... acho que é importante quando uma pessoa escolhe uma orientação teórica acho que não deve ficar fechada nessa orientação...” <b>UR8</b></p>	<p>14</p>

<p><b>Dimensão Saber-Saber</b> (Domínio Cognitivo)</p>	<p>Formação Continua</p>	<p>E9- “... enquanto que para uma pessoa se eu tiver uma orientação funciona para outra pessoa pode não funcionar...” <b>UR9</b></p> <p>E12- “...ainda hoje pertenço também ao seminário clínico do professor Coimbra de Matos, portanto coisa que sempre, sempre tenho mantido <b>UR4</b> (...) desde 99 portanto já há algum... já há 12 anos praticamente que pertenço ao seminário dele, isso para mim é imprescindível nunca podemos pensar que já sabemos tudo...” <b>UR5</b></p> <p>E12-“ ... tenho sempre além dos congressos dos workshops aquilo que nós fazemos também como formação continua, um trabalho de discussão de troca de impressões que isso para mim ...é fundamental <b>UR8</b> (...) mas tentei sempre, sempre fazer formações que me dessem ou que fossem uma mais valia pessoal e sobretudo que se aplicassem muito também ao meu trabalho específico...” <b>UR9</b></p> <p>E15-“...mas tenho continuado a minha formação com pequenas formações profissionais ...gosto sempre de estar atualizada só não vou quando não posso faço muita formação <b>UR5</b> (...) portanto, vou sempre tentando fazer as atualizações possíveis para me manteatualizada...”<b>UR6</b></p> <p>E17-“Eu acho, que primeiro que tudo é a formação, eu acho que é importante nós tentarmos sempre formar, e estarmos sempre em atualização, porque a psicologia tal como as outras áreas vão evoluindo e vão mudando, e eu acho que a formação, e nós estarmos atualizados em termos de formação é muito importante.” <b>UR2</b></p> <p>E18-“...um psicólogo clinico não deve ter só competências intelectuais, que implica sempre uma atualização constante e primária da psicologia clinica e da saúde, esta atualização é muito intensa...” <b>UR7</b></p> <p>E20-“ Depois foi o fazer muita formação...” <b>UR2</b></p>	
--	------------------------------	---	--

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p><b>Dimensão Saber-Saber</b> (Domínio Cognitivo)</p>	<p>Formação Pós -Graduada</p>	<p>E1- “Depois entrei na formação oficial, tinha que ter a formação oficial da Sociedade, fiz a formação da Sociedade...” <b>UR8</b></p> <p>E4- “...entrei na sociedade portuguesa de psicoterapia clinica para tirar o curso de psicoterapias... a questão da formação foi uma coisa assim logo de inicio, passado um ano e tal, dois anos no máximo de ter tirado o curso, iniciei curso de psicoterapia...” <b>UR3</b></p> <p>E6-“... fiz mais cinco anos de terapia três anos teóricos e dois de supervisão na área da terapia familiar...” <b>UR6</b></p> <p>E7-“...fiz uma pós-graduação no ramo de clínica também...” <b>UR4</b></p> <p>E10- “...depois também foi muito contributivo para o meu desenvolvimento o meu doutoramento...” <b>UR5</b></p> <p>E11-“ Pois é necessário se calhar a pessoa fazer a formação nessa área e depois escolher uma das áreas de formação posterior <b>UR6</b> (...) Como a formação na sociedade de psicanálise...” <b>UR7</b></p> <p>E12- “...tenho feito formação, formações vários anos em psicoterapeuta...” <b>UR2</b></p> <p>E13-“...gostaria imenso de fazer... o curso a pós graduação em cognitivo-comportamentais mas é completamente inviável economicamente e temporalmente não tenho tempo para fazer...” <b>UR2</b></p> <p>E18-“...eu quis aprofundar o modelo de referência cognitivo-comportamental, portanto, foi fazer a pós graduação na Associação Portuguesa de Terapias comportamental-congitivas ...em Lisboa...” <b>UR3</b></p> <p>E18- “...também, necessidade de fazer um mestrado em psicologia da saúde, porque já e na altura fazia intervenção em contexto de doença crónica e portanto, o mestrado em psicologia da saúde, abriu-me também portas para perceber melhor uma série de aspetos...” <b>UR8</b></p>	<p>11</p>



Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p><b>Dimensão Saber-Fazer</b> (Domínio Psico-Motor)</p>	<p>Supervisão</p>	<p>E1 “...só comecei a saber de Psicologia Clínica quando comecei a ter supervisão ao vivo em direto...” <b>UR2</b></p> <p>E1-“... comecei logo com supervisão com a pessoa que me tinha ensinado nas Taipas, que era o Manuel Peixoto e ele foi meu supervisor do estágio dez anos que eu tive de supervisão comparticipada do pelo serviço <b>UR8</b> (...) Sempre o mesmo supervisor, foi absolutamente fantástico sempre o mesmo supervisor e o mesmo grupo, porque é bom era um grupo fechado e que não entrava ninguém e ajuda imenso <b>UR9</b> (...) estou aqui e tenho imensa pena de não ter supervisão.” <b>UR10</b></p> <p>E4-“... iniciei o curso de psicoterapia em que tinha uma supervisão de orientação psicanalítica” <b>UR4</b></p> <p>E7- “...tem que fazer supervisão e um desenvolvimento pessoal...”<b>UR3</b></p> <p>E7-“... bons supervisores e depois a partir daí continuar a aprofundar o percurso em termos de psicologia clínica <b>UR4</b> (...) tive sempre supervisão durante cinco anos <b>UR5</b> (...) só terminei a agora que senti que já não era necessár pontualmente se sentir necessário ainda tenho.” <b>UR6</b></p> <p>E8- “...aquilo que falávamos há bocado que é a supervisão é impensável tentarmos ajudar outros e não termos esse processo de supervisão .... sem estar, se calhar quando comecei fazia supervisão semanal, depois começa-se a ganhar prática e já não é necessário semanalmente, mas manter essa supervisão, eu acho que é fundamental...” <b>UR3</b></p>	<p>18</p>

<p><b>Dimensão Saber-Fazer</b> (Domínio Psico- Motor)</p>	<p>Supervisão</p>	<p>E10-“...depois a supervisão foi importantíssima também, o poder fazer supervisão isto talvez durante quinze anos, eu fiz supervisão durante quinze anos...” <b>UR3</b></p> <p>E12-“...tenho estado praticamente estes anos todos de 23 anos de prática clínica sempre em...ou participar em grupos de supervisão <b>UR3</b> (...) quando comecei a minha prática clínica tinha uma supervisão individual durante vários anos, agora já não é individual já é neste grupo...” <b>UR6</b></p> <p>E14-“ Depois tive necessidade obviamente, e acho que isso foi fundamental de começar a fazer supervisão rapidamente e isso foi talvez uma das coisas mais importantes ao longo do meu processo de formação foi os processos de supervisão.” <b>UR2</b></p> <p>E17- “Eu acho que a supervisão também é um fator fundamental nesta nossa ascensão a...a psicólogo Clínico <b>UR4</b> (...) mas termos alguém com quem nós possamos discutir os casos... se calhar com maior experiência do que nós, que nos possa abrir o leque também de intervenções e de coisas que nos vão escapando é muito importante.” <b>UR5</b></p> <p>E18-“... durante bastante tempo...estive ligado a grupos de supervisão em grupo, também fiz supervisão individual...” <b>UR5</b></p> <p>E20-“...ter supervisão, que eu acho que é fundamental quando se trabalha com pessoas, porque é importante nós também percebermos a forma como nos estamos a implicar com aquela pessoa e termos alguma de forma, quem nos possa dar alguma ajuda...” <b>UR3</b></p> <p>E1 “Eu acho que isto não se aprende, isto não há forma de aprender do ponto de vista teórico, isto</p>	<p>13</p>
---	-------------------	---	-----------

<p><b>Dimensão Saber-Fazer</b> (Domínio Psico-Motor)</p>	<p>Experiencia em Contextos de Prática Clínica</p>	<p>aprende-se fazendo...” <b>UR3</b></p> <p>E3-“... se, nós não tivermos prática de interação com as pessoas também não vamos fazer bons relatórios, também não vamos fazer bons pareceres.” <b>UR1</b> (...) usamos a relação é o nosso principal instrumento de trabalho, e tem que se ter efetivamente muita formação para se perceber como é que a relação que estabelecemos com o outro pode promover o seu bem-estar e acho que isso é uma aprendizagem de todos os dias e implica um desenvolvimento nosso enorme.” <b>UR3</b></p> <p>E8 “...mas é mau quando um professor deixa aprender com os de alunos e nós com os pacientes ou quem nos procura, podemos também aprender alguma coisa com eles.” <b>UR7</b></p> <p>E10-“... depois claramente as oportunidades de trabalho, nós para sermos psicólogos clínicos precisamos ter contextos de trabalho que nos ajudem nesse sentido e eu tive muita sorte, eu desde muito cedo tive a possibilidade de trabalhar a clinica privada com uma grande liberdade e com a possibilidade entre “aspas” de experimentar formas de estar com as pessoas e isso foi muito bom...” <b>UR2</b></p> <p>E11-“... quando terminei o curso comecei a dar aulas, de 10ºano para ai de psicologia; depois comecei a trabalhar numa escola a fazer...uma série de acompanhamentos psicológicos, entrei para o centro de saúde <b>UR2</b>(...) foi o meu melhor manual porque foi o sítio onde fiz mais coisas <b>UR3</b> (...) ai foi mesmo onde me tornei psicólogo clínico, psicóloga clínica, na medida em que aquilo permitiu abranger imensas áreas.” <b>UR4</b></p> <p>E14-“A minha ligação á psicologia clínica vem através do meu trabalho terapêutico que foi,.... comecei a trabalhar como psicoterapeuta ou primeiro a fazer intervenção individual...com...em, em inicialmente não foi em contexto privado foi num contexto de serviço público...” <b>UR1</b></p> <p>E16- “...e as exigências da prática, as especificidades da prática fazem-nos também, mudar um</p>	
--	--	--	--

<p><b>Dimensão Saber-Fazer</b> (Domínio Psico- Motor)</p>	<p>Estágios</p>	<p>bocadinho as nossas...as nossas ideias acerca do que é a psicologia” <b>UR2</b></p> <p>E17-“Depois eu acho, que a prática clínica é fundamental, porque é óbvio que nós temos uma teoria por trás, é óbvio que a teoria nos influencia, mas com a prática vamos ganhando ferramentas, que nos possibilitam cada vez, irmos melhorando mais o trabalho.” <b>UR3</b></p> <p>E18-“... Eu acho que nós...vamos tornando cada vez, mais psicólogos clínicos...o psicólogo clínico, que eu sou hoje, claramente, que não vai ser o mesmo espero, que daqui a uns anos, portanto, nós...há aqui desenvolvimento pessoal e profissional, que acompanha este processo.” <b>UR1</b></p> <p>E20-“Em primeiro lugar a prática profissional. Acho que nós lermos as coisas nos livros é uma coisa, nós fazermos no dia a dia no trabalho é completamente, diferente.” <b>UR1</b></p> <hr/> <p>E1-“...eu estagiei quando fiz o estágio da faculdade, <b>UR2</b> (...) e fiz um mini estágio e portanto fiz dois estágios, esse era o principal e depois deixavam-me tirar umas horas para fazer um estágio no Hospital de Santa Maria com alcoólicos <b>UR3</b> (...) sou de Évora e de repente apareceu a oportunidade de trabalhar aqui tipo estágio, estágio profissional nesta área <b>UR4</b> (...) e ao fim de estar a estagiar, eu sei lá, um mês e meio para aí, eles precisaram de meter um psicólogo e como eu era a única de sistémica e não havia ninguém que quisesse para trabalhar com famílias. <b>UR5</b> (...) Depois fui fazer um estágio para as Taipas, assim, tipo relâmpago <b>UR6</b> (...) Larguei, tudo fui para Lisboa e estive lá um mês intensivamente das nove da manhã às dez da noite, porque aquilo não fechava.... a ver famílias a trás do espelho, ao fim de um mês vim trabalhar e pronto foi assim.” <b>UR7</b></p> <p>E5-“... foi feito um estágio académico feito no serviço de oncologia sem ter um psicólogo no serviço, foi uma descoberta constante recheada de obstáculos, mas também recheada ... de momentos de</p>	<p>9</p>
---	-----------------	---	----------

<p>Dimensão Saber-Fazer (Domínio Psico-Motor)</p>	<p>Intervisão</p>	<p>muita satisfação e de obter logo desde o inicio nalguns casos, não em todos como é obvio resultados que acabaram por estimular e por motivar.” <b>UR5</b></p> <p>E6-“... entre estágios académicos, profissionais, voluntariado .... enriqueci muito ....porque aí sim, eu estava a trabalhar ... nesta área que eu tinha de fato tinha feito opção, que era a saúde mental.” <b>UR4</b></p> <p>E7-“... um bom estágio, acho que é isso que faz a diferença logo bons orientadores de estágio, além dos professores, ter bons orientadores de estágio...” <b>UR2</b></p> <hr/> <p>E8-“...já houve anos em que em simultâneo com a supervisão que nunca deixei um grupo de colegas que partilhamos ideias e discutimos casos clínicos, será uma intervisão nesse sentido...” <b>UR4</b></p> <p>E10-“...experiencia entre pares houve uma altura em que nós criamos aqui um grupo de supervisão entre pares que foi muito rica essa experiencia...” <b>UR4</b></p> <p>E12-“...neste grupo que também acaba por ser supervisão porque tem professor mas também de intervisão com os colegas...” <b>UR7</b></p> <p>E18-“... intervisão, grupos de intervisão, eu tive a sorte de trabalhar em contextos, em que sempre houve grupos de intervisão a discutir casos clínicos...e acho, que isso é muito útil...e não sendo possível continuar a supervisão, nem sempre é possível, mas ter intervisão é muito útil não só para...para pensar os casos e com isso crescermos, mas também para partilharmos experiências, de fato refletirmos em conjunto sobre casos das outras pessoas...” <b>UR9</b></p>	<p>4</p>
---	-------------------	---	----------

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo (UR)	(f)
<p style="text-align: center;"><b>Dimensão Saber- Ser/Saber- Estar</b> (Domínio Afetivo)</p>	<p style="text-align: center;">Decisão Pessoal</p>	<p>E1- “o vir para a clínica ..., o escolher a sistémica, acho que tem muito a ver comigo, porque não tenho estrutura para ter uma postura muito passiva que é exigido num modelo psicodinâmico, não é para mim...” <b>UR1</b></p> <p>E4-“Quando entrei na faculdade já sabia ao fim do primeiro ano, que ia seguir clinica...” <b>UR1</b></p> <p>E6- “ ...eu escolhi esta profissão no meu nono ano, não se falava ainda de psicólogos nesta altura, não se falava muito de psicólogos...fiz esta opção muito cedo e de fato fui para um curso de psicologia...” <b>UR1</b></p> <p>E11-“E depois foi uma opção pessoal, escolhi a via da formação em psicanálise...” <b>UR5</b></p> <p>E15-“ ... o primeiro contato com a psicologia foi nessa altura...e foi a primeira disciplina pelo qual me interessei verdadeiramente <b>UR1</b> (...) no final do ano, após as notas que foram agradáveis não surgiu muito a dúvida que seria aquela a minha área de...de futuro...” <b>UR2</b></p> <p>E16- “em primeiro lugar e talvez tenha sido o mais marcante, eu fiz parte de um grupo de jovens.... que era coordenado por uma psicóloga e nós fomos muito envolvidos no trabalho comunitário <b>UR1</b> (...) ainda por cima sentia que podia “ter jeito para coisa”, gostava de ouvir, gostava do contato com as pessoas....tinha também vontade de me conhecer mais <b>UR2</b> (...) eu realmente a da altura senti-me muito perdido, no que é que me poderia realizar em termos profissionais.... no que é que eu queria fazer....essa indecisão deu espaço para que esse interesse se pudesse instalar...” <b>UR3</b></p> <p>E19- “Olhe eu, tinha já a fantasia de para mim psicologia era psicologia clinica, aliás quando eu iniciei não tinha a noção de que haviam diferentes áreas...” <b>UR1</b></p>	<p style="text-align: center;">10</p>
		<p>E4-“...comecei a fazer a minha própria psicoterapia individual, que é curricular no âmbito de grupo-</p>	<p style="text-align: center;">5</p>

<p><b>Dimensão Saber-Ser/Saber-Estar</b> (Domínio Afetivo)</p>	<p>Processo de Análise Pessoal</p>	<p>análise, de orientação psicanalítica...” <b>UR5</b></p> <p>E8-“...depois há um outro aspeto que há sociedades e há opiniões que apontam no sentido que deveria ser obrigatório, que é a questão do processo pessoal. Eu própria tenho uma análise completa e depois tenho uma experiencia também pessoal de um grupo de psicodrama psicanalítico que eu acho que fundamental para não tentarmos contaminar as nossas dificuldades...” <b>UR5</b></p> <p>E14-“...experimentei e foi muito importante o processo de análise pessoal e de conhecimento pessoal e de psicoterapia pessoal <b>UR3</b> (...) mas se distinguisse alguma coisa diria claramente que são os processos de supervisão e o processo de análise pessoal que foram as duas coisas mais importantes do meu trabalho... da minha formação.” <b>UR4</b></p> <p>E18-“...também fiz um processo terapêutico....pronto, que me permitiu aprofundar um pouco melhor o conhecimento sobre os meus limites em termos de intervenção...” <b>UR6</b></p> <hr/>	<p>4</p>
	<p>Formação enquanto Pessoa</p>	<p>E5-“Foi necessário ... essencialmente e muitas das vezes crescer sozinho, sem grande <b>UR1</b> ... sem grande apoio ... é preciso uma formação académica adequada mas também uma formação pessoal ... como eu costumo dizer muitas das coisas não se aprendem na universidade...” <b>UR4</b></p> <p>E9-“ ...se calhar foi todas as experiencias da minha vida, pessoais, as relações que tive na minha família, com os amigos, as formações que fiz que aparentemente não tinha nada a ver, as viagens que fiz, os livros que li, tudo isso contribuiu...” <b>UR2</b></p> <p>E18-“...fiz esse processo formativo que implica, uma componente de desenvolvimento pessoal” <b>UR4</b></p>	